

Convergência

JANEIRO/FEVEREIRO • 2017 • ANO LII

498

Revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil – CRB

ISSN 0010-8162



Convergência ISSN 0010-8162

Diretora: Irmã Maria Inês Ribeiro, mad
Editor: Irmão Lauro Daros, fms
Redatora: Irmã Maria Aparecida das Dores Silva, fsp – MTb 3773/DF

Conselho Editorial: Frei Moacir Casagrande, ofmcap
Irmã Helena Teresinha Rech, sst
Irmã Vera Ivanise Bombonato, fsp
Jaldemir Vítório, sj
João Edênio Valle, svd

Projeto gráfico: Manuel Rebelato Miramontes
Coordenação de revisão: Marina Mendonça
Revisão: Sandra Sinzato
Impressão: Gráfica de Paulinas Editora
Ilustração da capa: Irmã Patrícia Souza da Silva

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II
70393-900 - Brasília - DF
Tel.: (61) 3226-5540 - Fax: (61) 3225-3409
E-mail: crb@crbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73

Sumário

Editorial

Alegria e paz 5

Mensagem do Papa

Alegria e paz na *Laudato Si'* 8

Rosto Misericordioso do Pai

O olhar misericordioso de Deus
ZELIA CASTILHO ROGEDO 11

Mártires/Santos

Nhá Chica 13

Informes

Modelo de Intervenção Global em Sexologia – MIGS
JUREMA MARIA BERTI 15

Narrando a experiência sobre intercongregacionalidade
IRMÃ IDENEIDE DO REGO 21

Comunidade – Relação x poder
FREI MOACIR CASAGRANDE E IRMÃ ZENILDA PETRY 23

Artigos

A missão de guardiões da Criação
PE. JOSAFÁ CARLOS DE SIQUEIRA 26

Obrigado/a, irmã água!
NICOLAU JOÃO BAKKER 34

Uma chave para a compreensão do momento brasileiro
PEDRO DE ASSIS RIBEIRO DE OLIVEIRA 47

Chaves de compreensão “deste momento triste para o brasileiro” (Papa Francisco) ÉLIO ESTANISLAU GASDA	59
Formação inicial: acompanhamento e discernimento GIOVANNI CIPRIANI	72
A boa notícia da família: novas posturas e novos métodos JOÃO DÉCIO PASSOS	79
A educação nas escolas católicas CLEMENTE IVO JULIATTO	89
“E todos vocês são irmãos” (Mt 23,8) Alguns destaques de um importante documento IRMÃO IGNÁCIO LÚCIO WESCHENFELDER	100

Alegria e paz

Iniciemos felizes e em paz o ano de 2017, celebrando e agradecendo a Deus por pertencermos a este tempo e a este espaço, fazendo parte da história e fazendo história. Na *Laudato Si'*, o Papa Francisco ensina que paz é muito mais que ausência de guerra, e afirma: “a paz interior das pessoas tem muito a ver com o cuidado da ecologia e com o bem comum, porque, autenticamente vivida, se reflete num equilibrado estilo de vida aliado com a capacidade de admiração que leva à profundidade da vida”.

Na seção Rosto de Misericórdia, Zelia Castilho afina-se com o Papa e expressa: “Louvado sejas, meu Senhor, pelos irmãos que abraçam com reverência a Mãe-Terra, nossa casa comum, fraterna e sororalmente celebrada. E com o coração, nela não enxergam a fonte da riqueza perversa, origem da exploração de poucos sobre tantos e tantos deserdados”.

A seção Mártires/Santos traz a breve biografia de Nhá Chica: “Foi toda do Senhor. Se dava bem com os pobres, ricos e com os mais necessitados. Atendia a todos os que a procuravam, sem discriminar ninguém, e para todos tinha uma palavra de conforto, um conselho ou uma promessa de oração”.

Você e sua instituição conhecem o Modelo de Intervenção Global em Sexologia (MIGS)? Jurema Maria Berti nos apresenta na seção Informes: “O MIGS propõe métodos de intervenção educativos e terapêuticos que podem adaptar-se a muitas áreas das ciências humanas (medicina, psicologia, sexologia, ciência sociais, pastoral, teologia, filosofia, pedagogia, educação etc.)”.

Também nos Informes, Irmã Ideneide do Rego narra sua experiência de intercongregacionalidade no Haiti. “Sou grata a Deus por participar desta experiência da Comunidade Intercongregacional no Haiti, coordenada pela CRB (Conferência dos Religiosos do Brasil e CNBB – Conferência

Nacional dos Bispos do Brasil). Através desta experiência Deus tem realizado maravilhas em minha vida.”

Na XIV AGE, os religiosos e religiosas puderam participar de várias mesas temáticas. Um dos temas foi “Comunidade – relação x poder”, sob orientação do Frei Moacir Casagrande e Irmã Zenilda Petry. Para eles, “todas as relações são de algum modo manifestação de poder, e todo poder se expressa em algum tipo de relação. A questão é o princípio orientativo que habita quem toma a iniciativa e a meta desejada, se considera ou não a realidade da outra pessoa”.

A seção Artigos inicia-se com o lema da CF 2017: “Cultivar e guardar a Criação”, texto de Pe. Josafá Carlos de Siqueira: “A missão de guardiões da Criação”. O autor diz que “a nossa missão diante de toda a Criação consiste em colaborar com o Criador, para que as criaturas possam continuar existindo e glorificando a Ele, e não permitindo que a obra criacional seja desrespeitada, destruída e mutilada, como nos recorda o Papa Francisco na *Laudato Si*”.

Nicolau Bakker também escreve sobre a CF 2017, mas focando o tema “Biomassas brasileiros e defesa da vida”, com o artigo: “Obrigado/a, irmã água!”, em que reflete sobre a água, pois ela vitaliza os biomas. Escreve o autor: “A vida, como veremos, tem sua origem na água e dela depende. Iniciaremos nossa ‘meditação’ olhando para a água como a fonte da ‘vida’. Em seguida veremos o que pode ser feito para cuidar dela de forma mais colaborativa”.

Em seguida, dois textos sobre a realidade brasileira: “Uma chave para a compreensão do momento brasileiro”, de Pedro de Assis Ribeiro de Oliveira, e “Chaves de compreensão ‘deste momento triste para o brasileiro’ (Papa Francisco)”, do autor Élio Gasda. Pedro de Assis mostra que “a chave de leitura da realidade tem como finalidade última a transformação dessa realidade para colocá-la em sintonia com o projeto do Reino de Deus”. Já para Élio Gasda, “coexistem no Brasil dois Estados paralelos: um Estado jurídico formal, que é o Estado Democrático de Direito vigente nas regiões habitadas e frequentadas pelos incluídos no mercado; outro é o estado de exceção que predomina nas periferias e nas regiões habitadas pelos descartados”.

Giovanni Cipriani apresenta o texto “Formação inicial: acompanhamento e discernimento”. Confessa o autor: “A formação foi e é minha paixão, pois ela mantém o coração sempre jovem. Vou partilhar com os/

as leitoras/as algumas reflexões sobre a formação inicial e o processo de discernimento”.

“A boa notícia da família” é o texto de João Décio Passos, que reflete sobre a Exortação *Amoris Laetitia*. “O desafio dessa Exortação será chegar às famílias concretas e, nesse chão, encontrar possibilidades de germinação de suas orientações. As chances de uma recepção autêntica da ‘Boa notícia’ oferecida pelo Documento estão seguramente nas famílias, sujeitos primeiros a receber, vivenciar e transmitir a mensagem.”

Clemente Ivo Juliatto apresenta o texto “A educação nas escolas católicas”. Ele explica: “o presente artigo aborda aspectos relativos à educação oferecida nas escolas católicas, a maior parte delas mantidas por congregações religiosas. Relembra o que se entende por educação e observa algumas características das escolas. Fala sobre o carisma cristão na educação confessional católica e sobre as intenções que orientaram a fundação dessas escolas no passado. Trata de aspectos da espiritualidade, ou do cultivo do espírito, que as congregações ainda acham válidos e que não podem ser descuidados na educação que oferecem. Finalmente, aborda aspectos relativos à qualidade da educação e dos estabelecimentos educacionais”.

Por fim, o Irmão Ignácio Lúcio Weschenfelder escreve sobre o Documento *Identidade e missão do Religioso Irmão na Igreja*, com o texto: “‘E todos vocês são irmãos’ (Mt 23,8) – Alguns destaques de um importante documento”. O autor esclarece: “Uma leitura atenta deste documento permite identificar valores expressos com clareza sobre a Vida Consagrada de Irmãos. Esses valores desvendam a identidade do Irmão como leigo e membro profundamente integrado na vida da Igreja. Nele se manifesta e expressa, da maneira mais genuína, o seguimento de Jesus Cristo”.

IRMÃO LAURO DAROS, MARISTA

Alegria e paz na *Laudato Si'*

Alegria e paz

222. A espiritualidade cristã propõe uma forma alternativa de entender a qualidade de vida, encorajando um estilo de vida profético e contemplativo, capaz de gerar profunda alegria sem estar obcecado pelo consumo. É importante adotar um antigo ensinamento, presente em distintas tradições religiosas e também na Bíblia. Trata-se da convicção de que “quanto menos, tanto mais”. Com efeito, a acumulação constante de possibilidades para consumir distrai o coração e impede de dar o devido apreço a cada coisa e a cada momento. Pelo contrário, tornar-se serenamente presente diante de cada realidade, por mais pequena que seja, abre-nos muitas mais possibilidades de compreensão e realização pessoal. A espiritualidade cristã propõe um crescimento na sobriedade e uma capacidade de se alegrar com pouco. É um regresso à simplicidade que nos permite parar a saborear as pequenas coisas, agradecer as possibilidades que a vida oferece sem nos apegarmos ao que temos nem entristecermos por aquilo que não possuímos. Isto exige evitar a dinâmica do domínio e da mera acumulação de prazeres.

223. A sobriedade, vivida livre e conscientemente, é libertadora. Não se trata de menos vida, nem vida de baixa intensidade; é precisamente o contrário. Com efeito, as pessoas que saboreiam mais e vivem melhor cada momento são aquelas que deixam de debicar aqui e ali, sempre à procura do que não têm, e experimentam o que significa dar apreço a cada pessoa e a cada coisa, aprendem a familiarizar com as coisas mais simples e sabem alegrar-se com elas. Deste modo conseguem reduzir o número das necessidades insatisfeitas e diminuem o cansaço e a ansiedade. É possível necessitar de pouco e viver muito, sobretudo quando se é capaz de dar espaço a outros prazeres, encontrando satisfação nos encontros fraternos, no serviço, na frutificação dos próprios carismas, na música e na arte, no contato com

a natureza, na oração. A felicidade exige saber limitar algumas necessidades que nos entorpecem, permanecendo assim disponíveis para as múltiplas possibilidades que a vida oferece.

224. A sobriedade e a humildade não gozaram de positiva consideração no século passado. Mas, quando se debilita de forma generalizada o exercício de alguma virtude na vida pessoal e social, isso acaba por provocar variados desequilíbrios, mesmo ambientais. Por isso, não basta falar apenas da integridade dos ecossistemas; é preciso ter a coragem de falar da integridade da vida humana, da necessidade de incentivar e conjugar todos os grandes valores. O desaparecimento da humildade, num ser humano excessivamente entusiasmado com a possibilidade de dominar tudo sem limite algum, só pode acabar por prejudicar a sociedade e o meio ambiente. Não é fácil desenvolver esta humildade sadia e uma sobriedade feliz, se nos tornamos autônomos, se excluímos Deus da nossa vida fazendo o nosso eu ocupar o seu lugar, se pensamos ser a nossa subjetividade que determina o que é bem e o que é mal.

225. Por outro lado, ninguém pode amadurecer numa sobriedade feliz, se não estiver em paz consigo mesmo. E parte de uma adequada compreensão da espiritualidade consiste em alargar a nossa compreensão da paz, que é muito mais do que a ausência de guerra. A paz interior das pessoas tem muito a ver com o cuidado com a ecologia e com o bem comum, porque, autenticamente vivida, se reflete num equilibrado estilo de vida aliado com a capacidade de admiração que leva à profundidade da vida. A natureza está cheia de palavras de amor; mas como poderemos ouvi-las no meio do ruído constante, da distração permanente e ansiosa, ou do culto da notoriedade? Muitas pessoas experimentam um desequilíbrio profundo, que as impele a fazer as coisas a toda a velocidade para se sentirem ocupadas, numa pressa constante que, por sua vez, as leva a atropelar tudo o que têm ao seu redor. Isto tem incidência no modo como se trata o ambiente. Uma ecologia integral exige que se dedique algum tempo para recuperar a harmonia serena com a criação, refletir sobre o nosso estilo de vida e os nossos ideais, contemplar o Criador, que vive entre nós e naquilo que nos rodeia e cuja presença “não precisa de ser criada, mas descoberta, desvendada”.

226. Falamos aqui de uma atitude do coração, que vive tudo com serena atenção, que sabe manter-se plenamente presente diante de uma pessoa sem estar pensando no que virá depois, que se entrega a cada momento como um dom divino que se deve viver em plenitude. Jesus ensinou-nos esta atitude, quando nos convidava a olhar os lírios do campo e as aves do céu, ou quando, na presença de um homem inquieto, “fitando nele o olhar,

sentiu afeição por ele” (Mc 10,21). De certeza que Ele estava plenamente presente diante de cada ser humano e de cada criatura, mostrando-nos assim um caminho para superar a ansiedade doentia que nos torna superficiais, agressivos e consumistas desenfreados.

227. Uma expressão desta atitude é parar e agradecer a Deus antes e depois das refeições. Proponho aos crentes que retomem este hábito importante e o vivam profundamente. Este momento da bênção da mesa, embora muito breve, recorda-nos que a nossa vida depende de Deus, fortalece o nosso sentido de gratidão pelos dons da criação, dá graças por aqueles que com o seu trabalho fornecem estes bens e reforça a solidariedade com os mais necessitados.

PAPA FRANCISCO, *LAUDATO SI'*.

O olhar misericordioso de Deus

*“No princípio, criou Deus o céu e a terra.
A terra era um caos informe; sobre a face do abismo, a treva.
E o alento de Deus revoava sobre a face das águas.”
(Gn 1,1-2)*

... e Eterno, revoa sobre o chão com suas rochas e plantas, os ares com seus pássaros e insetos, os animais terrestres e os seres humanos...

O olhar compassivo do Senhor nos banha com sua luz e direciona nosso olhar – sempre limitado – nas sendas do ver mais amplo e acolhedor. O olhar do Senhor penetra as entranhas da terra. Vê mineradoras destruindo belíssimas serras, com cristalinas nascentes, gerando venenos que devastam rios, suas beiradas, um sem-fim de vidas invisíveis, microscópicas, raízes e alimentos. Expressões humildes da vida, o que fazem em seu silêncio? O Senhor vê e ouve estes silêncios e nos co/move: os seres se doam e abraçam milhões de outras criaturas por Ele amadas. A compaixão do nosso Deus incendeia meu coração, que pulsa junto à dor dos pequenos pescadores, plantadores, indígenas, gente miúda das margens, gravemente punidos pela sede desenfreada de consumo e lucro, marcas do capitalismo que mata.

Louvado sejas, meu Senhor, pelos irmãos que abraçam com reverência a Mãe-Terra, nossa casa comum, fraterna e sororalmente celebrada. E com o coração, nela não enxergam a fonte da riqueza perversa, origem da exploração de poucos sobre tantos e tantos deserdados.

Teu olhar misericordioso e o sopro do teu Espírito apuram o ver dos que percebem, entre dores, o imenso *não* à tua vontade, fotografado nas moradias precárias, no risco das pirambeiras vizinhas de esgotos, prisioneiras de limitações e doenças. Os que assim compreendem, banhados no teu olhar compromissado e atento, testemunham o Espírito de Jesus, agindo cheios de compaixão junto aos últimos da Terra... Justiça ambiental, respeito a cada ser criado, teu desejo...

Teu olhar de compaixão sem-fim me resgata do egoísmo de me sentir o centro do mundo, com plenos poderes para consumir o desnecessário e, assim, contribuir para a degradação da vida na Terra: a irmã água, as irmãs

plantas, o irmão ar. Até mesmo consumir o outro – meu irmão. Amorosamente me ensinas o mistério de tua presença criadora em cada ser. Ternamente me abres os olhos para ver que ser pobre e viver com pouco me faz em ti, Deus, humilde e pobre, irmão universal.

Tu me conduzes às perguntas cruciais:

Ante a tua presença criadora na Mãe-Terra, em cada ser vivo, em cada ser humano, como tenho vivido a relação integridade da criação e consumo? Como vivo a relação fé e defesa da integridade da criação?

Nossa vida cotidiana testemunha a experiência concreta da simplicidade evangélica?

Leigos e religiosos, ousamos fazer o seguimento de Jesus despojado, humilde e pobre, conscientes de que só despojados, humildes e pobres contemos a sociedade do hiperconsumo, sempre lesivo à Mãe-Terra? Ou nossas palavras e atos soam ociosos e contraditórios?

Com vestes litúrgicas em nossos templos, queremos ser os menores e lavar os pés do outro, ou preocupações mundanas exibem inequívoco tom de “pompa e circunstância”?

Diante do que vemos hoje, ondas incessantes de milhares e milhares de migrantes expulsos pelas alterações dramáticas no clima e castigados de forma inclemente pelas guerras; diante da fome que assola e dizima milhões de irmãos no mundo, ante as imensas desigualdades entre os países do norte e do sul e dentro dos países (inclusive o nosso pobre Brasil...), o convite é: ser simples e acolher, respeitosamente, os dons que recebemos a cada dia. Dons que dizem respeito à natureza da qual somos parte, na mútua convivência: fraternidade e cuidado.

O necessário: construir o Reino de Deus e sua justiça. A Mãe-Terra e nela os seres humanos, a cada dia, resgatados da volúpia desenfreada voltada para o “progresso”, lugar de exploração e desigualdade.

Louvado sejas, meu Senhor, por todas as tuas criaturas.

ZELIA CASTILHO ROGEDO*

* **Zelia Castilho Rogedo** faz parte da Ordem Franciscana Secular/MG e do SINFRAJUPE – Serviço Interfranciscano de Justiça, Paz e Ecologia.

Nhá Chica

Alta, morena e bonita, Francisca de Paula de Jesus, ou Nhá Chica, como era chamada por todos, nasceu em 1808, em São João del-Rei (MG). Ainda pequena, chegou a Baependi (MG), acompanhada por sua mãe e por seu irmão, Teotônio. Dentre os poucos pertences, trouxeram uma imagem de Nossa Senhora da Conceição.

Em 1818, com apenas 10 anos de idade, a mãe de Nhá Chica faleceu, deixando aos cuidados de Deus e da Virgem Maria as duas crianças, Francisca de Paula de Jesus, com 10 anos, e seu irmão, com então 12 anos. Francisca de Paula e Teotônio cresceram sob os cuidados e a proteção de Nossa Senhora, que pouco a pouco foi conquistando o coração de Nhá Chica, que a chamava carinhosamente de “Minha Sinhá”, que quer dizer: “Minha Senhora”, e nada fazia sem primeiro consultá-la.

Nhá Chica soube administrar muito bem e fazer prosperar a herança espiritual que recebera da mãe. Nunca se casou. Rejeitou com liberdade todas as propostas de casamento que lhe apareceram. Foi toda do Senhor. Se dava bem com os pobres, ricos e com os mais necessitados. Atendia a todos os que a procuravam, sem discriminar ninguém, e para todos tinha uma palavra de conforto, um conselho ou uma promessa de oração. Ainda muito jovem, era procurada para dar conselhos, fazer orações e dar sugestões para pessoas que lidavam com negócios. Muitos não tomavam decisões sem primeiro consultá-la, e para tantas pessoas ela era considerada uma “santa”; todavia, em resposta para quem quis saber quem ela realmente era, respondeu com tranquilidade: “... É porque eu rezo com fé”.

Sua fama de santidade foi se espalhando de tal modo que pessoas de muito longe começaram a visitar Baependi para conhecê-la, conversar com ela, falar-lhe de suas dores e necessidades e, sobretudo, para pedir-lhe orações. A todos atendia com a mesma paciência e dedicação, mas nas sextas-feiras não atendia ninguém. Era o dia em que lavava as próprias roupas e se

dedicava mais à oração e à penitência. Isso porque sexta-feira é o dia que se recorda a Paixão e a Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação de todos nós. Às três horas da tarde, intensificava suas orações e mantinha uma particular veneração à Virgem da Conceição, com a qual tratava familiarmente como a uma amiga.

Nhá Chica era analfabeta, desejava somente ler as Escrituras Sagradas, mas alguém as lia para ela, e a fazia feliz. Compôs uma novena a Nossa Senhora da Conceição e em sua honra construiu, ao lado de sua casa, uma igrejazinha, onde venerava uma pequena imagem de Nossa Senhora da Conceição, que era de sua mãe, e diante da qual rezava piedosamente para todos aqueles que a ela se recomendavam. Essa imagem, ainda hoje, se encontra na sala da casinha onde ela viveu, sobre o altar da antiga capela.

Em 1954, a igreja de Nhá Chica foi confiada à Congregação das Irmãs Franciscanas do Senhor. A partir daí teve início bem ao lado da igreja uma obra de assistência social para crianças necessitadas, que vem sendo mantida por benfeitores devotos de Nhá Chica. Hoje a Associação Beneficente Nhá Chica (ABNC) acolhe mais de 150 crianças, entre meninas e meninos.

A “Igrejinha de Nhá Chica”, depois de ter passado por algumas reformas, é hoje o “Santuário Nossa Senhora da Conceição”, que acolhe peregrinos de todo o Brasil e de diversas partes do mundo. Muitos fiéis que visitam o lugar pedem graças e oram com fé. Tantos voltam para agradecer e registram suas graças recebidas. Atualmente, no “Registro de graças do Santuário”, pode-se ler aproximadamente 20 mil graças alcançadas por intercessão de Nhá Chica.

Nhá Chica morreu no dia 14 de junho de 1895, com 87 anos de idade, mas foi sepultada somente no dia 18, no interior da capela por ela construída. As pessoas que ali estiveram sentiram exalar de seu corpo um misterioso perfume de rosas durante os quatro dias de seu velório. Tal perfume foi novamente sentido no dia 18 de junho de 1998, 103 anos depois, por Autoridades Eclesiásticas e por membros do Tribunal Eclesiástico pela Causa de Beatificação de Nhá Chica, e também pelos pedreiros, por ocasião da exumação do seu corpo. Os restos mortais da Venerável se encontram hoje no mesmo lugar, no interior do Santuário Nossa Senhora da Conceição, em Baependi.

Fonte: <http://www.nhachica.org.br/sobre-a-nha-chica-historia.php>

Modelo de Intervenção Global em Sexologia – MIGS

Tomei contato com o MIGS em 1997, num curso com Marie-Paul Ross, na Europa. Na ocasião buscava algo que me ajudasse a compreender a complexidade do ser humano em sua profundidade e integralidade. Sua abordagem integral me fez encontrar respostas para questões pessoais e para o acompanhamento espiritual. Compreendi que os problemas das pessoas, na maioria das vezes, são bloqueios por traumas profundos e que impedem o avanço espiritual.

Sempre alimentei a convicção de que Deus acompanha a história humana com profundo amor e suscita para cada tempo pessoas de grande sensibilidade, com instrumentos adequados para ajudar as pessoas a fazerem, com lucidez, o caminho da vida e do amor, e vivê-lo a partir da sua profundidade. Marie-Paul Ross apresenta o instrumento MIGS como um presente de Deus para a humanidade, hoje.

Entrei e fiz o processo pessoal, condição indispensável para prosseguir as etapas posteriores de formação profissional, e continuei até completar a formação: 1. Processo pessoal; 2. Auxiliar; 3. Acompanhante; 4. Formador; 5. Mestre.

Alguns aspectos fascinantes do MIGS

Um instrumento natural

É importante dizer que o MIGS, inspirado no biólogo canadense Cloud Crepald, tem uma base sexo-analítica, e não psicanalítica, e se apresenta consoante com o funcionamento do ser humano nos seus três componentes básicos: o componente afetivo constitui um elemento ao mesmo tempo englobado e englobante, suscitando a integração da pessoa. Este componente

central é considerado fundamental ao longo do processo de sexualização e permite associar a experiência erótica com a espiritual, oferecendo dados essenciais que ajudam na avaliação da satisfação sexual. Este elemento estimula o indivíduo a diferenciar-se, a identificar-se, a libertar-se das dinâmicas fusionais e a identificar os valores essenciais ao amor: verdade, liberdade, respeito, fidelidade e crescimento. Estimula a pessoa a ser fiel à sua própria condição humana, sensível à sua irresistível aspiração a viver no amor e a alcançar a maturidade afetiva. O componente afetivo engloba demandas e experiências afetivas que estão relacionadas com o desejo e a capacidade de amar, criar e relacionar-se. O amor é tão essencial ao ser humano que nos remete às nossas raízes de criaturas: “... desde antes da criação do mundo, fomos criados em Cristo, para caminhar no amor” (Ef 1,4).

O componente espiritual, no seu desenvolvimento e na sua expressão, está mais ligado às experiências cognitivas e afetivas. Sua integridade condiciona a elaboração intelectual e as qualidades próprias do indivíduo. Ao longo do processo de sexualização, este componente assume um papel primordial na conquista da autonomia afetiva, da harmonia sexual e do desenvolvimento de uma adequada integração sexual. Este elemento estimula a pessoa a compreender e a realizar escolhas relacionadas com a sua realidade sexual, a solucionar suas angústias e a encontrar em si mesma uma fonte inextinguível de vida e de amor. Permite ao ser humano assegurar e integrar sua unidade existencial corpo-espírito e dar um sentido a sua vida. O componente espiritual engloba um conjunto de demandas e de experiências espirituais que estão relacionadas com o desejo e a capacidade de amar, de criar e de relacionar-se.

O componente erótico-corporal, longe de estar em conflito com as qualidades e as experiências espirituais, nos aproxima a elas. Proporciona a força e a energia necessárias para a manifestação da pulsão sexual. Este componente tem como missão despertar os modos de expressão sexual que se atualizam pela resposta às necessidades de criar, de amar e de relacionar-se. Engloba o conjunto das demandas e das experiências fisiológicas que estão relacionadas com esse desejo e capacidade. Este elemento impulsiona o indivíduo a complementar-se na intimidade física, a prolongar-se na criação, a sobreviver, a alcançar o prazer e o bem-estar emocional. Esses três elementos têm uma base neurocientífica, pois se correspondem ao funcionamento do cérebro humano. Quando funcionam harmonizados, tudo vai bem, mas quando funcionam em desarmonia, temos uma pessoa com condutas desajustadas e incoerentes.

Visão da sexualidade humana

Sabemos da dificuldade de uma visão adequada da sexualidade humana. Podemos continuar pensando como no passado e considerá-la perigosa, tabu ou “tentação”, ou como é disseminada atualmente na sociedade, uma força que não pode ser reprimida e que se pode consumir à vontade e do jeito que se quer (pornografia).

A sexualidade humana é contemplada pelo MIGS como uma pulsão em direção à vida e ao amor, que leva a pessoa a amar, criar e relacionar-se, e que fala três línguas: espiritual, afetiva e erótica. No MIGS, o componente afetivo é essencial. Nele encontramos os valores essenciais ao amor: respeito, verdade, liberdade, fidelidade e crescimento.

O aspecto clínico

O MIGS possui um embasamento teórico fundamentado na neurociência (estudo do funcionamento do cérebro) e uma aplicação clínica. A clínica parte do princípio de que a pessoa humana possui a capacidade de autocura, diferente das abordagens terapêuticas convencionais, que colocavam a força no vínculo terapeuta-paciente, o MIGS coloca a ênfase na autoterapia. Nas sessões acompanhadas, a pessoa vai descobrindo seus recursos pessoais e treinando a utilização dos instrumentos que possui; depois, praticando oportunamente os exercícios terapêuticos à medida das suas necessidades, a pessoa aprende a tratar seu mal-estar no momento em que ele aparece. Com o acompanhante a pessoa se ocupa das questões que não consegue trabalhar sozinha devido às defesas psicológicas. Na minha prática de vários anos de acompanhamento, constato que as pessoas que compreendem e assumem o autotratamento, seu autocuidado, entendem “que o bem-estar não é algo definitivo”, e sim algo que exige trabalho contínuo, conseguem viver bem, pois, em se tratando de questões traumáticas, torna-se necessária a continuidade por um tempo mais intenso e, depois, ir digerindo o que a vida diária traz de tensões e dificuldades.

A pertinência do modelo na clínica é conseguir que o ser humano se responsabilize por si mesmo, tome a vida nas suas próprias mãos e consiga utilizar seus próprios recursos para manter sua saúde vital. E o mais fascinante no MIGS é sua simplicidade e eficácia como instrumento de tratamento das angústias e mal-estares, pois quando a pessoa descobre dentro de si a força do amor e da vida que lhe são garantidas para sempre, começa um caminho ascendente contínuo.

Campos de aplicação do MIGS

Existem três campos de aplicação do MIGS: formação, educação e clínica. A formação compreende âmbitos muito diversos, como: a formação da consciência ética consonante a valores humanos básicos, formação para viver a vida de casal ou o celibato consagrado com fidelidade e satisfação. A educação transita principalmente no que se refere à sexualidade e todas as suas implicações, e a clínica consiste no acompanhamento pessoal ajudando a pessoa no tratamento das angústias que interferem nas condutas inadequadas e na aprendizagem da autoterapia.

Sabemos por experiência como a sexualidade humana foi recebendo um tratamento inadequado ao longo da história. Antes era tabu e ainda experimentamos suas consequências. Agora é a pornografia desenfreada e de fácil acesso, uma autêntica escola de desvio sexual, que causa muitíssimos danos às pessoas. Na pornografia, o amor não existe, pois o corpo do outro é objeto de prazer e de manipulação, não existe respeito e a integração amor e sexo se torna impossível.

Constatamos que os indivíduos que consomem pornografia se incapacitam para ser fiéis, tanto ao celibato consagrado, celibato sacerdotal ou mesmo na vida matrimonial. O ser humano foi criado para viver em harmonia, para funcionar bem. Quando algum dos componentes é absolutizado, ou seja, quando o cognitivo ou o erótico é absolutizado, desvinculado um do outro, o ser humano sofre a dissociação e se desarmoniza.

O MIGS forma a pessoa para buscar em primeiro lugar a fidelidade a si mesma, a base da fidelidade a qualquer compromisso, tanto ao celibato como à vida matrimonial.

O método é uma proposta nova, oferecida a crianças, adolescentes, jovens e adultos que desejam conhecer melhor os elementos que constituem a experiência sexual humana e tratar de modo adequado os mal-estares e outros desajustes afetivos ou emocionais que interferem negativamente no processo de amadurecimento afetivo-sexual.

O MIGS propõe métodos de intervenção educativos e terapêuticos que podem adaptar-se a muitas áreas das ciências humanas (medicina, psicologia, sexologia, ciências sociais, pastoral, teologia, filosofia, pedagogia, educação...).

Pais de família, orientadores espirituais, formadores, animadores de comunidades encontrarão nessa nova proposta um instrumento que lhes

permite desenvolver novas capacidades e aptidões para uma melhor e mais acertada intervenção junto às pessoas.

A autonomia afetiva

A meta do crescimento ou do amadurecimento humano é a autonomia. Não se pode confundir autonomia com independência ou individualismo. Muitas vezes temos a impressão de que a autonomia assusta. Porém, ela é a capacidade de sustentar-se sobre seus próprios pés, de descobrir o potencial no profundo de si mesmo e viver a partir daí sem depender da constante aprovação dos outros. Só então é possível viver a interação, a reciprocidade, a troca, o dar e o receber gratuitamente, e, assim, experimentar a liberdade de amar incondicionalmente. Alguns podem se perguntar: se formamos para a autonomia na Vida Consagrada, onde fica a obediência? Penso que somente na autonomia pode haver autêntica obediência, escuta profunda do querer de Deus; então, o serviço da autoridade é identificar junto com a pessoa o caminho da vontade, do profundo que se comunica. E não é somente com autonomia que a pessoa é responsável pelos seus atos?

O ser humano aspira a uma autonomia afetiva que o capacite a amar sem buscar recompensa, ao amor incondicional. Ademais, uma formação indevida pode ser causa de desajustes, inclusive graves, na vida adulta. A intervenção aqui proposta ajuda-o a superar as dependências, por mais sutis que sejam, para atualizar-se e dedicar-se à sua missão específica.

Sobre a autora do MIGS

Dra. Marie-Paul Ross é religiosa Missionária da Imaculada Conceição (MIC), natural de Québec, Canadá. Esteve muitos anos trabalhando em países da América Latina como missionária. Sua formação inicialmente foi na área da enfermagem. No seu contato com as pessoas foi percebendo que muitos problemas passavam pela sexualidade mal vivida. Completou sua formação com uma especialização em sexualidade e posteriormente um doutorado em Sexologia Clínica, em que criou o Modelo de Intervenção Global em Sexologia, no ano de 2000, e em 2003 criou o IIDI, Instituto Internacional de Desenvolvimento Integral, com sede em Québec, Canadá.

Mulher de extraordinária coragem para afrontar a realidade e de grande sensibilidade para as questões humanas, como ela mesma diz: “o MIGS nasceu na escola do ser humano concreto”. Criou-o escutando e observando

como funciona a pessoa nas suas diversas áreas, sãs ou problemáticas. Posteriormente comprovou seu fundamento neurocientífico.

Portanto, chegou o momento de conceber a sexualidade humana tendo em conta os elementos que a compõem. Assim, as épocas da repressão e da eclosão sexual poderiam ceder lugar a uma época na qual o desenvolvimento sexual se inclua à maturidade afetivo-espiritual. Num mundo sedento de amor, um movimento pró-sexual que permite integrar as forças de vida e de amor pode ser promissor para uma humanização à altura do ser humano.

JUREMA MARIA BERTI*

* **Jurema Maria Berti** é formada em Teologia pela FAJE – Faculdade dos Jesuítas de Belo Horizonte e mestra do Modelo de Intervenção Global em Sexologia pelo IID1 – Instituto Internacional de Desenvolvimento Integral de Quebec, Canadá. Formação em Psicologia – curso incompleto. **Contato da autora:** (41) 9502-1094. **E-mail:** jmberti@yahoo.es.

Narrando a experiência sobre intercongregacionalidade

Partindo do pressuposto de que a essência da Igreja é a missão, a VRC busca corresponder a este apelo tendo como centro a pessoa e a missão de Jesus Cristo. Através dos carismas e espiritualidades, cada Instituto busca ser um símbolo luminoso do Reino de Deus, principalmente lá onde a vida é mais ameaçada. Por isso a missão da VRC é ser sinal de esperança e testemunho da presença do Cristo Ressuscitado no meio do povo.

Os desafios são grandes. Por isso, na tentativa de corresponder aos apelos missionários da Igreja, sobretudo de se fazer presente no meio dos mais pobres, a VRC utiliza-se das mais variadas criatividade para manter viva a chama do carisma e da missão, principalmente porque o atual cenário da VRC é assustador.

Com a diminuição das vocações e o envelhecimento das Irmãs, são notórios alguns desafios, principalmente a dificuldade de encontrar Irmãs para assumirem os próprios trabalhos dos seus Institutos. Alguns passos já começaram a ser dados para não deixar morrer a brasa que ainda fumeja. Dentre estas tentativas, nasce as experiências das comunidades intercongregacionais. Este novo rosto criativo da Vida Religiosa reacende o dinamismo e o ardor apostólico, em que a diversidade dos carismas se multiplica e ganha força em vista de um bem maior, que é o seguimento a Jesus Cristo e ao seu projeto: “eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10).

Sou grata a Deus por participar desta experiência da Comunidade Intercongregacional no Haiti, coordenada pela CRB (Conferência dos Religiosos do Brasil) e pela CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil). Através desta experiência Deus tem realizado maravilhas em minha vida. No princípio, a insegurança e a incerteza me impediam de dar passos, pois sempre vinha o medo de me perder em meio aos outros carismas, assim

como o desafio de conviver com o diferente. Tudo parecia desestabilizar-me; porém, percebi que o meu ideal conjugava com os demais desejos das outras Irmãs: a paixão por Jesus Cristo e a paixão também pelos pobres tão sofridos do Haiti. Pode-se dizer que esta é a âncora que sempre nos sustenta e nos ajuda a superar muitas dificuldades e desafios que surgem no decorrer da nossa caminhada. Com o olhar fixo em Jesus, centrando nossa missão ao seu projeto de vida, foi possível não nos perdemos no entrelaçar da caminhada.

Escolhemos como símbolo para a nossa Comunidade Intercongregacional a mandala, pois ela expressa a integração e harmonia, e a sua vivacidade está na riqueza das combinações e na sintonia das cores, em que cada uma, na sua originalidade, forma um conjunto de cores. Assim também deve ser a Comunidade Intercongregacional, onde os carismas não funcionam isoladamente; ao contrário, a união e a soma dos carismas fortalecem a comunidade e a tornam testemunha mais autêntica do Reino de Deus.

Outra característica da mandala é que ela geralmente é circular e tem um centro que é o ponto de partida. Assim também é nossa Comunidade Intercongregacional: nosso ponto de partida é Jesus Cristo e sua opção preferencial pelos pobres. Sem este referencial a Comunidade se torna vazia e pode se transformar numa possível torre de babel, onde os carismas e anseios se perdem e as palavras se tornam vazias.

Mas é importante também lembrar que o que sustenta uma Comunidade Intercongregacional é a oração pessoal e comunitária, a vida fraterna, a ajuda e o respeito mútuo, a capacidade de acolher o diferente e principalmente a integração interior, em que sou capaz de reconhecer os valores e princípios que cada uma traz e saber somar também as riquezas de cada Instituto e unificá-las no bem maior, que é a promoção da vida. Só assim é possível viver um novo céu e uma nova terra.

IRMÃ IDENEIDE DO REGO
CARMELITA DA DIVINA PROVIDÊNCIA

Comunidade – Relação x poder

Partimos do princípio de que o problema do poder está no tipo de relação estabelecida. Todas as relações são, de algum modo, manifestação de poder e, todo poder, se expressa em algum tipo de relação. A questão é o princípio orientativo que habita quem toma a iniciativa e a meta desejada, se considera ou não a realidade da outra pessoa.

Nós temos, evidentemente, princípios orientativos fundamentados na Palavra de Jesus, mas o problema são as interpretações que daí decorrem. Para iluminar nossa mesa resolvemos ler, encenando João 13,1-17, a lição do “lava-pés”, procurando ver como Jesus encaminha as relações de poder na nova comunidade.

A ceia. A ceia do lava-pés acontece em caráter de despedida; isso expressa um gesto testamentário. Testamento é a herança que o pai ou senhor passa ao herdeiro. É aquilo que o moribundo não quer levar consigo, mas que continue fazendo história no mundo. O lava-pés é um testamento.

“Tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim” (Jo 13,1), isto é, até passar tudo aos amados, nada reservando para si. Assim o líder se despoja em favor dos liderados. A passagem acontece durante uma refeição, momento de muita intimidade e partilha. A refeição é ao mesmo tempo um restabelecimento e uma capacitação; é para ser a melhor expressão de conagração e comunhão, mas depende das intenções dos participantes. A decisão de Jesus de lavar os pés dos discípulos procurou favorecer a explicitação das intenções dos participantes.

O lava-pés. Jesus escolhe um gesto conhecido, mas aplica num tempo não convencional e de modo muito estranho. Lavar os pés antes da ceia faz parte de um ritual tradicional e não causa espécie, mas lavar os pés no meio da ceia é difícil de entender e mais ainda de aceitar. Há uma estreita relação entre comer e servir. Servir é alimentar o outro. Comer é se alimentar, mas alimentar é símbolo, tem a ver com o físico, o psíquico e o

espiritual. A gente nutre pensamento, sentimento, conhecimento, atitudes etc. Este lavar nada tem a ver com purificar, mas com sair de si em favor das necessidades básicas do outro, da outra.

Despojar-se do manto. Antes de começar, ele se despoja do próprio manto. O manto tem a ver com o abrigo essencial da pessoa (Dt 24,12-13). O manto também pode dizer da identidade dela; aqui pode ser também visto como símbolo de poder, isto é, da liderança de Jesus sobre os discípulos. Ele, espontânea, voluntária e livremente se despoja do manto, mas não fica só nisso; ele se cinge imediatamente de um avental improvisado e de uma toalha. Aí está uma importante orientação. Ele se desfaz do sinal de senhor e se veste do sinal de servo. Isso pode dar a entender que, quando alguém lidera sem o sentido de serviço, isto é, como senhor, não dá conta de entender a real necessidade do outro nem o verdadeiro alcance de sua missão. Quando, porém, lidera com o sentido de serviço, presta atenção na necessidade de quem está sendo servido.

Por que os pés? Jesus escolheu lavar os pés. Para lavá-los é necessário se inclinar, se curvar chegando até o pé. Este gesto caracteriza o verdadeiro servidor, isto é, servir como servo. Ele sai de sua posição de conforto para dar conforto ao que está sendo servido. O falso servidor, aquele que serve como senhor, não se curvava. Ele obriga o pé que está sendo servido a chegar a uma posição tal que lhe seja cômoda. O servido tem que se adequar ao tempo, ao lugar e ao modo do servidor. Quando Jesus tira o manto e coloca o avental, ele está nos ensinando a tomar esta atitude diante de quem vamos servir.

Observemos que o pé também é um símbolo. Ele se encontra na posição mais inferior de nosso corpo e nos aguenta o dia todo. Ele é nosso jumento, nos carrega por toda parte. Os pés são os nossos servos. Assim, lavar os pés significa servir os servos.

Quem serve o senhor ganha a dignidade do senhor, é reconhecido e respeitado pelo senhor que serve, mas Jesus nos mostra outra via. O reino do céu não é de servidores de senhores, mas de servidores de servos; tem como prioridade não receber, mas oferecer dignidade.

A função da toalha. Jesus enxuga os pés com a toalha que está presa a sua cintura; isso o obriga a aproximar o pé do seu ventre ou seu ventre do pé que está sendo servido. Em Jesus, Deus serve o discípulo da maneira mais cuidadosa, com misericórdia, pois em suas entranhas habita a misericórdia. Deus serve colocando todo o seu ser com todo cuidado a serviço do servidor. Isso explicita o modo de exercitar a liderança cristã.

A ordem do serviço. Jesus não começa por Pedro. Ele sabe que Pedro tem dificuldade com a novidade. Pedro é guardião da tradição. Ele só lidera escoltado pela tradição, mas Jesus está ensinado que, para liderar como o Pai do céu deseja, não se pode ficar preso à tradição. A tradição preservada por Pedro deve ser mudada. Pedro então fica assustado e desorientado. Primeiro se nega terminantemente a ser servido por Jesus, mas quando Jesus mostra que a atitude de Pedro o exclui da nova comunidade, então quer um banho total. Jesus está apenas dando um sinal. Pedro não precisa de banho, precisa abrir-se para o novo, para o reino de Deus. A tradição dificulta abrir-se para a novidade, mas a novidade fecunda a tradição, dando-lhe o verdadeiro sentido. A comunidade não pode ficar em função de Pedro, mas precisa ser aberta a todos e por todos ser servida. Jesus não começa pelo mais problemático, mas depois de uma caminhada encara também o problemático, pois a todos é necessário oferecer a novidade. Este lava-pés não é um rito de Batismo, nem um rito de acolhida, ambos conhecidos de Pedro e dos demais; é um rito de entrega, pois no reino de Deus liderar é dar-se. No reino de Deus a liderança não é piramidal, é circular. “Também deveis lavar-vos os pés uns dos outros” (Jo 13,14).

O lugar de Judas. Jesus lava os pés de Judas, mesmo conhecendo sua intenção (Jo 13,2.11), pois ele não veio para excluir. Jesus chamou e Judas aceitou segui-lo (Mc 3,19). Agora, a esta altura da caminhada, Jesus dá sinais de que continua querendo-o em sua comunidade, mas é Judas quem não consegue mais manter-se no discipulado. A liderança de Jesus tem a finalidade de mantê-los e alimentá-los no desígnio do Pai, mas Judas precisa corresponder.

Manto com avental. Depois de lavar os pés, Jesus retoma, veste novamente o manto, mas não depõe o avental. É no avental que se exercita a liderança ao modo de Jesus. É no avental que se alimenta o sentido dessa liderança. Quando se abandona o avental, a liderança se confunde com tradição e não deixa mais lugar para o Espírito agir. A liderança de Jesus e de seus seguidores e seguidoras caracteriza-se pelo servir, e não pelo mandar ou pelo mandar como servidor e não como senhor.

Servir é o caminho da felicidade (Jo 13,17).

FREI MOACIR CASAGRANDE* E
IRMÃ ZENILDA PETRY**

* **Frei Moacir Casagrande** é membro do Conselho Editorial da CRB.

** **Irmã Zenilda Petry** é membro da Equipe Interdisciplinar da CRB.

A missão de guardiões da Criação

PE. JOSAFÁ CARLOS DE SIQUEIRA*

Introdução

O lema da Campanha da Fraternidade de 2017, “Cultivar e guardar a Criação”, nos convida a refletirmos sobre a nobre missão que o Senhor colocou em nossas mãos de sermos guardiões de sua obra criacional. Além do legado que todos já conhecemos das tradições bíblicas proclamativas e manifestativas, de cuidar e administrar a Criação, a tradição milenar da Igreja sempre procurou nos lembrar de que não somos donos e proprietários da grandiosa obra que, desde os tempos mais remotos, o Espírito de Deus pairava sobre ela, permitindo o surgimento e a evolução de cada ser vivente, colocando gotículas de amor em cada vida e permitindo que, de maneira diversa, pudesse revelar, nos detalhes e singularidades, a beleza e a ternura do Criador.

Várias espiritualidades surgiram ao longo da história da Igreja, incorporando estes princípios ecológicos que integram a relação do ser humano com Deus e com a Criação. Embora o conceito de Criação seja tratado muitas vezes como natureza, o primeiro tem um sentido mais teológico,

* **Pe. Josafá Carlos de Siqueira** é sacerdote da Companhia de Jesus (SJ), jesuíta, nascido em Pirenópolis, Goiás. Doutorado em Biologia Vegetal pela Unicamp, trabalha há trinta anos na PUC-Rio como professor e pesquisador no Departamento de Biologia. Foi vice-reitor e atualmente é Reitor da Universidade, dedicando-se à gestão e à docência, além das diversas atividades pastorais, conferências e retiros ecológicos. Como membro de vários conselhos técnicos e científicos, Pe. Josafá tem procurado viver a sua missão religiosa no meio universitário, buscando sempre o diálogo entre fé e ciência. O autor possui mais de 60 artigos científicos publicados, e escreveu, até o presente momento, 13 livros sobre ética ambiental, espiritualidade ecológica e educação ambiental. Atualmente tem sido o grande divulgador da Encíclica *Laudato Si'*, sobre a qual já proferiu 35 conferências e palestras no Brasil e no exterior. Seu último livro, *Laudato Si': um presente para o planeta*, foi recentemente publicado no Rio de Janeiro. Nele o autor descreve 12 artigos sobre a Encíclica Ecológica do Papa Francisco. **Endereço do autor:** Rua Marquês de São Vicente, 389, Gávea, Rio de Janeiro/RJ. **E-mail:** josafa@puc-rio.br.

pois supõe um Criador que dá sentido a todas as coisas. Tomando por exemplo a tradição da espiritualidade inaciana dos jesuítas, podemos verificar que a Criação deve fazer parte permanente da memória, pois dela recebemos inúmeros benefícios (*Exercícios Espirituais*, n. 234). A Criação também deve ser vista como um dos lugares em que Deus habita nas criaturas, agindo e trabalhando por nós nos elementos, nas plantas, nos animais etc. (*Exercícios Espirituais*, n. 235 e 236). Assim, a nossa missão diante de toda a Criação consiste em colaborar com o Criador, para que as criaturas possam continuar existindo e glorificando a Ele, e não permitindo que a obra criacional seja desrespeitada, destruída e mutilada, como nos recorda o Papa Francisco na *Laudato Si'*.

Guardiões da obra de Deus

Além dos princípios inspiradores que aparecem na Teologia da Criação e nas diversas espiritualidades da Igreja, nos últimos anos alguns pontífices têm enfatizado a temática de guardiões da Criação. João Paulo II, em *Redemptor Hominis*, 1979, afirma: “Era vontade do Criador que o homem tivesse um contato com a natureza como dono e guardião, inteligente e nobre, e não como explorador e destruidor”. Bento XVI, em *Caritas in Veritate*, 2009, diz: “A natureza está à nossa disposição não como um monte de lixo espalhado por acaso, mas como um dom do Criador que traçou os seus ordenamentos intrínsecos, dos quais o homem há de tirar as devidas orientações para guardar e cultivar”. O Papa Francisco, na homilia da missa de inauguração do seu pontificado, 13 de março de 2013, foi enfático ao dizer: “A vocação de guardião da Criação não diz respeito apenas a nós, cristãos, mas tem uma dimensão antecedente, que é simplesmente humana e diz respeito a todos: é guardar a Criação inteira, a beleza da Criação, como diz no Livro dos Gênesis e nos mostrou São Francisco de Assis: é ter respeito por todas as criaturas de Deus e pelo meio ambiente onde vivemos...”.

Hoje, com a publicação da Encíclica *Laudato Si'*, e diante da grave crise ambiental em que vivemos, a nossa missão de guardiões da Criação passa a ser um compromisso fundamental, tanto para os crentes como também para os não crentes, como afirmou o Papa Francisco nos objetivos da Encíclica. Segundo ele, “Viver a vocação de guardiões da obra do Deus não é algo de opcional ou um aspecto secundário da experiência cristã, mas é parte essencial de uma existência virtuosa” (*Laudato Si'*, n. 217).

Tendo diante dos olhos o que está acontecendo em nossa casa comum, poluições, mudanças climáticas, cultura do descarte e do desperdício, escassez dos recursos hídricos, perda da biodiversidade, deterioração da qualidade de vida humana, desigualdade social etc., cresce o nosso compromisso e a missão de sermos guardiões da Criação. Assim como São Francisco de Assis, que percebeu que a grande missão de sua época era reconhecer a paternidade comum que permite a todos, humanos e não humanos, serem chamados de irmãos e irmãs, pois temos o mesmo Pai Criador, hoje, no contexto atual, somos chamados a proteger e cuidar de todas as formas de vida existente no planeta onde habitamos, optando preferencialmente por aquelas mais ameaçadas e vulneráveis, tanto do ponto de vista antropológico como também daqueles seres vivos que ecologicamente se encontram em posição de risco existencial.

Ser hoje um cristão missionário é uma tarefa desafiadora, pois temos que atuar diante dos vários desafios, mudando mentes, convertendo corações e realizando gestos significativos em prol de toda a obra da Criação. A dimensão humana e ambiental deve fazer parte de nossa missão, pois ambas as realidades estão profundamente unidas naquilo que a *Laudato Si'* chama de Ecologia Integral. O missionário de nosso tempo deve saber cuidar do humano e do meio ambiente, pois todas as criaturas estão interligadas, e precisamos uns dos outros para viver e exercer com responsabilidade aquilo que o Pai Criador colocou em nossas mãos, não para excluir e extinguir, mas para cuidar, respeitar e reconhecer o valor de cada ser existente, independentemente de sua utilidade.

Como Jesus Cristo, que vivia em plena harmonia com a Criação, nós hoje somos chamados a viver a nossa vocação missionária numa Igreja em saída, preocupada com a justiça social e ambiental, lutando para superar tudo aquilo que compromete a dignidade do ser humano e de toda a criação, preservando o meio ambiente, que é um bem coletivo e patrimônio de toda a humanidade, buscando permanentemente a conversão ecológica, e procurando fazer no dia a dia de nossa casa, família e comunidade gestos que nos ajudem a cuidar do planeta Terra, nossa casa comum. Dentre estes gestos e ações diárias que reeducam os nossos hábitos e comportamentos, o Papa Francisco nos indica algumas coisas práticas, como: evitar o uso do plástico e o consumo exagerado de papel, reduzir o consumo de água, reciclar o lixo, cuidar dos pobres e dos outros seres vivos, fazer uso dos transportes públicos ou compartilhar o mesmo veículo com outras pessoas, plantar árvores, apagar luzes desnecessárias e evitar o desperdício (*Laudato Si'*, n. 211). Sabemos que estas pequenas coisas que estão ao alcance de

nossas mãos são importantes para a sustentabilidade do planeta, deixando para as gerações futuras uma casa comum com mais dignidade social e ambiental.

Educação ambiental

Sermos guardiões da Criação passa também pela educação ambiental, formal e informal, ajudando-nos a mudar os hábitos insustentáveis e criar novos hábitos socialmente mais justos e ecologicamente mais corretos e equilibrados. Nesta perspectiva, somos estimulados a repensar e reformular alguns dos valores que acompanham os nossos processos educativos, a saber:

- Uma educação menos consumista, onde o desperdício deve ser evitado, diminuindo os abismos existentes entre riqueza e pobreza.
- Uma educação que possa combater a cultura do descarte de pessoas e dos recursos da Terra.
- Uma educação que conscientize as pessoas sobre os efeitos e consequências das mudanças climáticas, preparando-as para a convivência dos processos mitigatórios e adaptativos.
- Uma educação que promova a defesa da biodiversidade, onde os ecossistemas e as espécies se tornam cada dia mais vulneráveis e ameaçadas pelas ações antrópicas, mutilando a obra do Criador.
- Uma educação que combata o relativismo prático, não permitindo que as pessoas sejam tratadas como objetos, gerando muitas formas de exploração do ser humano, tirando-lhes a dignidade de filhos de Deus.
- Uma educação aberta para um novo estilo de vida com maior simplicidade, “que nos permite parar e saborear as coisas pequenas, agradecer pelas possibilidades que a vida nos oferece, sem nos apegarmos ao que temos nem nos entristecermos por aquilo que não possuímos” (*Laudato Si'*, n. 222).
- Uma educação que favoreça o diálogo inter-religioso, sobretudo num mundo onde “a maior parte dos habitantes do planeta declara-se crente, e isto deveria levar as religiões a estabelecerem diálogo entre si, visando ao cuidado da natureza, à defesa dos pobres, à construção de uma rede de respeito e fraternidade” (*Laudato Si'*, n. 201).

- Uma educação que resgate a visão sistêmica de mundo, permitindo perceber as relações intrínsecas entre as coisas que fazem parte da casa comum, naquilo que a *Laudato Si'* denomina de Ecologia Integral; uma educação que enfatize os princípios do bem comum, como a interculturalidade, a justiça distributiva, a cultura da paz, os direitos humanos, o respeito pelas diferenças e o cuidado com a criação.
- Uma educação que se abra para os novos paradigmas, onde a música, a poesia, a contemplação, o silêncio e a oração são fundamentais no processo de humanização e espiritualização da pessoa humana.
- Uma educação, finalmente, que ajude na mudança e conversão dos contravalores que destroem o ser humano, robotizam a existência, criam isolamentos e vazios, devassam a natureza e acabam por não deixar um legado para as gerações futuras que merecem receber um mundo melhor e mais sustentável.

O Papa Francisco nos recorda que “a educação será ineficaz e os seus esforços estéreis, se não se preocupar também em difundir um novo modelo relativo ao ser humano, à vida, à solidariedade e à relação com a natureza” (*Laudato Si'*, n. 215).

A bandeira da ética – princípios

Um imperativo importante para ser hoje um guardião da Criação é, sem dúvida, a bandeira da ética, pois ela nos ajuda a refletir, repensar e mudar os hábitos ecologicamente egoísticos e incorretos, criando assim novos costumes mais justos, fraternos e sustentáveis. Para isto a *Laudato Si'* nos oferece uma série de princípios éticos iluminadores.

O primeiro consiste em resgatar a visão integradora da realidade socioambiental, como nos mostra a tradição manifestativa da Bíblia, sobretudo nos livros dos salmos e sapienciais. Nela, tudo está interligado, existindo uma preocupação com o meio ambiente unida ao amor sincero pelos seres humanos, e um compromisso constante com os problemas da sociedade (*Laudato Si'*, n. 91). Contra este princípio vamos encontrar a visão fragmentada existente na sociedade e na ciência (*Laudato Si'*, n. 110), a homogeneização das culturas pela globalização (*Laudato Si'*, n. 144) e o relativismo prático que trata as pessoas e a natureza como meros objetos (*Laudato Si'*, n. 123).

O segundo princípio é o do bem comum (*Laudato Si'*, n. 156-158), que supõe justiça distributiva, paz social, respeito pela alteridade, solidariedade com os pobres, justiça intergeracional etc. (*Laudato Si'*, n. 159-160). Contra

este princípio estão os mecanismos que têm levado ao aquecimento global e às mudanças climáticas (*Laudato Si'*, n. 24-25), às diversas formas de poluição (*Laudato Si'*, n. 20), à escassez, ao desperdício e à privatização da água (*Laudato Si'*, n. 29-31) e à exploração excessiva dos ecossistemas e à perda da biodiversidade (*Laudato Si'*, n. 32-42).

O terceiro princípio ético se refere à exclusão socioambiental, em que a vida vulnerável dos pobres, das crianças, dos idosos e das espécies animais e vegetais ameaçadas de extinção devem ser defendidas e protegidas. Contra este princípio estão as desigualdades sociais contra os pobres (*Laudato Si'*, n. 48), a cultura do descarte (*Laudato Si'*, n. 22) e a destruição de espécies e ecossistemas (*Laudato Si'*, n. 33,36-38).

O quarto princípio é da teleologia da Criação, na qual todos os seres criados têm uma presença do Criador, uma missão e uma destinação transcendente. O fundamento deste princípio é que o amor de Deus é a razão principal de toda a criação, pois ele ama todos os seres, pois do contrário não os teria criado (Sb 11,24). Assim, cada criatura é expressão da ternura do Pai Criador, que lhes atribui um lugar no mundo (*Laudato Si'*, n. 77). Ele está presente no mais íntimo de cada coisa, sem condicionar a autonomia de sua criatura, cuja presença divina garante a permanência e o desenvolvimento de cada ser (*Laudato Si'*, n. 80). Na perspectiva cristã, Cristo Ressuscitado habita no íntimo de cada ser (*Laudato Si'*, n. 221). Dessa forma, cada espécie existente na face da Terra, mais do que ser um recurso explorável, possui um valor em si mesma, com a missão de dar glória a Deus pela sua existência, comunicando-nos a sua própria mensagem (*Laudato Si'*, n. 33). Contra este princípio estão as inúmeras formas de mutilação da obra do Criador (*Laudato Si'*, n. 89) e as interpretações incorretas das Escrituras, sobretudo quando interpreta o mandato de dominar a terra como sendo dono absoluto de todas as criaturas (*Laudato Si'*, n. 67). Quanto a este último ponto, o Papa Francisco afirma: “A melhor maneira de colocar o ser humano no seu lugar, e acabar com a sua pretensão de ser dominador absoluto da terra, é voltar a propor a figura de um Pai Criador e único dono do mundo” (*Laudato Si'*, n. 75).

O quinto e último princípio ético diz respeito à metanoia, mudança de mente e coração, que na linguagem da Encíclica é denominada de conversão ecológica. Este processo não é algo opcional ou secundário da existência cristã, mas essencial para viver a vocação de guardiões da obra de Deus. Para isso temos que superar as posturas passivas que nos impedem de mudar os hábitos, tornando-nos incoerentes (*Laudato Si'*, n. 217). Temos que resgatar a relação com o mundo que nos rodeia, quebrando as iniciativas

individualistas e unindo forças com os demais, pois nisto consiste a conversão comunitária (*Laudato Si'*, n. 219). Somos convidados a crescer nas capacidades peculiares que Deus deu a cada crente, desenvolvendo a criatividade e o entusiasmo para resolver os dramas do mundo (*Laudato Si'*, n. 220).

Certamente para isso temos que lutar contra o individualismo que sucumbe a um consumismo sem ética e sem sentido social e ambiental (*Laudato Si'*, n. 217); o desaparecimento da humildade do ser humano que se entusiasma com a possibilidade de dominar tudo sem limite algum, prejudicando a sociedade e o meio ambiente (*Laudato Si'*, n. 224); e as atitudes que dificultam os caminhos de solução, envolvendo a indiferença, a resignação acomodada ou a confiança cega nas soluções técnicas (*Laudato Si'*, n. 14). Para o Papa Francisco, a conversão ecológica comporta várias atitudes que se conjugam para ativar um cuidado generoso e cheio de ternura. Isto implica gratidão e gratuidade, ou seja, um reconhecimento do mundo como dom recebido do amor do Pai, que conseqüentemente provoca disposições gratuitas de renúncia e gestos generosos, mesmo que ninguém os veja nem agradeça (*Laudato Si'*, n. 220).

Conclusão

Com este espírito é que queremos mergulhar no lema da Campanha da Fraternidade de 2017, cuidando e guardando a Criação, pois ela é um tesouro que Deus Criador colocou em nossas mãos para ser amada e preservada, superando os gemidos e as dores (Rm 8) sociais e ambientais que nos impedem de gozar da liberdade de filhos e filhas de Deus, ofuscando-nos a esperança de que somente juntos é que chegaremos aos nobres destinos que o Senhor tem reservado para aqueles que ele criou no amor e para um amor que supera todas as contradições na sociedade e no planeta onde vivemos.

Referências bibliográficas

- MURAD, Afonso; TAVARES, Sinivaldo Silva (Org.). *Cuidar da casa comum*. São Paulo: Paulinas, 2016.
- SIQUEIRA, Josafá Carlos de, SJ. *Laudato Si'*: um presente para o planeta. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Como estamos vivendo a nossa vocação de guardiões da Criação na família, na escola, na comunidade e no ambiente de trabalho?
2. Como envolver mais as pessoas neste compromisso social e ambiental?
3. Quais são os gestos concretos que podemos fazer para minimizar os impactos sociais e ambientais em nossa cidade, bairro e comunidade?
4. Como ajudar as pessoas nesta conversão ecológica, mudando mentes e corações?
5. Quais são os gestos concretos que estamos realizando, testemunhando o nosso compromisso em guardar e preservar a obra da Criação?

Obrigado/a, irmã água!

NICOLAU JOÃO BAKKER*

Introdução

A Campanha da Fraternidade de 2017, mais uma vez, nos convida a entender melhor, e tratar com mais carinho, a natureza que nos envolve. Apresentando como tema “Fraternidade: biomas brasileiros e defesa da vida”, ela pede nossa atenção para os diferentes biomas brasileiros e nos alerta: os biomas têm a ver com a “vida”, que, como cristãos e cristãs, somos chamados/as a defender. A questão é séria. Morrendo os biomas, morreremos com eles. Mas, perguntemos antes, quais são os biomas brasileiros? Tradicionalmente são seis: a Amazônia, a Caatinga, o Cerrado, o Pantanal, a Mata Atlântica e os Pampas do Sul. Ultimamente se acrescenta a eles a Zona Costeira e a Marinha. O que estes biomas têm a nos dizer? É provável que a Revista *Vida Pastoral*, nos primeiros meses de 2017, publique um artigo nosso que mostrará em detalhes “a vida como ela é”, e como os biomas expressam em escala maior o que a vida é em escala menor. Por onde olharmos para a “vida”, desde a mais pequenina célula de qualquer ser vivente até o grande bioma, sempre encontraremos uma “teia partilhada”, feita inteiramente de “relações colaborativas”. Uma teia onde, como diz o Papa Francisco, “tudo está interligado”. Também as sociedades humanas são expressões desta “vida”. Ou, melhor, deveriam ser a expressão

* **Pe. Nicolau João Bakker** é missionário do Verbo Divino (SVD), sacerdote formado em Filosofia, Teologia e Ciências Sociais. Atuou sempre na pastoral prática, rural e urbana. Lecionou Teologia Pastoral no Instituto de Teologia de São Paulo (ITESP/SP) e coordenou programas contra a violência urbana e de formação de lideranças numa ONG de Direitos Humanos e Educação Popular, em São Paulo (CDHEP/CL). De 2001 a 2008 foi vereador, pelo PT, no Município de Holambra/SP. Atualmente atua na pastoral paroquial em Diadema/SP. Nos últimos anos escreve regularmente nas revistas REB, Vida Pastoral, Grande Sinal e Convergência. **Endereço do autor:** Rua Juruá, 798, Jd. Paineiras, CEP 09932-220 – Diadema/SP. Para consultar os artigos do autor, acesse: <artigospadrenicolausvd.blogspot.com.br>. **E-mail:** <nijlbakker@hotmail.com>.

dela. Apenas o ser humano, com sua consciência, pode passar por cima da “fraternidade biológica” e, rompendo as relações colaborativas, faltar com a “fraternidade cristã”.

Neste artigo não trataremos da “vida” de forma genérica. Vamos olhar para o elemento da natureza que mais a sustenta: a água. Se a Campanha da Fraternidade nos pede para atuar “em defesa da vida”, é antes de tudo da água que devemos cuidar. A vida, como veremos, tem sua origem na água e dela depende. Iniciaremos nossa “meditação” olhando para a água como a fonte da “vida”. Em seguida veremos o que pode ser feito para cuidar dela de forma mais colaborativa.

A água: fonte da “vida”

O planeta Terra, também chamado planeta água, já tem quase cinco bilhões de anos de existência. Nasceu de um espirro cósmico, de um cosmos em permanente transformação. Sua localização se provou privilegiada, nem muito perto nem muito distante do Sol. Surpresas não tardariam a acontecer. No início, “vida”, nem pensar. Não havia água, nem oxigênio, nada além de uma espécie de bola de fogo que, lentamente, esfriava. Mas 3,8 bilhões de anos atrás, as coisas já começam a acontecer. A crosta terrestre é impactada de cima por enormes meteoritos e de baixo por vulcões de lava e torrentes de vapor. Com o esfriamento da Terra, as nuvens de vapor se condensam e chove torrencialmente sem parar durante milhares de anos, formando oceanos rasos. A atmosfera terrestre, antes muito tóxica, agora se renova e está repleta não só de vapor de água, mas também de nitrogênio, neônio, argônio e dióxido de carbono. Especialmente os átomos de carbono vão ter uma função vital. Num ambiente propício de calor e umidade, se combinam facilmente com os átomos de hidrogênio, nitrogênio, oxigênio, fósforo e enxofre. Você, leitor/a, sabia que apenas estes seis átomos constituem 99% do peso seco do nosso corpo, e assim também dos demais seres vivos? O carbono é como que a mãe de toda a vida orgânica.

Pois, há aproximadamente 3,7 bilhões de anos, é da água que a “vida” surge.¹ Nas ciências da vida não há dúvida sobre isto. Existe uma espécie de “fraternidade inicial” entre os diferentes elementos da natureza. Eles se atraem entre si formando moléculas, as moléculas da vida, em especial os minúsculos aminoácidos. Um conjunto de apenas cerca de vinte

¹ Maiores detalhes em *Vida Pastoral*, n. 278/2011.

aminoácidos, ligados em cadeias que variam de algumas dezenas a várias centenas, compõem as proteínas de todos os organismos conhecidos na Terra. Na rica sopa química dos primórdios da Terra, dizem os entendidos, encontravam-se os dinâmicos “catalizadores químicos”, que deram origem a pequenos “ciclos químicos”. Estes, por sua vez, sempre com ajuda da energia solar e um meio ambiente propício, formaram “superciclos”, e assim, aos trancos e barrancos, foi-se formando o primeiro “DNAzinho”, que hoje, de forma aperfeiçoada, está presente em todas as células de qualquer ser vivente. A principal característica do DNA é que ele possui a capacidade de “autorreplicar-se”, quer dizer, tirar cópias de si mesmo. É o que todas as células do nosso corpo – e de qualquer ser vivente, seja planta, animal ou qualquer outro ser vivo – fazem até hoje. Autorreplicação, ou “autopoiese”, é a essência daquilo que chamamos “vida”. Todas as células do nosso corpo se renovam permanentemente. Só para ter uma ideia: as células da nossa pele se renovam a uma velocidade de cem mil por minuto!

Embora ainda existam muitos pontos a serem esclarecidos, a microbiologia dos últimos tempos fez grandes avanços. Nos primeiros dois bilhões de anos, é o “reino” das bactérias que domina o mar e a terra. Vivemos desprezando as bactérias, mas estes minúsculos seres unicelulares são os verdadeiros artistas da vida. Sem qualquer tipo de sexo, muitas delas podem multiplicar-se a cada vinte minutos e simplesmente transferir para outras bactérias até 15% de sua carga genética, e isto diariamente! Dessa forma se diversificaram espetacularmente. Com o passar do tempo, as bactérias aprenderam a fixar o nitrogênio do ar, a pigmentação, a locomoção etc., tudo da maior importância para os seres vivos até hoje.

Uma das primeiras técnicas “inventadas” por elas foi a da “fermentação”, através da qual transformam cadeias de carbono (açúcares!) em moléculas de ATP (adenosina trifosfato). As bactérias que mais sucesso obtiveram foram as “fotossintetizantes”, chamadas “cianobactérias”. Sabiam, pela fotossíntese, aproveitar bem a energia solar e o hidrogênio e dióxido de carbono do ar, para transformar tudo em energia química, decompondo os açúcares e compondo as tais moléculas de ATP. São estas as moléculas que até hoje fornecem a energia necessária para movimentar os nossos músculos, intestinos e cérebros. Quando, há aproximadamente 2,5 bilhões de anos, o hidrogênio do ar escasseava cada vez mais, estas criativas bactérias verde-azuladas inventaram mais outra técnica bioquímica: captar o hidrogênio da água. Descobriram uma fonte inesgotável. Decompunham a molécula de água (H₂O), absorvendo o hidrogênio e liberando no ar o oxigênio. Até então o oxigênio do ar era quase inexistente. Mas vejam só a ousadia.

Depois de encher a atmosfera de oxigênio, que subiu de 0,0001% para os atuais 21% – causando a maior poluição da história do planeta! –, uma linhagem de cianobactérias, há aproximadamente dois bilhões de anos, inventou a respiração aeróbia. Passaram a realizar a fotossíntese, gerando oxigênio, e a respirar, consumindo oxigênio! O oxigênio se tornou, dessa forma, o novo e mais poderoso dínamo do processo da vida. Enquanto a fermentação em geral produz apenas duas moléculas de ATP para cada molécula de açúcar decomposta, na respiração com oxigênio a mesma molécula de açúcar pode produzir até trinta e seis!

Constatou-se nas últimas décadas que houve também um processo de “simbiogênese”.² As bactérias aprenderam a “parasitar”, colaborando umas com as outras, até se fundirem completamente, dando origem a novas formas de vida. Há aproximadamente dois bilhões de anos, como fruto dessas simbioses, começa a surgir um novo reino, o dos “protistas”, que existe até hoje. A característica principal dos protistas é que sua célula possui um “núcleo central”, rodeado de membrana, que abriga o DNA. Debaixo da lupa podemos ver que a nova célula é uma fusão entre dois tipos de bactérias: a “arqueofermentadora” e a “nadadora”. Depois veio conviver na mesma célula, simbioticamente, ainda uma terceira bactéria, a da respiração aeróbia. A característica principal dos protistas é que têm uma vida celular muito mais complexa do que a das bactérias que não têm núcleo central. O grande divisor do mundo vivo é entre os “procariontes”, que não possuem núcleo central, e os “eucariontes” que possuem núcleo central. Os protistas, ainda unicelulares, receberam depois ainda a companhia de uma quarta bactéria, a fotossintetizante.

Com esta complexidade toda, novos caminhos de evolução se abriram. Tornando-se multicelulares, os protistas puderam, por um caminho, dar origem ao reino das plantas, que, em seus “cloroplastos”, usam a fotossíntese, e, por um outro caminho de evolução, ao reino dos animais e dos fungos que apenas mantiveram, em suas “mitocôndrias”, a respiração aeróbia. Ambos os caminhos, porém, foram percorridos na água. Não é sem motivo que todos os seres vivos da natureza têm em torno de 90% de água em sua composição. Uma planta, sem água, morre imediatamente. E nós, sem ingerir as proteínas das plantas, também morreremos em pouco tempo. É a água que sustenta o viver.

² Ver: Margulis Lynn, *Symbiotic Planet: a new vision of evolution*. New York: Basic Books, 1988; e *Microcosmos*. São Paulo: Ed. Cultrix, 2002.

Vejam agora mais de perto o reino animal ao qual – querendo ou não – todos nós pertencemos. O início deu-se, novamente, na água, há aproximadamente 750 milhões de anos. Os protistas, tornando-se multicelulares, deram origem a conjuntos de células muito interligados e perfeitamente integrados, chamados “blástulas”. Estas blástulas – até hoje o início da vida humana – evoluíram para diferentes linhagens de pequenos seres marinhos, globulares e vermiformes, que se tornaram progressivamente maiores. Desenvolveram a técnica de excretar o indispensável mas excessivo cálcio do mar – no mar o cálcio é 10 mil vezes mais concentrado do que nas nossas células –, que transformaram em esqueletos, conchas, crânios e dentes para melhor enfrentar as ondas e os predadores. Entre estes seres marinhos surge, há aproximadamente 450 milhões de anos, o Filo dos Cordados, caracterizado por um tubo nervoso central e um pequeno cérebro. Em pelo menos uma fase da vida os cordados desenvolvem também fendas branquiais, as quais, nos seres humanos, ainda são visíveis debaixo das orelhas durante o desenvolvimento do feto. O subfilo dos cordados ao qual pertencemos é o dos vertebrados. Há 400 milhões de anos, peixes do subfilo dos cordados, providos de mandíbulas, barbatanas carnudas e pulmões – brânquias modificadas – rumaram para a costa, transformando-se nos anfíbios que formam o elo entre o mar e a terra. Como podem ver, a terra não é o nosso mais costumeiro “habitat”, mas o mar. Será por isso que todos/as gostamos tanto de um dia de praia?

Vindo para a terra, os animais não deixaram de levar consigo inúmeras lembranças do mar. Há 300 milhões de anos, os répteis de tronco primitivo, nossos antepassados distantes, começam a transplantar os anfíbios. Já inteiramente adaptados à terra, com mandíbulas fortes e pele resistente, trazem uma nova invenção biológica: o ovo (que encapsula o ambiente aquático). Pouco depois, há uns 210 milhões de anos, os répteis de tronco primitivo dão origem à Classe dos Mamíferos. Também estes apresentam, além de pelos e glândulas mamárias, uma outra grande novidade: o útero. O útero, feito mar, preserva a vida em seu líquido amniótico. Da Classe dos Mamíferos surge, há 66 milhões de anos, a Ordem dos Primatas e, dela, há 4 milhões de anos, a Família dos Hominídeos. O cérebro inicial dos cordados, a essa altura, já se complexificou muito. Há 500 mil anos surge o Gênero *Homo* que dá à luz, muito recentemente, a Espécie *Sapiens*. Somos nós, os/as “filhos/as da água”. Até hoje fazemos nossos primeiros passos cambaleantes sobre o planeta Terra. Em muitos sentidos continuamos “irmanados/as” com a água. Espermatozoides e óvulos, como também a blástula e o embrião, sempre se encontram em um meio úmido. As

concentrações de sal na água do mar e no sangue são praticamente idênticas. As proporções de sódio, potássio e cloreto nos tecidos humanos são semelhantes às do oceano. O que suamos e choramos é basicamente água do mar. Ainda pode haver dúvida de que a água é a fonte da “vida”?

Biomas: a “vida” em escala maior

Biomas são grandes extensões de terra onde a “vida” apresenta características próprias. Cada bioma possui uma identidade particular, embora não seja autônoma. Assim como cada minúscula célula viva tem uma “membrana”, resistente mas permeável, em volta de si – é através dela que os indispensáveis elementos químicos vão e vêm –, assim também o bioma, por maior que seja, não tem uma existência isolada. As características próprias do bioma são fruto das forças cósmicas que o envolvem: a luz e o calor do sol; o ritmo das estações; os ventos fortes ou a leve brisa do mar; maior ou menor presença de oxigênio, a umidade do ar, e assim por diante. O fator principal, no entanto – será que surpreende? –, é... a água! Um bioma sem ou com pouca água vira um deserto; com água abundante, uma Amazônia. O mundo vivo é um mundo verde. Como nós não temos a capacidade da fotossíntese, as plantas verdes fazem isto por nós. Dependemos totalmente das proteínas destas plantas verdes para sobreviver. Na “vida”, tudo colabora com tudo. Por onde olharmos para ela, encontraremos sempre uma “teia partilhada”. Qualquer isolamento significa morte. Também os biomas são, portanto, teias partilhadas de “vida” própria.

Por isso, em cada bioma, até os seres humanos têm características próprias, já que fazem parte da teia. Seu viver, conviver e sobreviver dependem do bioma. Havendo muita água disponível, o ser humano que encontramos é o ribeirinho, o seringueiro, o pantaneiro ou, quem sabe, o castanheiro. Com menos água será um outro ser humano: o beduíno do deserto, o lavrador do cerrado ou, quem sabe, o nordestino de traços fortes talhados pela seca. Se prestarmos atenção, veremos que até o modo de falar e de pensar são diferentes, pois a mente nada mais é do que o reflexo da realidade em que vivemos. No nosso mundo globalizado e urbanizado, tudo é atravessado por uma despuddorada máquina homogeneizadora, que leva à quase extinção toda a riqueza da diversidade, mas é preciso resistir. A “vida” depende inteiramente da riqueza de sua teia colaborativa.

Quem quer defender os biomas deve defender as suas águas. Não é algo simples, e a Igreja deve deixar de lado certo amadorismo com que muitas vezes trata a questão ecológica. Vejamos em primeiro lugar algumas pré-condições para a ação a fim de, em seguida, tratar da ação em si.

Ter consciência da gravidade da situação

Esta é a primeira condição. Dentro e fora da Igreja há os que pregam que a batalha já está perdida e que não há retorno. Um dos mais famosos cientistas que alerta para a gravidade da situação é o inglês James Lovelock. Famoso por sua “hipótese Gaia” – que vê o planeta Terra como um ser vivo –, publicou, em 2009, o livro *Gaia: alerta final* (Rio de Janeiro: Ed. Intrínseca, 2010). Especialista em atmosfera e profundo conhecedor do aquecimento global, o autor afirma: “Calor crescente e destruição do ecossistema florestal para prover terra arável irão continuar e apressar a conversão da floresta tropical em cerrado e deserto” (p. 86). “Uma tabela sobre a produção de dióxido de carbono em g/kWh (grama por quilowatt-hora) de energia produzida por diferentes fontes energéticas dá o seguinte resultado: nuclear 4; eólica 8; hidro de larga escala 8; safras energéticas 17; geotérmica 79; solar 133; gás 430; diesel 772; petróleo 828 e carvão 955” (p. 106). Não é sem motivo que o autor, apesar da forte resistência mundial, prefere as odiadas usinas nucleares a qualquer outra fonte de energia. “Depois de 40 anos de geração de energia nuclear, mal existe o bastante (no caso: lixo nuclear) para encher uma única vez o Albert Hall. Comparemos essa sala de espetáculos com a montanha de 1.600 metros de altura, 19 quilômetros de circunferência de base, de dióxido de carbono solidificado que o mundo produz a cada ano. Enterrar o lixo nuclear é um problema menor, mas o rejeito de dióxido de carbono matará a todos nós se continuarmos a emití-lo.”

Se não bastar a advertência do controvertido cientista inglês, podemos também ouvir (em entrevista ao *Valor Econômico*) o alerta de um brasileiro, mestre em biologia tropical e doutorado em biogeoquímica, Antonio Nobre, pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. De olho na Conferência de Paris, disse, em 2009: “Temos cinco ou seis anos para impedir que uma catástrofe maior se estabeleça... Um ataque sem precedentes aos biomas, com tratores e correntões, motosserra e fogo, não desperta revolta. É claro que temos que desenvolver, precisamos de agricultura. O Blairo Maggi (um dos maiores produtores de soja do mundo) perguntou

outro dia se queremos árvores ou se queremos comida. É um dilema totalmente falso. A Amazônia é uma bomba hidrológica gigantesca que traz a umidade do Oceano Atlântico para dentro do continente e garante que a região responsável por 70% do PIB da América do Sul seja irrigada. Medimos o quanto a Amazônia evapora, é um número astronômico: 20 bilhões de toneladas de água em um dia. Para ter ideia do que é este volume, o rio Amazonas lança 17 bilhões de toneladas de água por dia no Atlântico. Está-se descobrindo que a floresta é dez vezes mais importante do que se imaginava. Não é para parar com o desmatamento da Amazônia em 2015. Era para ontem. Tem que ser zero, nenhuma árvore mais derrubada. Precisamos replantar a floresta”. E, explicando como chuvas, ventos, oceanos e florestas estão interligados e por que alterar este equilíbrio pode trazer danos irreversíveis à “vida”, finaliza: “A queima de combustíveis fósseis tem papel importante, mas a destruição dos órgãos de manutenção do clima, florestas e oceanos, é o principal fator para o descontrole global. Não adianta todos os carros virarem elétricos se continuarmos a desmatar”. A situação, portanto, é grave. Precisamos pôr as barbas de molho.

Pegar o bonde andando

Esta é mais outra condição. A Igreja, infelizmente, acordou tarde para o grande desafio de preservar a “vida” no planeta. Agora só nos resta pegar o bonde andando. Quanto às águas, o Brasil já tem uma legislação bastante desenvolvida. Infelizmente, nosso problema costuma estar mais na fiscalização e na execução do que na própria legislação. Em 1997, pela Lei Federal n. 9.433, foi lançado o Plano Nacional de Recursos Hídricos, sob coordenação do Ministério do Meio Ambiente, ficando a implementação prática sob a responsabilidade da Agência Nacional das Águas. O Plano foi oficialmente aprovado pelo Conselho Nacional de Recursos Hídricos em 2006. As grandes “Bacias Hidrográficas” do país foram divididas em diferentes “Sub-bacias”, e estas, por sua vez, estão divididas em inúmeras pequenas “Microbacias”. O estado de São Paulo, por exemplo, tem 21 bacias hidrográficas. Cada bacia tem o seu “comitê de bacia”, que deve ser compartilhado pelo poder público, pelos usuários e pela sociedade civil. Objetivo: garantir a quantidade e a qualidade da água para, assim, salvar a “vida” do bioma.

Observando o que nós fazemos nas nossas dioceses e regiões pastorais em termos de defesa da água, em geral é muito pouco. Frequentemente são ações muito isoladas que carecem de “articulação” com outras forças atuantes. Também costumam falhar por ausência de perspectiva política.

Sem enfrentamento político suficientemente hábil, planos tão complicados quanto a gestão das águas costumam ficar na gaveta por anos e mais anos. Em certa fase de minha vida tive o privilégio de poder participar muito ativamente de uma ONG ambiental na “Bacia Hidrográfica Piracicaba, Capivari, Jundiá” (São Paulo). O comitê daquela bacia foi um dos primeiros e é considerado um dos melhores do estado. Ainda assim, ninguém se mexia com relação às quase 500 mil toneladas de veneno químico que (em parte clandestinamente) foram depositadas no “aterro Mantovani”, na divisa entre os municípios de Holambra e Santo Antônio de Posse. A enorme “pluma tóxica” que se formou debaixo da terra, junto aos lençóis freáticos e ao lado de um córrego, estava pondo em perigo toda a grande Bacia do Rio Piracicaba, com cinco milhões de habitantes. Quem enfrentou a questão de peito aberto foi a ONG.³ Após anos de ação persistente, mobilizando as entidades ambientais e as Câmaras Municipais da região, foi possível, com a ajuda do Ministério Público Estadual, conseguir a condenação legal das 63 grandes empresas (nacionais e multinacionais) envolvidas. Foram obrigadas a “limpar” a área. Tarefa de altíssimos custos que continua até hoje. A Igreja deve entender que não é a única instituição preocupada com a água. O bonde está passando e não vemos. Não seria melhor embarcar e atuar em conjunto?

A microbacia e a defesa das águas

Todos nós, concretamente, vivemos numa microbacia. Ela é a nossa “casa”. Numa única paróquia podem existir muitas delas. Uma microbacia é uma pequena área geográfica; toda água nela existente, ou toda chuva que nela cair, acaba fluindo para o mesmo córrego que lhe dá o nome. Anos atrás fiz uma cartilha sobre “As microbacias de Holambra”. Holambra é um pequeno município paulista, alimentado por 16 córregos que lhe dão “vida”. Na capa da cartilha a seguinte frase: “Você quer salvar o planeta Terra? Comece na sua microbacia!” Você, prezado/a leitor/a, sabe o nome de “sua” microbacia? É aí que deve começar sua ação em defesa da vida, como pede a Campanha da Fraternidade. O começo é sempre na nossa própria casa. Muitíssimas pequenas ações, isoladas ou, de preferência, em conjunto, são possíveis. Vejamos algumas.

³ Maiores detalhes em *Vida Pastoral*, n. 281/2011.

Campanhas pelo tratamento do esgoto doméstico

Não é preciso enfatizar, o Brasil anda muito atrasado neste item. É a maior ameaça às nossas águas. No Brasil, em geral, 75% do esgoto doméstico não é tratado! A qualidade da água depende principalmente da quantidade de oxigênio dentro dela. As bactérias, atraídas pelo esgoto doméstico, se multiplicam com espantosa rapidez, consumindo todo o oxigênio disponível. Consequência: o rio (ou o córrego da nossa microbacia!) morre. Existe uma classificação nacional para a água dos nossos rios, expressa em cores, e valores de 1 a 5: 1) azul escuro: água limpíssima; 2) azul claro: OD não inferior a 5 mg/l (miligramas por litro; OD = Oxigênio Dissolvido); 3) verde; 4) amarelo; 5) marrom (OD inferior a 0,5 mg/l). É doloroso ver o mapa das nossas bacias hidrográficas e constatar que o rio vem limpinho, de cor azul, e, passando por uma cidade, de repente adquire a cor marrom. Muita coisa pode ser feita para evitá-lo. Especialmente nas áreas rurais, fossas céticas familiares e biodigestores nas empresas ajudam muito, mas a maior pressão deve ser exercida sobre as Câmaras Municipais (legislação!) e as Prefeituras (tratamento e fiscalização!). Qualquer paróquia pode ajudar com eventos de conscientização e campanhas as mais diversas.

O lixo é reciclável!

Os aterros municipais ou regionais (ou então os muitos lixos acumulados na nossa microbacia!) são outra grande ameaça às nossas águas. Por acaso, nesta semana em que escrevo, tivemos um encontro com autoridades municipais e entregamos um abaixo-assinado com 1.800 assinaturas, solicitando, entre outros, uma coleta seletiva mais generosa. Ouvimos que o orçamento está curto, mas alguns “ecopontos” serão providenciados. Já é alguma coisa. Façam uma vez o exercício de visitar um aterro municipal. É inacreditável a quantidade de lixo recolhido, a grandes custos. E praticamente todo lixo é reciclável! Lembrem: em cada célula viva de qualquer organismo vivo existe uma usina de reciclagem e nada é desperdiçado! Ainda há muitos aterros “a céu aberto”, infelizmente. Outros municípios usam o “aterro em vala”, cobrindo o lixo enterrado com terra, o que é melhor. Mas um bom aterro fica a mais de 500 metros das moradias, mais de 200 metros do córrego mais próximo e mais de 3 metros acima do lençol freático, e em solo de pouca permeabilidade. Leis municipais para melhorar a situação são fundamentais. A Câmara Municipal tem aí um grande papel. Mas, novamente, a paróquia (ou região) pode ajudar muito, sugerindo, fiscalizando, cobrando e, principalmente, conscientizando. Todos/as devem começar em casa, separando o lixo seco (papel, vidro, plástico, latas etc.) do

lixo orgânico (restos de comida, varredura de vegetais etc.). Facilita enormemente a coleta seletiva, que é aonde se quer chegar. A “vida” agradece.

Por uma agricultura sustentável

É impressionante como a Igreja ainda vive distante dos reais pontos onde a “vida” é mais ameaçada. No nosso país, um dos pontos mais sensíveis é a agricultura. Não existe agricultura sustentável onde não se preserva (com generosidade e muito cuidado) a mata ciliar nativa. Esta mata, com suas raízes, transforma o solo numa espécie de “esponja” que segura grande quantidade de água e não deixa chegar ao rio (ou ao córrego da microbacia!) a erosão do solo e a poluição, melhorando a qualidade e a quantidade de suas águas. Hoje, muitos proprietários rurais estão interessados em recompor a mata ciliar. Você, padre ou leigo/a de paróquia, faça uma vez, com as crianças ou jovens das pastorais, a “campanha do plantio de mudas”, e vejam o enorme sorriso no rosto das crianças (ou dos jovens) ao sentirem que estão plantando “vida”. Nem é preciso falar dos inúmeros defensivos agrícolas e fertilizantes químicos que são despejados numa terra que era muito mais feliz quando não os conhecia. Cabe-nos defender não o selvagem “agrobusiness”, mas, antes, a saudável agricultura orgânica e familiar (a “economia alternativa”). E sabiam que, por lei, as embalagens tóxicas usadas na agricultura devem passar por uma “tríplice lavagem” para, em seguida, serem encaminhadas a uma central de reciclagem?

Finalmente, já diz o ditado: desgraça pouca é bobagem. Desgraça das mais brabas são aquelas trombas d’água que, de vez em quando, desabam sobre nossas microbacias. É de cortar o coração. O solo perde sua camada mais fértil, a enxurrada abre verdadeiras crateras nas ruas, córregos e lagos são assoreados, um fim de mundo! As paróquias podem ajudar muito para criar uma “vida rural” mais benéfica à “vida”. O que mais segura as águas do solo são as chamadas “curvas em nível” e o “plantio direto na palha”. Os comitês de bacia insistem em “planos municipais por microbacia”. A chuva não respeita divisas de propriedade. As curvas em nível devem ser feitas de acordo com o desnível das terras em toda a microbacia, às vezes interligando propriedades particulares, com inclusão das estradas. Há estados e municípios que financiam estes projetos. Pressione, amigo/a, sua Câmara Municipal para que leis adequadas sejam feitas, e o/a prefeito/a para que as fiscalize, mesmo que perca votos com isso!

Conclusão: lembremos de São Francisco de Assis

Nada do que foi dito será feito se não houver uma forte vontade interior. O que faz o ser humano agir não é o conhecimento, mas o sentimento. Na sua surpreendente Encíclica *Laudato si'*, o Papa Francisco dedica um capítulo inteiro ao assunto. Sem a força da fé, sem uma mística, o mundo não mudará o perigoso rumo por onde enveredou. Hoje, em todos os biomas, a “vida” está ameaçada. É grande a responsabilidade da Igreja. Nosso melhor exemplo é São Francisco de Assis. Este, sim, sem conhecimentos mais profundos, entendia que não apenas os seres humanos são nossos irmãos e irmãs, mas todos os seres vivos... e até as pedras no caminho. Ninguém melhor do que o filho de Assis para nos dizer que também a água é nossa irmã, porque a “vida”, na verdade, está presente em tudo. Obrigado/a, irmã água! E como São Francisco ensinava melhor quando falava em linguagem poética, permitam-me encerrar este artigo com uma poesia, feita para um “dia de campo” com agricultores:

Prece da terra

Certa vez, ao entardecer, um humilde lavrador sentou-se na sombra de uma paineira e se pôs a pensar. De repente, em meio a um silêncio muito profundo, teve a sensação de ouvir a terra rezar:

“Meu Deus, até quando devo suportar essa dor!

1) Fui feita para a vida. Carrego nas costas, facilmente, uma floresta inteira, mas olha só o que me fizeram: nem uma roça de milho consigo sustentar. Revolveram minhas entranhas, e as expuseram ao calor do sol, minhas veias endureceram, por mais que eu tente, mal consigo respirar.

2) Morro de saudade das muitas aves que, nas árvores, vinham se aninhar; hoje mais pareço um deserto e, quando chove, céus, até me mudam de lugar! Protesto, Deus! Gosto da companhia dos insetos, das raízes, da minhoca, não aguento mais aquele adubo esquisito que me tentam empurrar.

3) Produzia plantas, flores, alimentos, tudo crescia, numa variedade sem igual; de madrugada, quando o sol se levantava, a animação da roça era geral. Agora, até onde a vista alcança, só vejo a mesma planta, onde já se viu! Até me dão banho de veneno, cruz-credo! Cadê a joaninha, e os pulinhos do tiziu?

4) Mas há um consolo, Deus, me permita confessar, nos “dias de campo” muitos lavradores voltam a me respeitar. Você me fez daquele jeito, sou teimosa, não vou mudar, só quem respeita minha natureza verá sua roça de milho prosperar!”

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Os biomas brasileiros são muito diferentes entre si. Quais as diferenças que você percebe?
2. Quais as diferenças entre a “vida” de um ser humano e a vida dos demais seres viventes?
3. Uma “mística” adequada é importante para uma Igreja mais “ecológica”?

Uma chave para a compreensão do momento brasileiro

*“Há vencedores e vencidos não só entre os países,
mas também dentro dos países pobres” (Laudato si’, n. 176).*

PEDRO DE ASSIS RIBEIRO DE OLIVEIRA*

Introdução: a chave sociológica

A *Gaudium et Spes* nos manda buscar interpretar os *sinais dos tempos* para que a missão evangelizadora da Igreja no mundo contemporâneo seja eficaz. Nessa perspectiva, a realidade histórica em que vivemos não deve ser vista apenas como um dado objetivo que aí está, mas também como inter-relação à ação. Por isso, a chave de leitura da realidade tem como finalidade última a transformação dessa realidade para colocá-la em sintonia com o projeto do Reino de Deus. Não por acaso aquele documento do Concílio Ecumênico de 1962-1965 adota o método *ver, julgar e agir*. Se o objetivo final é a ação transformadora do mundo, é necessário que ele já esteja presente no *ver*, porque a chave de leitura condiciona as linhas de ação a serem determinadas pelo *julgar*.

Aqui se coloca o problema do método de análise que guiará o *ver*. Toda interpretação da história humana é parcial, no duplo sentido da palavra: só

* **Pedro de Assis Ribeiro de Oliveira** nasceu em Juiz de Fora – MG, em 1943. É leigo católico, casado, pai e avô, sociólogo, aposentado como professor da UFJF (Juiz de Fora) e PUC-Minas (Belo Horizonte). É membro de ISER – Assessoria e da Coordenação Nacional do Movimento Fé e Política. Autor de artigos e livros, principalmente sobre o catolicismo no Brasil, as Comunidades Eclesiais de Base, análise da conjuntura social e política, e relação entre fé e política.

consegue captar parte da complexa realidade e não é politicamente neutra. Cada método de análise coloca em relevo certos aspectos da realidade e deixa outros na sombra, conforme o que é considerado mais relevante para o conhecimento dessa realidade. Por isso devemos justificar teoricamente a opção metodológica tomada. É o que faço aqui, antes de estudar o atual momento brasileiro.

Duas categorias teóricas são fundamentais para o estudo da realidade social: sua história e seu caráter estrutural. A *dimensão histórica* situa o momento atual a partir de sua gênese, isto é, seu processo de constituição situado no passado, prolongado – com possíveis mudanças de forma – até o presente e projetado em direção ao futuro. A dimensão estrutural revela o que é subjacente às realidades visíveis de modo a captar o que permanece ao longo do tempo sob as inúmeras mudanças de forma.

Esse método *histórico-estrutural* é oriundo da tradição marxiana,¹ mas não se restringe às elaborações dos teóricos que se definem como marxistas. Ele é especialmente útil para desvelar a realidade profunda do cenário onde agentes sociais – políticos, comunicadores, lideranças sociais ou religiosas, membros do judiciário ou da polícia, e tantos outros agentes atores – aparecem como protagonistas, ao mostrar que, conscientemente ou não, sua atuação presta serviço a alguma classe social. E o que tem efetividade histórica são os projetos que cada classe procura impor ao conjunto da sociedade como se fossem bons para todos.

Devidamente aplicado, esse método de análise não só desvela o que fica oculto à percepção do senso comum ou do pensamento dominante como permite elaborar pistas adequadas para levar adiante projetos alternativos de sociedade. Por esse motivo ele pode ser de grande valor para as classes dominadas e grupos oprimidos, cujos projetos são acusados de incitar a desordem social. Nesse jogo/luta pelo poder não há neutralidade possível: ou nos alinhamos à ordem estabelecida ou propomos projetos alternativos. E este é o fundamento da opção metodológica aqui assumida: compreender o momento atual a partir dos pobres, dos derrotados e das derrotadas da História.

Este estudo do momento brasileiro é feito em duas partes: na primeira procuro relacionar a crise mundial do capitalismo ao desmonte do processo desenvolvimentista brasileiro; na segunda parte alargo o campo de análise para incluir a história humana dentro da história da Terra, e assim entender

¹ Chama-se “marxiano” o que se depreende da obra de Karl Marx, independentemente do que lhe foi acrescentado pela corrente “marxista”.

a crise climática como determinante da conjuntura. Para concluir, aponto uma saída na proposta do *Bem viver*.

Crise mundial e desmonte do processo desenvolvimentista brasileiro

A atual crise de acumulação do capital

O Brasil está na periferia do sistema capitalista mundial e, como sempre acontece, é sobre a periferia que recai o ônus maior da crise mundial.² A crise de 2008 não terminou. A *financeirização*³ do capital é o sintoma típico das crises de acumulação do capital que marcam o final dos seus ciclos de longa duração, como mostram cinco séculos de capitalismo: no século 15 até meados do século 16 seu centro estava em Gênova; nos dois séculos seguintes foi Amsterdã que dinamizou a economia mundial; no final do século 18 e ao longo do século 19 o polo passou para Londres e daí para Nova York, onde permanece até hoje. A História constata que em todas essas mudanças ocorre um processo de *destruição criativa*, porque a crise de acumulação do capital só é superada ao destruir-se o modo de produção em decadência e implantar-se um modo de produção mais eficaz. Na prática a *destruição criativa* significa guerra, que é uma forma hedionda de resolver as contradições da economia pela eliminação de uma das partes, mas ela provoca um salto qualitativo no sistema capitalista, inaugurando um novo ciclo de prosperidade. Nesse contexto de crise sistêmica do capital, quando está em disputa a conquista do seu centro dinâmico, o fator geopolítico ganha importância na disputa mundial polarizada pelos EUA e a China, forte candidata a ocupar o centro do sistema capitalista mundial.

O clima de guerra está no ar. São guerras ditas *de baixa intensidade* porque nelas as grandes potências (EUA, União Europeia, Rússia e China) atuam por meio de aliados e prepostos, só empregando uma pequena parte de seu poder militar. Isso não impede que sejam guerras cruéis e destrutivas, como são a repressão de Israel ao povo palestino, os conflitos étnicos e/ou religiosos na África, Ásia e Oriente Médio, a guerra às drogas e o combate ao terrorismo. Elas poderão evoluir para um conflito generalizado (com

² Obra de referência para as crises do capitalismo é: ARRIGHI, Giovanni: *O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo*. Rio de Janeiro; São Paulo: Contraponto; Editora Unesp, 1996.

³ Fala-se de *financeirização* quando o capital não é investido na produção, mas aplicado para obtenção de juros provenientes de empréstimos e aquisições.

resultados catastróficos devido às armas nucleares difundidas pelo mundo), mas é mais provável que as grandes potências recorram à forma mais recente de conquistar o poder: a *guerra não convencional* (ou *guerra de 4ª geração*). Por meio dela é possível derrubar o sistema econômico e político de um país estrategicamente importante sem recorrer necessariamente à força das armas, porque são utilizados instrumentos políticos, policiais e judiciais, acompanhados pela distorção da informação a cargo das TVs, rádios, jornais e redes sociais (agora infiltradas por agentes especializados em fazer provocações). Essa forma foi inaugurada com a segunda guerra dos EUA contra o Iraque e aprimorada na “primavera árabe”.

Ora, o alinhamento do Brasil ao bloco que une China, Rússia, Índia e África do Sul – BRICS – desequilibrou a tranquila hegemonia estadunidense sobre a América do Sul, e isso tem graves consequências no atual quadro geopolítico. Além disso, nesse momento de crise do capital, as megasempresas transnacionais ambicionam controlar a produção de petróleo, minerais e, se possível, os bancos e empresas estatais e as grandes empreiteiras do Brasil.

Essa disputa geopolítica deve ser considerada com muita atenção na explicação do recente *golpe do impeachment*, que seguiu a mesma estratégia dos golpes executados em Honduras e Paraguai. Note-se também que os mesmos instrumentos de *guerra não convencional* foram usados na Argentina para a eleição de Macri e estão sendo empregados na Venezuela, tendo por alvo o regime bolivariano. Seria, porém, um erro pensar que esses golpes sejam somente o resultado de alguma conspiração tramada nos EUA, porque eles decorrem em primeiro lugar de conflitos internos de cada país, com sua economia abalada pela crise mundial. É o que veremos em seguida, ao estudar o processo de desmonte do projeto desenvolvimentista brasileiro.

Brasil: o processo desenvolvimentista e a desigualdade social

Embora tenha havido tentativas de industrialização já no final do período de d. Pedro II, foi Getúlio Vargas quem colocou as bases da política de desenvolvimento nacional: incentivar a iniciativa privada assegurando-lhe o apoio do Estado por meio de financiamentos, isenções tributárias, energia subsidiada, matéria-prima e infraestrutura. Esse modelo de desenvolvimento foi adaptado a diferentes linhas políticas: nos governos de Vargas e dos militares primou o nacionalismo; JK e FHC favoreceram a abertura a capitais externos para a modernização da economia; os governos de Lula e Dilma deram mais atenção às políticas sociais. Essas variantes não mudam,

porém, a essência do modelo de desenvolvimento assentado na intervenção estatal, que, conforme demonstrou Celso Furtado, privatiza os ganhos e socializa as perdas.⁴ A aplicação desse modelo durante oitenta anos levou o Brasil a tornar-se uma das dez maiores economias do mundo.

Esse processo de desenvolvimento tem como base material um enorme território e uma população em rápido crescimento: 30,6 milhões em 1920, 52 milhões em 1950, 121 milhões em 1980 e 191 milhões em 2010. O grande desenvolvimento da tecnociência modernizou os transportes, a comunicação, a agricultura, a pecuária e agora a mineração de grande escala. Dada a enorme extensão do território brasileiro, esse crescimento populacional e esse avanço sobre os recursos naturais não pareciam provocar grandes danos ambientais. Só mais tarde esses danos estão se tornando evidentes.

Esse modelo propiciou a *modernização conservadora*, isto é, a modernização do processo produtivo e da cultura, sem contudo alterar a estrutura social fundada na profunda desigualdade entre a elite formada pelos grandes proprietários de terra e/ou de capital e a enorme massa de pessoas sem poses. O desenvolvimentismo rompeu os estreitos limites do antigo sistema colonial, no qual a classe social de grandes proprietários rurais – embora submissa a Portugal e, mais tarde, à Inglaterra – dominava sozinha, ao incorporar as classes sociais próprias ao capitalismo industrial no círculo do poder. Essa partilha do poder político e econômico com a burguesia (industrial, comercial e financeira) abre espaço para a ascensão também das classes médias e classes trabalhadoras urbanas. Nesse sentido, o projeto desenvolvimentista traz em si o projeto de *construção da Nação*, mas um projeto que não inclui nem a massa de lavradores pobres nem de povos indígenas.

Hoje essas classes dominantes são constituídas por uma parcela inferior a 1% da população, sob a hegemonia de 200 mil famílias para as quais fluem a renda e a riqueza.⁵ Seu instrumento de ação são as grandes empresas que, por serem pessoas jurídicas, desfrutam de muitos privilégios e protegem seus proprietários pelo anonimato. O avanço da tecnociência dá a essas empresas enorme poder sobre o ambiente natural: agricultura e pecuária tornam-se atividades praticamente industriais; a mineração vai fundo (na terra e no mar); constroem-se usinas hidrelétricas em rios amazônicos;

⁴ Esta é uma das teses centrais de sua obra clássica: *Formação Econômica do Brasil*.

⁵ Dados de Receita Federal de 2013 indicam que do total de 26.500.000 declarantes, 208 mil têm renda mensal superior a 80 salários mínimos. No topo estão 71.500 pessoas com rendimento maior do que 160 salários mínimos e patrimônio (bens e direitos) médio de R\$ 17,7 milhões. Esses dados não incluem, é claro, os rendimentos e bens não declarados à Receita.

estradas, minerodutos e portos fazem fluir as mercadorias para o exterior, como se não existissem limites naturais. Enfim, o controle dos meios de comunicação de massa, do sistema judiciário e dos aparelhos policial e militar assegura a essas famílias a tranquilidade de sua dominação. Talvez o único campo onde seu poder encontre certa oposição seja o campo da cultura, devido à atuação de cientistas, religiosos/as, filósofos/as e artistas que contestam a legitimidade do sistema em vigor, mas têm pouca influência na grande massa popular.

O golpe do *impeachment*

Para entender o comportamento do bloco das classes dominantes no processo do golpe do *impeachment* é preciso ter presente o crescimento dos Movimentos Sociais na segunda metade do século 20, com seu próprio projeto de *construção da Nação*. Apesar do golpe militar de 1964–68, que tudo fez para desorganizá-los, esses movimentos resistiram e avançaram graças ao apoio de setores da Igreja Católica – bispos influentes na CNBB, padres e religiosas inseridos em Comunidades Eclesiais de Base e Pastorais sociais – e de Igrejas Cristãs de espírito ecumênico. Foi assim que conseguiram inscrever na Constituição de 1988 os direitos fundamentais da cidadania e o respeito aos Direitos Humanos, que têm sido sua bandeira de luta. Mas nas eleições seguintes foram derrotados pelos governos Collor e FHC que, em nome da modernização, romperam unilateralmente o pacto social consagrado pela Constituição *cidadã* e impuseram a política de abertura do Brasil ao mercado comandado pelo sistema financeiro global.

A reação popular contra essa política resultou na eleição de Lula (2002) e Dilma (2010), mas esses governos não mudaram a subordinação do Estado aos credores da dívida pública nem favoreceram o empoderamento popular, limitando-se a implementar políticas sociais para melhorar as condições de vida nos setores populares. Os movimentos populares, por sua vez, tornaram-se incapazes de opor resistência à política macroeconômica de Lula e Dilma, o que se agravou quando o segundo governo Dilma, ao dobrar-se à imposição do equilíbrio fiscal, favoreceu a recessão e o desemprego sem evitar a inflação. O descontentamento geral foi o caldo de cultura onde se difundiu o projeto golpista dos grupos derrotados nas eleições de 2014, agora dispondo dos instrumentos de guerra *não convencional* difundidos por organismos dos EUA.

Hoje as classes populares têm menos meios de expressão e de representação de seus interesses no espaço público do que tiveram durante a década

de 1980. Já as classes dominantes, não tendo compromisso com os direitos sociais inscritos na Constituição, dão um novo passo em direção à supressão da cidadania das classes subalternas. Vive-se então o acirramento da luta de classes: a derrota política do PT e das forças populares – nem todas alinhadas com o governo Dilma – deixa o terreno livre para o avanço da desigualdade social. Delineia-se no horizonte um período de repressão e de intensificação da exploração dos trabalhadores e trabalhadoras, da cidade e do campo. Em outras palavras, delineia-se no horizonte histórico do desmonte do *projeto desenvolvimentista de construção da Nação*.

Cabe então perguntar: há condições objetivas para as forças populares reverterem esse quadro político?

A resposta a essa questão deve ser buscada no estudo das grandes manifestações de 2013. Antes que elas fossem sutilmente absorvidas pela mídia e por grupos que preparavam a mobilização em favor do golpe do *impeachment*, elas expressaram o protesto de setores sociais incluídos no mercado de consumo, mas excluídos da cidadania, em especial setores da juventude. Seu protesto não foi atendido e a insatisfação da nova geração cresceu, como mostram, por exemplo, as ocupações de escolas públicas. Hoje, novos e antigos movimentos – os Sem-Teto, Povos indígenas, MST, movimentos contra barragens, ambientais, LGBT, o Levante Popular da Juventude e outros – expressam essa insatisfação social que busca mudanças sem recorrer a partidos políticos nem a eleições. Parecem buscar formas de governança que não passem pelo poder de Estado. Mas quais seriam elas? Não parece que os movimentos populares possam mudar os rumos do País enquanto não tiverem meios adequados para fazer valer sua vontade política, e até agora são os partidos políticos os meios oficialmente reconhecidos para influir no rumo das políticas públicas.

Ora, o triste espetáculo da votação do *impeachment* no Congresso escancarou a falência dos partidos como instrumentos de expressão política. As invocações ao nome de Deus, ao serem proferidos os votos favoráveis ao *impeachment*, referiam-se inequivocamente ao Deus guardião supremo da ordem fundada sobre a desigualdade social, ordem que o PT e outros partidos do campo de esquerda procuram mudar. Para os cristãos e cristãs que creem que Deus se coloca ao lado de quem sofre injustiça, foi deprimente assistir a tal manipulação política do nome de Deus e da Bíblia. Isso coloca na pauta atual a relação entre o governo oriundo do *impeachment* e as Igrejas Cristãs: na medida em que elas oferecerem uma justificativa divina ou bíblica para as desigualdades sociais (especialmente no que concerne à família, à sexualidade e à propriedade privada) e o Estado lhes concede

privilégios e isenções fiscais. Ainda estamos longe, é claro, de um regime político orientado pelo *fundamentalismo bíblico*, mas seria imprudente descartar essa possibilidade sem lhe dar atenção. Afinal, não poucos dirigentes evangélicos e católicos romanos – apesar do Papa Francisco – demonstram franca simpatia por tal regime político.

Nesse contexto, as eleições municipais de 2016 ganham especial importância, por serem a primeira manifestação oficial do eleitorado após o golpe. Conforme seus resultados o regime por ele implantado poderá consolidar-se ou, ao contrário, sofrer forte contestação: tudo depende do grau de consciência política da população e da capacidade de mobilização das classes populares. Esse dado não deve ser esquecido por quem se coloca a serviço das classes e grupos derrotados da História e com eles busca construir uma civilização planetária que se aproxime da promessa do Reino de Deus.

O novo fator determinante: a crise ambiental

Análises de conjuntura raramente incluem o meio ambiente como fator de influência no comportamento social, político e econômico, porque somente na segunda metade do século passado difundiu-se a consciência da fragilidade do nosso planeta. Isso obriga a considerar a incidência do fator ambiental no desfecho da atual crise do capitalismo, anteriormente abordada. Diferentemente dos anteriores ciclos de acumulação do capital, que se resolviam pela *destruição criativa*, é possível que a crise atual provoque o esgotamento do próprio sistema capitalista e, com ele, o fim da moderna civilização ocidental. Vejamos de que se trata.

A dinâmica do sistema produtivo e os limites da Terra

Desde seus primórdios no final do século 14 até os dias de hoje, o dinamismo do sistema capitalista depende da tecnociência para fazer crescer a produção de bens e serviços a serem ofertados no mercado. Ele precisa crescer sempre, porque estagnação implica cessação do lucro – e este é o motor do sistema. Tem que utilizar enormes quantidades de energia e de matérias-primas, e acaba por gerar mais poluentes (lixos, venenos e gases de efeito estufa) do que a Terra consegue absorver. O problema é que o tempo da Terra é diferente do nosso: um século é muito para nós, mas é quase nada para a Terra. Há três séculos a crescente produção industrial vem exaurindo reservas de água, terra agriculturável, matérias fósseis e

minerais e despejando poluição nos mares, solos, ar e espaço sideral; mas só recentemente a Terra começa a mostrar sinais de perda de vitalidade. Ainda que a produção regredisse aos índices pré-industriais – coisa impossível, devido ao crescimento demográfico – os danos já causados levariam muito tempo (para o padrão humano) para serem reparados. Ou seja, paira sobre a espécie humana a ameaça de uma grande catástrofe. Aí reside a causa profunda do mal-estar contemporâneo: estamos chegando ao fim de quatro séculos de crescimento global e não sabemos o que virá pela frente.

De fato, desde meados do século 20, o mundo atingiu um estágio de prosperidade nunca antes conhecido. Cada nova geração tem a seu dispor meios de existência que as gerações anteriores nem sonhavam: informática, engenharia genética, transplante de órgãos, exploração espacial, comunicações e tantas outras conquistas da tecnociência. Atualmente, o valor global da produção é estimado em mais de US\$ 73 trilhões (representaria renda anual de praticamente US\$ 10 mil para cada habitante da Terra). O otimismo do século 20, porém, está desmoronando ao tornar-se cada vez mais claro que esse progresso chegará ao fim quando se esgotarem os recursos naturais da Terra. Percebemos sinais de um futuro sombrio: o sonho do progresso que desde o século 18 embala a civilização ocidental dá lugar ao pesadelo do seu naufrágio: tal como o Titanic, não mudará o rumo traçado por seus comandantes.

A *Carta da Terra*⁶ e, mais recentemente, a encíclica *Laudato Si'* devem ser vistas como pedidos de socorro e sinais de mobilização em defesa da *casa comum*. Elas denunciam a ameaça que o modo de produção capitalista representa para a Terra: por tratá-la apenas como fonte de matérias-primas, e não como ser vivo que merece cuidado, ele está ultrapassando os limites toleráveis para a própria sobrevivência humana.

Tudo indica que o ano de 2014 marca o início do período de crescente aquecimento global. A reunião mundial da COP-21, em Paris, reconheceu haver risco de agravar-se o aquecimento, mas ficou nas boas intenções. (Se o efeito estufa fosse levado a sério, as corridas de automóveis estariam proibidas). Provavelmente antes de 2050 enfrentaremos no Brasil uma situação calamitosa: num verão quente, haverá escassez de água, de eletricidade e de alimentos. O que acontecerá nas médias e grandes cidades? O Estado já desmantelado não terá meios para controlar o mercado e impor o

⁶ Aprovada em março de 2000 pela Unesco, a *Carta da Terra* busca criar o consenso ético sobre as grandes questões do nosso tempo. Sua elaboração é o resultado de um longo processo que envolveu mais de cem mil pessoas de 46 países. O texto integral pode ser acessado em <<http://www.cartadaterra.org/ctoriginal.htm>>.

acionamento do consumo. Provavelmente sua ação se limitará a reprimir os protestos populares, aumentando a revolta da população pobre.

Delineia-se, portanto, um cenário amedrontador porque, segundo o dito popular, “casa onde falta o pão, todos brigam e ninguém tem razão”. Pode-se prever verdadeiro caos social se os produtores rurais preferirem consumir o que produzem, ou reservá-lo ao seu grupo familiar ou de vizinhança, por não confiarem na capacidade do dinheiro para mediar as transações de compra e venda. Se isso acontecer, chegará ao fim a economia baseada na mediação monetária das transações. Sem dinheiro e sem Estado regulador, a economia deixa de ser espaço de competição e torna-se espaço de crua luta pela sobrevivência, esfacelando-se a população em pequenos territórios controlados por grupos armados sob o comando de chefetes locais. Exausta, a Terra deixará de ser nossa *Casa comum* e vai tornar-se um planeta inóspito para a espécie humana. É ainda possível impedir que isso ocorra?

Abrir espaço para a vida

O ponto de partida é abandonar o sonho do progresso sem fim e buscar outras *ideias-força* que mobilizem as vontades, despertem novas energias e alimentem a esperança de outra forma vida em harmonia com a Terra. Não se parte do zero: existem experiências alternativas e é muito oportuno conhecê-las. Aponto aqui o caminho do *Bem-viver*.⁷

O *Bem-viver* é uma *ideia-força* que visa recriar um antigo conceito de certas culturas andinas e, até certo ponto, guarani. Depois de cinco séculos de colonialismo e dominação europeia, os povos originários do nosso Continente buscaram em sua sabedoria ancestral uma proposta de vida que os ajudasse a construir uma nova ordem econômica, social e política. No período de mobilização popular contra as políticas neoliberais, aquele projeto de vida coletiva ganhou novo conteúdo e nova forma e foi incorporado às Constituições do Equador (2008) e da Bolívia (2009). Isso despertou a atenção de grupos e movimentos alternativos em outros países e foi assim que, nos últimos anos, o *Bem-viver* entrou na agenda de um número cada vez mais amplo de movimentos sociais, grupos e pessoas de todo o mundo.

O conceito refere-se a duas palavras com significados semelhantes em kichwa e em aymará: *suma(k)* = belo, precioso, muito bom, e *kawsay* ou *camaña* = convívio. Melhor seria falar “bom viver”, por tratar-se de

⁷ Recomendo como fontes sobre o tema o livro de Alberto ACOSTA: *O bem-viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo: Autonomia Literária e Elefante, 2016 (264 p.), e *IHU On-line*. Sumak Kawsay, Suma Qamaña, Teko Porã. *O bem-viver*. 340, ano X, 23.08.2010. (Pode ser acessada em www.unisinos.br/ihu.)

substantivo e não de verbo, mas no Brasil difundiu-se a expressão “Bem viver”. Sua ideia é a proposta de vida em harmonia (i) consigo mesmo, (ii) com outras pessoas do mesmo grupo, (iii) com grupos diferentes, (iv) com Pachamama – a Mãe-Terra (v) seus filhos e filhas de outras espécies – e (vi) com o espiritual. Ela se aproxima ao conceito guarani *tekoporá* que tem sido traduzido como “Terra sem males”.

Embora inspirado em sabedorias ancestrais, o *Bem-viver* nada tem a ver com o retorno romântico a um passado idealizado nem propõe um modelo a ser imitado; sua proposta é a superação histórica do pós-capitalismo, indo muito além da reforma da economia de mercado, como pretende a chamada *economia verde*. Ele rejeita o ideal de civilização imposto pela colonização ocidental e busca “outro mundo possível”: uma civilização fundada no princípio da cooperação e baseada em sistemas econômicos de partilha.

O *Bem-viver* abre novos horizontes de pensamento ao rejeitar categoricamente a proposta de desenvolvimento, que tem por modelo os países ricos, e propor formas de sociabilidade fundadas na igualdade, na partilha, na cooperação, no cuidado com a *casa comum* e outros valores desprezados pela moderna sociedade de mercado. Esses valores devem aplicar-se à economia (em forma de *economia solidária*) à política (formas de organização do poder local, Estados plurinacionais), à cultura (valorização da diversidade de culturas), à relação com a Terra (Direitos da Natureza), à relação com outras espécies vivas (Direitos Animais), de modo a chegar a um modo de vida que exclua a exploração de outro ser humano, de animais e da Terra, na medida em que seja suprimida a acumulação privada de bens.

A proposta do *Bem-viver*, como qualquer projeto alternativo, precisa fazer a difícil passagem do nível *micro* (as unidades locais) ao nível *macro* (continental ou planetário), porque uma coisa são os empreendimentos locais que atendem algumas dezenas de pessoas, e outra coisa é atender às necessidades e direitos de mais de 7 bilhões de seres humanos. Essa passagem requer a organização *em rede* que articule as inúmeras unidades de base na consecução de projetos comuns. A gestão de redes requer relações democráticas de poder, para que as minorias sejam respeitadas dentro dos rumos traçados pela maioria e a tomada de decisões não reproduza a organização burocrática ou piramidal. Pode-se perceber aí as sementes de uma civilização planetária alternativa à civilização moderna, fundada no mercado e na tecnociência.

Já está em curso esse processo que leva à civilização planetária, mas é necessário acelerar seu ritmo e dar-lhe maior valor para que seja capaz de

evitar a catástrofe anunciada. Mais importante do que saber se ainda há tempo para reverter o processo, é fundar desde já as bases de uma sociedade alternativa. Se ela se consolidar a tempo de salvar a humanidade, melhor; mas se o tempo não for suficiente para isso, os sobreviventes terão pelo menos as bases sobre as quais construir uma forma de sociabilidade respeitosa da Terra, onde a espécie *homo sapiens* viva em paz consigo mesma e com as demais espécies. O pior, de fato, seria a inação: por descrença na possibilidade de conversão da humanidade, legar à futura geração um planeta devastado e com poucas condições de vida.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Qual a relação entre a atual situação de crise mundial e o desmonte do modelo de desenvolvimento brasileiro?
2. A tecnociência e o capitalismo têm como superar a catástrofe ambiental que se anuncia?
3. Qual o papel político dos cristãos e cristãs que creem que Deus se coloca ao lado de quem sofre injustiça? Como esse papel deve concretizar-se no atual momento brasileiro?

Chaves de compreensão “deste momento triste para o brasileiro” (Papa Francisco)

ÉLIO ESTANISLAU GASDA*

Introdução

“Não duvido nem um pouco de que detratores mal-intencionados digam que estas bagatelas são indignas de um teólogo” (Erasmus de Roterdã).

O momento do Brasil: triste, dramático, tenebroso, vergonhoso, democracia ferida de morte, Constituição rasgada. Botar o dedo na ferida, escrever no calor dos acontecimentos é sempre um risco. Não tenho o direito de esperar as coisas esfriarem para escrever alguma coisa. Com diz Guimarães Rosa, “viver é arriscoso, mas o que a gente quer da vida é coragem”.

A paixão pelo Reino emerge da consciência da condição humana. A Vida Religiosa em cada circunstância histórica necessita redescobrir sua razão de ser no mundo. Ela tem um encontro marcado com as alegrias, esperanças e angústias do povo (GS, n. 1). Não pode medir esforços para alcançar de maneira mais profunda a complexidade dos acontecimentos. Estar junto e misturada com o povo, servir-se de confiáveis instrumentos de análise e de leituras inteligentes da conjuntura contribui para o encontro com o *momento nacional*. Uma leitura sistêmica que identifique não somente

* **Élio Estanislau Gasda, SJ**, é doutor em Teologia, professor na graduação e na pós-graduação (mestrado e doutorado) na FAJE (Faculdade Jesuíta) e pesquisador na área de Ética Econômica, Política e Doutrina Social da Igreja. Livros publicados: *Fe cristiana y sentido del trabajo* (San Pablo/Madri, 2011); *Trabalho e capitalismo global: atualidade da Doutrina Social da Igreja* (Paulinas, 2011); *Sobre a Palavra de Deus: hermenêutica bíblica e teologia fundamental* (Vozes, 2012); *Cristianismo e economia: repensar o trabalho além do capitalismo* (Paulinas, 2014). **Endereço do autor:** Avenida Dr. Cristiano Guimarães, 2127 – Planalto – CEP 31720-300 – Belo Horizonte/MG. **E-mail:** gasdasj@hotmail.com.

os fenômenos, mas, principalmente, suas causas e mecanismos, suas estruturas, ideologias e mentiras. Mapear as redes, as artimanhas e tentáculos, atravessando as aparências para que a verdade apareça. Aguçar os sentidos é ser realista no sentido mais rigoroso do termo. Em 2013, Papa Francisco lembrou aos participantes da Assembleia Geral da União dos Superiores Gerais (UISG) que “as grandes mudanças na história ocorreram quando a realidade não era vista a partir do centro, mas sim da periferia. Entende-se a realidade apenas se ela for olhada da periferia. Estar aí ajuda a analisar a realidade de forma mais correta”. Estar na periferia *com Jesus Nazareno nas horas mais escuras* (Mc 5,18).

Karl Mannheim dizia que “não devemos restringir o nosso conceito de poder ao poder político. Tratemos do poder econômico e administrativo, assim como o poder de persuasão que se manifesta através da religião, da educação e dos meios de comunicação de massa, tal como a imprensa”. Devemos temer menos os governos, que podemos substituir, e muito mais os poderes privados que exercem influência no interior da sociedade. Poderes poderes infiltrados no Estado, o *sottogoverno* (Norberto Bobbio). As inconsistências da democracia preenchem longas páginas no decorrer dos quase dois séculos de independência. A constatação de Sergio Buarque de Holanda de que “a democracia no Brasil foi sempre um lamentável mal-entendido” ilustra a influência nociva das elites nos rumos do país.¹ Não há soluções no texto, apenas uma modesta e arriscada tentativa de compreender por que em um país tão desigual os períodos democráticos duram tão pouco.

Quando um gigante se apequena

É preciso desconstruir as versões divulgadas por governos ilegítimos e autoritários. Que a história continue mal contada só interessa a eles. O incipiente século XXI é cenário de importantes e rápidas transformações. No âmbito internacional a crise que eclodiu nos Estados Unidos em 2007 metamorfoseou-se em uma crise global e ressuscitou os piores reflexos do passado, em particular o fascismo, a intolerância, a cultura do ódio e o fundamentalismo religioso.

No Brasil o enredo é tortuoso e apavorante. De perplexidade. Difícil imaginar algum futuro bom para um povo humilhado por sua própria elite. O capitalismo brasileiro é politicamente orientado. As elites têm por

¹ RIBEIRO, D. *Aos trancos e barrancos: como o Brasil deu no que deu*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1985.

objetivo alcançar o ‘moderno’ através da inserção na economia global, custe o que custar. Seu espírito antidemocrático contamina a nação. A democracia recebe um sentido único, ou seja, como sinônimo da internacionalização do neoliberalismo de mercado. Em maio de 2016, em conversa com a Presidência do CELAM, Papa Francisco mostrou-se angustiado com a situação da América Latina. Na ocasião falou de *golpe de Estado branco*, ou seja, a derrubada de um governo através de manobras jurídicas e parlamentares de legitimidade duvidosa. Mas o que esperar de instituições falidas e de regras quebradas justamente por aqueles que deveriam zelar por elas? Pode a justiça se fazer pela mão de injustos? (Mia Couto).

Um país que admite uma farsa deste nível carece de saúde mental (Mino Carta). O maior problema, antes da desigualdade social e da corrupção, é o baixo quociente de inteligência dos atores protagonistas desta encenação farsesca. Um diálogo minimamente racional é impossível com este tipo de indivíduo. Sabem tudo de antemão, nutridos pela torpe narrativa midiática. Seu escárnio com a imagem do país não tem limites.

Na era do capitalismo global, o ser humano dá lugar ao dinheiro e ao poder. Os recursos do planeta estão nas mãos de uma minoria avarenta beneficiária deste retrocesso generalizado que impõe a barbárie sobre o conjunto da humanidade.² Em um mundo de opulência sem precedentes, milhares de pessoas vivem de privação extraordinária.³ O Brasil, que possui uma das elites mais avarentas do mundo, está inserido nesta lógica: 71 mil brasileiros concentram 22% de toda riqueza nacional. O que fazem as instituições diante deste cenário? O que esperar delas? O *golpe de Estado branco* que angustia o Papa é um sintoma da falência generalizada provocada pelos donos do dinheiro. Camadas reacionárias, herdeiras das capitâneas hereditárias e das oligarquias beneficiadas pela ditadura são as donas das instituições brasileiras. A desigualdade tem origem na forma como as elites se apropriaram do Estado, utilizando-o como instrumento das práticas concentradoras de riqueza geradas no mercado global. “Enquanto os benefícios de uns poucos crescem exponencialmente, a maioria está ficando distante do bem-estar de uma minoria feliz” (EG, 56).

² Cf. BOURGUIGNON, F. *The globalization of Inequality*. Princeton: Princeton University Press, 2015.

³ OXFAM. *Relatório Governar para as Elites*. Sequestro democrático e desigualdade econômica (19/01/14). O volume de riquezas de 1% da humanidade ultrapassou o dos outros 99%.

62 Do neodesenvolvimentismo à restauração conservadora neoliberal

Após um ciclo de crescimento econômico conjugado com relativa redução da miséria, o Brasil ingressou em uma fase de grave crise. Nos últimos 14 anos a renda dos 10% mais pobres aumentou em 129%. No entanto, a renda dos 10% mais ricos cresceu 400% (IBGE). Alguns fatores explicam o aumento deste abismo: altíssima taxa de juros com rentabilidade garantida; isenção tributária de lucros e dividendos; alíquotas de impostos muito baixas para aplicações financeiras.⁴ Dois terços dos seus ganhos compostos de lucros e dividendos são isentos de impostos, e um quarto está aplicado no mercado financeiro.⁵ Em 2015, estudos da *Global Financial Integrity* classificou o Brasil entre os países com mais fluxos ilegais de capital do mundo. Milionários brasileiros escondem o equivalente a um terço do PIB em paraísos fiscais sem tributação. É a quarta maior quantia do mundo. A sonegação aproxima-se da cifra de R\$ 400 bilhões (10% da soma da riqueza produzida no país).⁶ O Brasil saiu do mapa da fome sem reduzir a desigualdade.

Toda manobra política rasteira resulta de uma combinação de interesses. Foi assim em Honduras e no Paraguai. No caso do Brasil, a principal transição do governo do PSDB para o governo do PT foi o revezamento de elites no bloco do poder político. A elite neoliberal ortodoxa, vinculada ao capital internacional e subordinada às grandes potências econômicas (principalmente os Estados Unidos), cedeu parte do seu poder à parcela da elite liberal neodesenvolvimentista que aposta no Estado como indutor da economia, que prioriza relações comerciais com vizinhos latino-americanos (UNASUL e MERCOSUL) e os países emergentes (BRICS). Batizada de *lulismo*, esta fração articulou uma coalizão entre o setor produtivo nacional e o mundo do trabalho.⁷

Os impactos da crise econômica mundial começaram a reverter o ciclo de crescimento. Derrotada em quatro eleições gerais, a elite neoliberal ortodoxa rearticulou-se em torno do boicote ao bloco vencedor nas urnas. A

crise econômica tornou-se política quando o governo começou a ceder ao boicote frustrando as bases de apoio popular. Reformas estruturais foram proteladas (tributária, eleitoral, agrária, democratização da mídia). Antes mesmo da confirmação do *golpe*, o interino Temer retomou a agenda neoliberal interrompida em 2003: abertura dos mercados nacionais ao grande capital, venda do pré-sal, privatização, liberação da venda de terras para estrangeiros, redução do Estado, ajuste fiscal, flexibilização das leis trabalhistas, cortes em políticas sociais. Essa parcela da elite tem “braços armados”: Congresso e mídia, influenciados por financiamento eleitoral e publicidade e o aparelho jurídico-policial do Estado.

O neoliberalismo é global, mas atua regionalmente se sobrepondo ao poder político do Estado.⁸ No Brasil, ele se encarna na plutocracia industrial-financeira-midiática-judiciária-parlamentar. Políticas econômicas deixam de ser elaboradas pensando nas necessidades do povo, pois esta plutocracia capturou a esfera pública e dita as regras.⁹ A disputa por espaços de poder é extremamente desigual. É preciso reconhecer a complexidade da interação entre o Estado e o poder econômico. O Brasil não seria liberal capitalista sem as políticas de desregulamentação, privatização e liberalização aplicadas pelos governos. A aliança entre o capital e o governo se realizou aqui também. O controle do Estado é essencial para que o sistema funcione a favor dos interesses do capital. O poder econômico extrapola o poder político, mas não sobrevive sem o apoio do Estado.

A cleptocracia é a forma de governo de quase todos os países. Também no Brasil o poder político foi usurpado pelo poder econômico. A soberania popular foi roubada. Redes de conglomerados, *holdings*, instituições financeiras, rentistas, federações de empresas da indústria e do comércio agem conectadas para manter a escandalosa concentração de riqueza e poder. A redução da política à força do dinheiro tornou todo sistema de governo impermeável à participação do povo. A *democracia representativa* revelou-se farsa.

⁴ ORAIR, R. O. *O paraíso dos super-ricos*. Disponível em: <<http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=2018>>. Acesso em: 01/09/2016.

⁵ CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe). Os 10% que concentram 71% da riqueza pagam apenas 5,4% de suas rendas em impostos. Na Suécia o valor é mais significativo: 30%!

⁶ SINPROFAZ (Sindicato Nacional dos Procuradores da Fazenda). *Placar do sonegômetro*. Disponível em: <<http://www.quantocustaobrasil.com.br/>>. Acesso em: 02/09/2016.

⁷ BRESSER-PEREIRA, L. C. *Desenvolvimento e crise no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

⁸ VITALI, S; GLATTFELDER, J.; BATTISTONI, S. *The Network of Global Corporate Control*. Este estudo mostra como se estrutura o poder global das empresas transnacionais. Disponível em: <<http://www.sistemaarxiv.org>>.

⁹ VIGÊNCIA. *A privatização da democracia: um catálogo da captura corporativa no Brasil*. Disponível em: <<http://www.vigencia.org/catalogo/vigencia-2016>>. O estudo esmiúça a agressividade do capital privado em áreas como alimentos e biossegurança, educação, finanças e juros, meio ambiente, mídia, saúde, segurança e habitação.

A mídia hegemônica – quarto poder – é a força política mais articulada do Brasil.¹⁰ O setor de telecomunicações comprova a captura do Estado pelo capital. O Brasil é um dos países com maior concentração da mídia no mundo. Seis famílias controlam 70% dos meios de comunicação. A imprensa expressa o ponto de vista das elites agindo como o “verdadeiro partido do capital” (Gramsci). A disseminação do pensamento reacionário deve-se, em grande parte, ao papel da mídia hegemônica. No *golpe de Estado branco*, o papel da mídia foi o mais relevante. Protagonista de primeira hora, não fez jornalismo, mas ideologia. A busca pela verdade deu lugar à divulgação do pensamento único dos patrões. O extremado conservadorismo da imprensa hegemônica deixou-a sem condições morais de falar em democracia. Distante de qualquer credo ético, o jornalismo brasileiro caminha para o suicídio.

Financeirização como elemento articulador

“Instaura-se uma nova tirania invisível que impõe, de forma unilateral e implacável, as suas leis e as suas regras. Os interesses do mercado divinizado são transformados em regra absoluta” (EG, 54).

Investir em produtos financeiros tornou-se mais vantajoso do que investir na produção de bens e serviços. O dinheiro é atraído para onde ele mais se multiplica. Atrair dinheiro está no DNA dos bancos. A riqueza gerada na produção e no consumo está submetida aos critérios das finanças. As finanças crescem e a economia real estagna-se.

A financeirização tornou-se um mecanismo de controle social através do fantasma da dívida: 58% das famílias brasileiras estão endividadas; 76,6% têm dívidas com cartão.¹¹ Esse dado impacta diretamente em todos os setores: política, governo, educação, saúde, meio ambiente, cultura e religião. Nesta forma de capitalismo baseada no acesso ao crédito, a esfera da riqueza vale várias centenas de vezes o valor do PIB comercial planetário. A alta da Selic transfere centenas de bilhões de reais para os bancos.

O oligopólio bancário age como uma *quadrilha organizada*.¹² Bancos e executivos capturam os governos, compram a opinião de agências de classificação de riscos, financiam campanhas políticas, manipulam a sociedade

¹⁰ AMORIM, P. H. *O quarto poder: uma outra história*. São Paulo: Hedra, 2015.

¹¹ Cf. CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO (CNC). *Pesquisa Nacional de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic)*, 2016.

¹² MORIN, F. *L'hydre mondiale: L'oligopole bancaire*. Quebec: Lux, 2015.

e as instituições públicas. No Brasil, cinco bancos controlam 83% dos ativos financeiros. O setor se tornou tão poderoso que inibe o funcionamento da Justiça.

A saúde, dos fundamentos da existência humana, virou mercadoria. As finanças controlam as grandes corporações da indústria farmacêutica, os laboratórios, as empresas de biotecnologias, universidades e centros de pesquisa. A expectativa é que em 2020 o setor amplie seu faturamento para US\$ 48 bilhões/ano.¹³ O Brasil é o sexto maior mercado em vendas de medicamentos do mundo. A indústria farmacêutica gerencia a autonomia do indivíduo para consumir os *produtos saúde*, forjando uma sociedade amedrontada pelo fantasma da enfermidade, dos quilinhos a mais, das rugas. Estranhamente, os avanços biotecnológicos aumentam o catálogo das enfermidades. Medicamentos que curam não são rentáveis. Milhões de dólares são investidos em medicamentos de uso crônico que criam dependência.

Uberização do trabalho e desmobilização do trabalhador

O capitalismo digital financeirizado está abolindo o trabalho assalariado estável. Trabalhar mais não significa sair da pobreza. Os trabalhadores ganharam um perfil mercadológico, individualista e conformista.¹⁴ Fragmentado, perdeu quase toda a consciência de classe. As tecnologias ajustam o ser humano ao mercado. O trabalhador se adapta às máquinas, não as máquinas ao perfil do trabalhador. Estar conectado e disponível! O Uber ilustra este *capitalismo digital financeirizado*. O aplicativo depende do cartão de crédito e da conexão à internet. O “contrato” entre o motorista e o Uber é ficcional, o trabalhador arca com os custos de manutenção do automóvel e o regime de remuneração é instável e oscilante. O modo Uber de organizar a força de trabalho se opõe ao contrato formal com direitos sociais e trabalhistas.

A *Uberização do trabalho* será legitimada com a aprovação do Projeto de Lei n. 4.330 da Terceirização em trâmite no Congresso Nacional. Os dois grandes objetivos do *golpe de Estado branco* são: reduzir “estruturalmente” as despesas do governo e desmontar o Estado Social que o Brasil construiu desde a transição democrática de 1985; eliminar os direitos trabalhistas

¹³ GlobalData. *Mercado farmacêutico brasileiro deve atingir US\$ 48 bilhões em 2020*. Disponível em: <<http://setorsau.de.com.br/mercado-farmacaceutico-brasileiro-deve-atingir-us-48-bilhoes-em-2020/>>.

¹⁴ POCHMANN, M. *O mito da grande classe média: capitalismo e estrutura social*. São Paulo: Boitempo, 2014.

conquistados na era Vargas, desmontando a CLT (Consolidação das Leis do Trabalho). A imposição do acordado sobre o legislado significa a contratação direta e sem direitos, intensificando a competição individual entre os trabalhadores em favor do contratante. Os sindicatos ficam de fora da negociação.

Em síntese, as relações de trabalho estão transitando de um regime de exploração a um regime de espoliação. Na exploração o empregado tem sua força utilizada para além das condições mínimas de remuneração e proteção. Têm direitos, mas não são respeitados. Na espoliação os direitos são revogados sem redução da exploração. A etapa da exploração com espoliação é substituída; é espoliação com exploração sem contrapartidas. Como mobilizar uma classe trabalhadora superexplorada e na iminência de ser abandonada pelo Estado?

Commodities e financeirização da natureza

“Gemidos da irmã Terra se unem aos gemidos dos abandonados deste mundo” (LS, 53).

Papa Francisco ofereceu a melhor definição de *financeirização da natureza*: “É gravíssima iniquidade obter lucros fazendo pagar o resto da humanidade, presente e futura, os altíssimos custos da degradação ambiental” (LS, 36). Significa tornar financeiro aquilo que é socioambiental. Os principais recursos vitais estão nas mãos de 16 corporações que controlam 80% do sistema mundial.¹⁵ A maioria são bancos. O mercado mundial de alimentos, por exemplo, é controlado por 10 empresas aliadas a outras 40 que compõem o cartel de seis transnacionais de grãos: Cargill, Continental CGC, Archer Daniels Midland (ADM), Louis Dreyfus, André y Bunge and Born.

O Brasil detém a segunda maior taxa de concentração de terras férteis do mundo. Tudo o que a plutocracia conseguiu foi criar um país exportador de matéria-prima. Soja, milho, cana-de-açúcar, carne bovina, petróleo, minério, madeira são padronizados e certificados segundo critérios do mercado internacional e batizados com o pomposo título de *commodities*.

O Projeto de Lei que regula a compra de terras por estrangeiros (PL 4059/12) está na pauta do governo cleptocrata. Também a PEC 215 que transfere a competência da União na demarcação das terras para o Congresso Nacional está na mesa do governo. Em paralelo à votação do *impeachment*,

¹⁵ Instituto Federal Suíço de Pesquisa Tecnológica.

a CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) da FUNAI e do INCRA foi protocolada na Câmara Federal. Articulada pela bancada ruralista, a CPI é parte dos ataques sistemáticos e violentos aos direitos das comunidades indígenas e trabalhadores sem-terra. Nesta guerra contra os pobres na posse das riquezas nacionais, o *agrobusiness* assumiu seu lado *agrocime*. A violência contra os povos indígenas, sem-terra, ribeirinhos e quilombolas agravou-se. Porém, segundo a Comissão Pastoral da Terra (CPT), nos últimos cinco anos registraram-se os piores indicadores de reforma agrária e homologação de terras indígenas em duas décadas. Neste período, seis milhões de hectares passaram para as mãos do latifúndio. Apenas 130 mil imóveis rurais concentram 47,23% da terra.¹⁶

O crime cometido em Mariana simboliza a tragédia da *financeirização* da natureza. A Samarco faturou R\$ 7,2 bilhões em 2014 e investiu apenas 78 milhões em segurança ambiental. Os executivos de indústria foram substituídos por agentes que trabalham com planilhas, cifrões e taxas de retorno. O mundo deles é financeiro. Ao economizar em segurança ambiental para aumentar as finanças, acabaram causando a maior tragédia socioambiental da história do Brasil. Estamos diante de questões mais complexas do que uma crise econômica, política ou ambiental. A crise é de civilização. “Não há duas crises separadas, uma ambiental e outra social, mas uma única e complexa crise socioambiental” (*Laudato si'*, n. 139).

Os brasileiros não são iguais perante a Lei

O sistema social e econômico é injusto na sua raiz (EG, 59). E sua raiz é o Direito. No Direito acontece o auge da separação entre povo e política. A legalidade democrática depende de um sistema de justiça capaz de atender toda a sociedade. No Brasil, a legalidade é reduzida à condição de aparência, corrompendo o Direito em suas bases. As recentes práticas jurídicas confirmam que o fim da ditadura não acabou com o elitismo do poder Judiciário.

O *golpe* colocou o Direito contra a democracia. A narrativa que legaliza a farsa foi imposta por uma minoria relacionada com um senso autoritário articulado do qual o judiciário faz parte. Tais setores se entendem diferenciados, “elites” que se consideram superiores. Não se veem como parte do povo. As atuais violações dos direitos fundamentais, a criminalização de conflitos sociais e a impunidade dos indivíduos “diferenciados”

¹⁶ Atlas da Terra Brasil, 2015.

são heranças da história do Brasil dividido entre *Casa grande* e *Senzala* (Gilberto Freyre). A Constituição foi substituída pela lei do mais forte.

O momento atual do sistema de justiça brasileiro resulta de uma sólida articulação da plutocracia mergulhada no universo do Direito. Em nome da promiscuidade com o dinheiro, as instituições funcionam como instrumentos de defesa da *Casa grande*. A plutocracia provou que é capaz de cometer qualquer vilania para não ceder um milímetro de seus privilégios. Apoiada pelo Judiciário, ela se apodera do Estado de direito para utilizá-lo como instrumento das práticas concentradoras de riqueza. Não se trata de uma patologia. É sistêmico. O controle do poder econômico depende do controle do Direito. A usurpação requer o verniz da legalidade para implantar o reino dos negócios escusos. Corruptores e corrompidos deturpam a justiça sem nenhum pudor. “O homem que se vende recebe sempre mais do que vale” (Barão de Itararé).

A plutocracia é intocável, ao povo a vara da lei. Governos cleptocratas golpeiam a população vulnerável ao desmontar a Constituição Federal de 1988. Blindados pelo poder Judiciário, fazem o que bem entendem. Sem disfarces, comprovam que Direito e Política são formas de um único processo de organização social. A plutocracia não é apenas econômica. Ela conforma um universo articulado que incorpora o Judiciário. A presença dos interesses privados na esfera do Direito alcançou níveis nunca vistos. O controle do Estado tornou-se sistêmico.¹⁷ As questões políticas não se resolvem mais no campo da soberania popular e no processo eleitoral.

Rui Barbosa, o maior jurista brasileiro, constatava que “a pior ditadura é a do judiciário. Contra ela não há a quem recorrer”. O emprego da força é maior à medida que o consenso é menor. A concessão de poderes ilimitados às forças de segurança, combinada com a cultura de impunidade, institucionaliza a violência. A criminalização dos protestos sociais e a histórica blindagem dos indivíduos “diferenciados” são heranças da histórica divisão social do Brasil.

O sistema de justiça, partidário e aristocrático, é peça-chave do retrocesso a um neoliberalismo aliado ao Estado policial. Os abusos contra os pobres são constantes. Quando a vítima é culpada, a justiça chegou a seu estado terminal. Sua orientação começa nos rincões mais longínquos das periferias onde pobres, negros e ativistas sociais são alvos da violência policial. Nos momentos de instabilidade, as elites se apressam em nomear inimigos. Comunistas, feministas, terroristas, esquerdistas e baderneiros

¹⁷ BERCOVICI, G. *Constituição e Estado de exceção permanente*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2004.

tornam-se os alvos prioritários da política repressiva. Governo das sombras provocam tempos sombrios.

O Judiciário é uma superestrutura que legitima todo o sistema. Dos poderes, o mais caro. O salário dos juizes não pode ultrapassar o salário de ministros do Supremo Tribunal Federal (STF), hoje em R\$ 33.763,00. Um desembargador em Minas Gerais ganha, líquido, R\$ 56 mil por mês. Em São Paulo, R\$ 52 mil. São valores superiores aos salários de um juiz similar no Reino Unido e aos de juizes da Suprema Corte de países da União Europeia. O Brasil gasta com o Judiciário 1,3% do seu PIB (R\$ 100 bilhões/ano). A casta jurídica mostra seu descaso e descolamento da realidade social do povo brasileiro. Verdadeiros marajás.

Além disso, grandes corporações dispõem do seu próprio aparato jurídico, como o International Centre for the Settlement of Investment Disputes, com poder de processar um país se este impuser regras desfavoráveis aos seus clientes. A dimensão jurídica é o coração dos tratados de livre-comércio, como o TTIP (Transatlantic Trade and Investment Partnership) e o TPP (Trans-Pacific Partnership). Os processos decisórios da ONU são capturados por esses grupos. As *law firms* submetem o Direito aos donos do dinheiro. A lei do mercado é a lei do mais forte. O conhecimento deste mecanismo ajuda a explicar a acumulação de riqueza em mãos de 0,01% da população mundial.

O viver arriscado dos descartados

Coexistem no Brasil dois Estados paralelos: um Estado jurídico formal, que é o Estado Democrático de Direito vigente nas regiões habitadas e frequentadas pelos incluídos no mercado; outro é o estado de exceção, que predomina nas periferias e nas regiões habitadas pelos descartados. Estes brasileiros têm suspensos seus direitos de ir e vir, de integridade física e moral e até o direito à vida.¹⁸ O excluído, o indefeso, o favelado está condenado a uma sobrevivência indigna: fome, desnutrição, falta de moradia e de assistência à saúde, de renda, condenado à morte lenta e cruel em uma sociedade de abundância. O Direito não se considera responsável por ele. Diante desta violência estrutural a sociedade responde com indiferença.

¹⁸ *Estado de exceção* é uma tradução do estado do conceito jurídico-constitucional da Constituição alemã de Weimar, de 1919. O documento permitia ao Estado suspender os direitos das pessoas como medida de exceção em razão de calamidades ou para restabelecer a ordem pública. Essa brecha foi utilizada por Adolf Hitler. Para aprofundar a questão: AGAMBEN, G. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

A detenção do brasileiro que não tem sinais de pertencimento ao segmento incluído é aplaudida até quando não há suspeita alguma. O discurso de criminalização da pobreza reforça o estigma de que estes indivíduos devem ser tratados como indignos de ter direitos. O Estado tem carta branca para exercer sua brutalidade apoiado por parcela *da gente de bem*. O Estado pratica a pena de morte nas favelas com a anuência do sistema de justiça. A violência contra os negros, pobres e favelados faz parte da paisagem nacional e aumenta a audiência dos programas sensacionalistas.

Insurreição e suas formas de resistência

“A coragem é uma virtude essencial em qualquer área da existência humana” (Hannah Arendt).

O levantamento contra a violência e a opressão se nutre da força subversiva do sofrimento evocado pelas vítimas. Apagados da história oficial e pela memória social, os descartados morrem lenta e cotidianamente diante do direito de matar banalizado e a impunidade dos matadores. Contudo, aí se encontra a maior prova do fracasso do sistema.

O Evangelho torna o cristão naturalmente subversivo diante dos poderes sombrios deste mundo. A *santa ira*, primeiro passo da insurreição, pede distanciamento das zonas de conforto para ver a violência que se abate sobre um povo humilhado e indefeso. “Quem não se encoleriza quando se deve, também é culpado” (São João Crisóstomo). A passividade torna cúmplice. Olhemos para Jesus que se indignava contra todas as formas de violência e mentira.

A sociedade parece anestesiada em sua capacidade de pensar. Nestes tempos inglórios para expressões dissidentes das opiniões midiáticas, a Vida Religiosa está desafiada a pensar de maneira distinta. A imaginação sequestrada pelo sistema pode alimentar um conformismo tentador que não condiz com o Evangelho. No auge de uma das maiores crises com consequências dramáticas para o povo brasileiro, a Vida Religiosa apaixonada pelo Reino é chamada a manter sua fidelidade ao essencial: a defesa da dignidade humana, o Direito e a Justiça, a estar no mundo, nas tormentas do mundo. Conjunturas sombrias são as que melhor ensinam quem somos. Nas águas da esperança navegar é preciso. A esperança ultrapassa o horizonte dos projetos circunstanciais e intensifica o serviço que resgata vidas descartadas por um *sistema que exclui, degrada e mata* (Papa Francisco).

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Você acrescentaria outras chaves de leitura para compreender o momento atual? Quais?
2. Como estas chaves de leitura se concretizam na vida do povo?
3. Como sua comunidade religiosa se posiciona diante do momento atual? Pautada pela mídia?

Formação inicial: acompanhamento e discernimento

GIOVANNI CIPRIANI*

Passei muitos anos na formação dos jovens à Vida Religiosa e ao sacerdócio, e, mesmo em outros cargos na minha Congregação passionista, sempre acompanhei a formação. A formação foi e é minha paixão, pois ela mantém o coração sempre jovem.

Hoje estou com setenta anos e agradeço a Deus.

Decepções? Bastante. Alegrias? Muitas.

Vou partilhar com os/as leitores/as algumas reflexões sobre a formação inicial e o processo de discernimento.

“Vinho novo em odres novos”

Desde que assumi a formação dos postulantes, no final da década de 1970, até hoje, houve uma “revolução” na formação. Ela mudou método e conteúdo.

Não dá mais para colocar “vinho novo” em “odres velhos”: formar as novas gerações com uma “formação velha”. Uma formação é velha

quando é entendida como uma simples aprendizagem, imposta independentemente da situação concreta da pessoa; quando entre a formação permanente e a

inicial se dá um verdadeiro divórcio; quando se exige mais dos candidatos que dos já professos e/ou padres, o que facilmente leva a uma acomodação e não a uma transformação autêntica da pessoa; quando não se presta igual atenção a todas as dimensões da pessoa e se pretende formar consagrados antes que pessoas e cristãos; quando os formadores se improvisam, ou não estão centrados vocacionalmente, nem preparados para afrontar os desafios que a formação apresenta hoje”.¹

Uma formação ‘velha’ e entendida como uma simples aprendizagem de normas, e não atenta à pessoa concreta na sua fase de vida e etapa do itinerário formativo, é uma “formação de camada” e cria conflitos e incompreensões.

Nos últimos anos, foram dados muitos e importantes passos na formação. Passamos de um modelo formativo, que consistia fundamentalmente em assimilar conteúdos escolares, a uma formação de “formação do coração”.² Um processo através do qual a pessoa em formação se consagra totalmente a Deus no seguimento de Cristo, ao serviço da missão.³

Também mudou a presença dos/as formadores/as na formação. Eles/elas, hoje, não são mais “policiais”, mas sim homens e mulheres “especialistas no caminho da procura de Deus, para serem capazes de acompanhar também outros neste itinerário”,⁴ tendo como modelo de acompanhamento o de Jesus com seus discípulos,⁵ para “alimentar aquela resposta de amor pessoal ao Senhor, que é condição essencial para se tornar discípulos e apóstolos do seu Reino”,⁶ a partir da liberdade e da responsabilidade. Uma formação “centrada na pessoa”⁷

Discernimento

Sabemos muito bem que a formação à Vida Consagrada não é algo fácil, simples ou automático. É um processo complexo que precisa ser acompanhada com cuidado e avaliada periodicamente.

¹ Cf. José Rodríguez Carballo, OFM, Secretário de la CIVCSVA, La Vida Consagrada a 50 años de la Lumen Gentium y Perfectae Caritatis. Caminos de conversión y de futuro, em *Vida Religiosa, Monográfico* 1/2016, vol. 120, 27-87.

² São Paulo da Cruz, para formar à espiritualidade passionista, falava de “Passio in cordibus” (*A Paixão de Jesus no coração*).

³ Cf. VC 65.

⁴ VC 66.

⁵ Cf. Em particular: Lc 24,11ss.

⁶ VC 64.

⁷ Cf. os estudos do psicólogo humanista Carl R. Rogers.

* **Giovanni Cipriani** é sacerdote religioso passionista. Superior provincial da nova Província passionista da “Exaltação da Santa Cruz”. Doutor em Psicologia pela Universidade “La Sapienza” e em Bioética pela Universidade Teológica Angelicum, ambas em Roma. Atua como assessor e pregador de Retiros. Palestrante e articulista na área da bioética e da formação à Vida Consagrada. **Endereço do autor:** Rua Souza Magalhães, 637 – Barreiro – Belo Horizonte – MG. CEP 30640-570. **E-mail:** giovcipr@gmail.com.

A formação é cuidadosa quando é entendida como um processo *contínuo, dinâmico, progressivo, gradual e integrador*, constituído de diversos momentos e etapas e de um dinamismo de crescimento que requer continuidade e paciência. Não é o resultado de um dia nem de um ano.

Nesse processo de anos, é importante que o formador conheça os avanços do/a formando/a, suas paradas e regressos.

O acompanhamento formativo é cuidadoso quando é avaliado periodicamente. A avaliação periódica leva o formador a refletir sobre a ajuda humana, psicológica, espiritual e os meios que está oferecendo ao formando para crescer e amadurecer; e o formando, a refletir sobre sua caminhada vocacional. Nenhum formando deveria ser avaliado se não foi suficientemente acompanhado.

A formação à Vida Consagrada “atinge bons resultados graças ao acompanhamento pessoal dos candidatos e àquela generosa partilha do percurso, que permite o conhecimento de sua interioridade e favorece processos de crescimento. A esta tarefa, a ser desempenhada com dedicação e espírito evangélico, une-se o empenho de um atento discernimento que acompanhe, desde o início, as diversas etapas do caminho”.⁸

O discernimento deve ser “livre das tentações do número ou da eficiência, para verificar, à luz da fé e das possíveis contra-indicações, a veracidade da vocação e a retidão das intenções”.⁹

Ao término do percurso formativo, o formador “deve estar em condições de conhecer profundamente o candidato, e de identificar, de modo sereno e objetivo, as características humanas e espirituais que poderão fazer dele um pastor. Em casos nos quais, não obstante o cuidado e acompanhamento, ele não conseguisse identificar positivamente, com o maior grau de certeza humanamente possível, tais dotes e, em geral, a idoneidade da pessoa em vista do recebimento da Ordem, é necessário intervir com determinação, no amor pela verdade da pessoa e pelo bem da Igreja. De fato, especialmente em relação a algumas problemáticas humanas, espirituais e morais, não abordadas e não resolvidas, é preciso desfazer o mito de um possível melhoramento ou mudança de certas situações após ter recebido as Ordens Sagradas, como se a graça sacramental e o simples decorrer do

⁸ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO E CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA, *Carta aos Superiores dos Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica*, 28 de abril de 2016 (Prot. n. 20152168).

⁹ CIVCSVA, *Partir de Cristo: um renovado compromisso da Vida Consagrada no terceiro milênio*, 2002, 18.

tempo bastassem, por si só, para superar problemas inerentes à personalidade ou à vida moral e espiritual”.¹⁰

Ao contrário, há problemáticas humanas que com o tempo pioram sempre mais.

Vou partilhar uma “ficha” preparada para a avaliação do processo formativo na Província passionista da “Exaltação da Santa Cruz”.

Na avaliação não podem faltar esses pontos:

- 1) *Família*: idade dos pais, condição econômica da família, onde a família vive. Religiosidade. Pais divorciados, separados, amasiados. Aceitação e valorização da própria história familiar. Relacionamento atual com a família.
- 2) *Experiências passadas, antes de entrar no seminário*: experiências familiares, escolares, afetivas, de trabalho. Se essas experiências estão condicionando à caminhada vocacional.
- 3) *A saúde física*: estado de saúde atual. Aceitação, maturidade e equilíbrio diante das doenças.
- 4) *Vida cristã e maturidade espiritual*: vida de oração pessoal, vida sacramental, *lectio divina*, devoção mariana, capacidade de silêncio interior, espírito de penitência e mortificação, integração da vida pastoral com a vida de oração.
- 5) *Maturidade humana*: conhecimento de si, autoestima, aceitação e valorização da própria história pessoal, capacidade de renúncia, fidelidade aos compromissos assumidos, sinceridade, capacidade de assumir responsabilidades, empenho no trabalho, prática do esporte, higiene e cuidado com o corpo, uso de meios de comunicação, abertura para os problemas da humanidade.
As virtudes humanas: lealdade, fidelidade, autocontrole (maturação da vontade), autodeterminação, respeito e confiança mútua, uso do dinheiro tendo em vista o voto de pobreza, amizade, partilha de trabalho diário, capacidade de assumir compromissos regulares de modo estável, espírito de serviço e doação.
- 6) *Maturidade e equilíbrio afetivo*: capacidade de viver com equilíbrio as emoções, de avaliar serenamente a vida matrimonial e celibatária, de

¹⁰ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO E CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA, *Carta aos Superiores dos Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica*, 28 de abril de 2016 (Prot. n. 20152168).

se relacionar com os outros – homens, mulheres, jovens, crianças, idosos – de maneira equilibrada e sem psicoddependência ou possessão afetiva, adequado conhecimento da sexualidade, aceitação da própria sexualidade, predisposição para o voto de castidade, dependências.

- 7) *Empenho pessoal no discernimento e acompanhamento vocacional: docilidade* (docilidade) ao formador. Projeto pessoal de vida (VC 93). Periodicidade voluntária do encontro com o formador, aceitação e prática regular da direção espiritual. A certeza moral da vontade de Deus sobre a vocação. Desejo livre, claro e consciente de se consagrar ao Senhor na Congregação passionista.
- 8) *Empenho em viver o “Projeto de Formação”*: assumir e viver o projeto montado pelo formador e formandos no início de cada ano.
- 9) *Maturidade cultural*: capacidade crítica de leitura, capacidade de síntese. Empenho em cumprir as tarefas acadêmicas.
- 10) *Carisma, espiritualidade e missão da Vida Consagrada*: distinção entre a Vida Consagrada, Vida Religiosa e Vida Sacerdotal. Conhecimento e prática da Liturgia das Horas. Conhecimento e prática dos compromissos derivantes dos votos religiosos.
- 11) *Conhecimento da Congregação*: conhecimento do Fundador e dos outros santos/as da Congregação, conhecimento da missão da Congregação no Brasil e no exterior, conhecimento das principais celebrações da Congregação, aprofundamento da “Regra” de São Paulo da Cruz, das Constituições e dos Regulamentos passionistas.
- 12) *Carisma, espiritualidade e missão passionista*: vida de oração pessoal, espírito contemplativo, meditação pessoal, oração comunitária, direção espiritual. Empenho de configuração ao Cristo crucificado. Identificação com o carisma, espiritualidade e missão da Congregação. Amor, serviço e solidariedade para com os mais pobres. Sensibilidade missionária no Brasil e no exterior.
- 13) *Amor à Congregação*: o formando tem estima e amor à Congregação? Ele vive do “gostar” ou do “amar”? Passou do “eu gosto da Congregação” ao “eu amo a Congregação”? Do “eu gosto da comunidade” ao “eu amo a comunidade”?
- 14) *Atitude à vida comunitária*: relacionamento comunitário, espírito de serviço, criatividade na vida comunitária, compromisso em observar as regras da comunidade, capacidade de colaborar com os outros, interesse e cuidado com as coisas e os bens da comunidade, partilha do tempo e dos bens. Capacidade de dialogar com os irmãos. Capacidade de viver como membro ativo da comunidade (“construtor” e não

simplesmente “consumidor” de comunidade). Capacidade de aceitar a autoridade. Aceitação e cumprimento fiel e generoso das próprias tarefas na comunidade. Espírito de desapego à própria família e à própria terra (Mt 8,18-22).

- 15) *Maturidade pastoral*: aceitação da doutrina da Igreja. Relacionamento equilibrado e respeitoso com o povo. Atitude autoritária com o povo. Amor ao povo de Deus. Maturidade e capacidade de equilibrar o trabalho pastoral com as exigências da vida comunitária. Capacidade de trabalhar em equipe.

Orientações:

- A avaliação do processo formativo deve ser semestral, feita pelo formador (e sua equipe, se tiver).
- O nível de maturidade do formando, nas várias áreas, deve ser relativo à sua idade e à etapa de formação.
- A avaliação não é um “diagnóstico”; é uma descrição do comportamento do formando durante o semestre (como o formador e a comunidade veem o formando. Não precisa recorrer a testes psicológicos).
- Na avaliação distinguir sempre a “estrutura da personalidade” da “imaturidade da pessoa”; um comportamento devido à “fraqueza humana” e um comportamento devido a motivações não coerentes com a Vida Consagrada.
- Avaliar as *motivações* (conscientes e subconscientes), e não apenas o comportamento.
- Discernir e avaliar a *idoneidade*: a real capacidade (psicológica e espiritual) de viver os valores da Vida Consagrada, da vida passionista e do sacerdócio. Os sinais de autenticidade na capacidade e vontade de assumir e viver estes valores (empenho e resposta).
- Discernir e avaliar, também, a *reta intenção*: a seriedade e honestidade com que o jovem vive em tempo de formação e se prepara para assumir os compromissos de sua vocação passionista.
- A ficha de acompanhamento e avaliação deve ser lida ao formando, e perguntar se ele se encontra na avaliação do formador. Conversar sobre os pontos de divergência.
- Na ficha devem ser colocados: a) Aspectos positivos, b) Avanços dados, c) Aspectos que devem ser trabalhados. A partir daí, traçar caminhos e etapas para o semestre seguinte.

- Uma cópia da ficha de avaliação deve ficar com o formando, uma com o formador, na “Pasta do formando”, e outra deve ser enviada para o superior provincial. A “Pasta do formando” deve sempre acompanhá-lo nas várias etapas da formação. Terminado o processo de formação, ela será guardada no arquivo provincial.
- O confessor, o diretor espiritual e o psicólogo que acompanham o formando não podem fazer parte da equipe de avaliação.¹¹

¹¹ Para o uso da Psicologia na Formação e presença do psicólogo no discernimento vocacional, ler: CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Orientações para a utilização das competências psicológicas na admissão e na formação dos candidatos ao sacerdócio*, 2008.

A boa notícia da família: novas posturas e novos métodos

JOÃO DÉCIO PASSOS*

A família não é somente o objeto de reflexão da Exortação *Amoris Laetitia*, mas o sujeito com o qual o Papa dialoga. Não somente o tom do discurso, mas também a consciência de se estar falando, antes de tudo, com as famílias concretas, localizadas em diferentes condições sociais, culturais e morais (3) coloca a família como sujeito fundamental na sociedade e na Igreja. As famílias são portadoras de alegrias, dilemas, desafios e esperanças, e todos precisam estar sintonizados com elas. Francisco deixa claro que a Exortação supera uma visão idealizada de família (36), as orientações doutrinárias fixas e universais (59), bem como a norma legal aplicável a todas as situações (300).

Embora seja um discurso comum nos documentos papais, Francisco dirige a Exortação a todos os segmentos eclesiais, portanto, às próprias famílias, na medida em que o direciona aos leigos. Com efeito, esses sujeitos mencionados são receptores que deverão acolher as orientações e buscar, por meio delas, discernir as situações concretas, conforme insiste o Santo Padre. A recepção de um Documento constitui, certamente, o momento mais fundamental do ensino do Magistério papal, quando se coloca sob teste a compreensão, a adesão e a aplicação de um determinado ensinamento. No pontificado de Francisco a questão da recepção merece especial atenção, tendo em vista as rejeições explícitas aos seus ensinamentos por parte de muitos clérigos e, não raro, por parte de membros do próprio episcopado. Há que falar, ainda, dos indiferentes, aqueles que acolhem seus

* **João Décio Passos** é livre-docente em Teologia pela PUC e professor do Dep. de Ciência da Religião da mesma Universidade e do ITESP, e editor assistente na Paulinas Editora.

ensinamentos dentro da estrita formalidade, evitando entrar no cerne das questões e recolher os desafios novos que trazem e as possibilidades de mudança de práticas e de mentalidades. Por essas razões, o desafio dessa Exortação será chegar às famílias concretas e, nesse chão, encontrar possibilidades de germinação de suas orientações. As chances de uma recepção autêntica da “Boa notícia” oferecida pelo Documento estão seguramente nas famílias, sujeitos primeiros a receber, vivenciar e transmitir a mensagem.

A semente foi lançada

A parábola do semeador (cf. Mc 4,3-9) tematiza de modo metafórico os tipos de recepção da Boa-Nova do Reino anunciada por Jesus. Desenha uma cena viva e realista: a Boa Notícia não produz o mesmo efeito em todos os que a escutam. Não se trata de um conteúdo que se impõe a todos como verdade absoluta, mas de uma oferta que pressupõe adesão livre. A relação entre anúncio e recepção é inerente à evangelização. Se o sujeito ouvinte não acolhe a Palavra, ela não produz frutos, pode morrer e nem sequer germinar. A sabedoria da parábola revela o que ocorre em qualquer processo pedagógico: trata-se de um diálogo entre sujeitos concretos. Mas ensina também que a recepção de um conteúdo transmitido é sempre plural e complexa. Há diferentes modos de receber, incluindo aqueles que deixam a mensagem nas “margens do caminho”, não escutam a novidade oferecida; outros a acolhem com indiferença, após ouvi-la, e a deixam morrer no “sol ardente” da rotina da vida; outros, ainda, a rejeitam e a sufocam com os “espinhos” da autorreferencialidade e da prepotência.

Francisco oferece mais uma Boa-Nova em seu ministério de bispo de Roma: *a alegria do amor em família*. E não se trata primeiramente de um refrão bonito, legítimo e repetido pela doutrina tradicional da família. A Exortação traz algo de novo que precisa ser anunciado a todos, inclusive aos próprios padres sinodais que solicitaram a palavra final do Papa sobre as questões debatidas e deliberadas no Sínodo. Mas as famílias deverão ser seus principais interlocutores. É sobre elas e a elas que a Exortação se dirige primordialmente. Eis a grande tarefa pastoral de agora em diante para todos os que pretendam levar a sério os ensinamentos do Papa. Contudo, iluminados pela própria parábola do semeador, podem-se observar diferentes modos de recepção da Exortação, todos eles interessados em afirmar uma determinada visão, mais comportada ou mais renovadora, contrária ou favorável ao conteúdo fundamental do Documento. Esses modos de

recepção têm acompanhado outros Documentos papais.¹ A figura assumidamente renovadora de Francisco tem provocado diferentes reações nos segmentos eclesiais, incluindo de modo inédito para os tempos atuais aquelas que se opõem publicamente aos seus ensinamentos. Com essa Exortação não foi diferente. Membros da Cúria Romana se manifestaram já durante os Sínodos que a antecederam suas posições contrárias a certos apelos de Francisco. E após a promulgação continuaram afirmando a doutrina moral tradicional fixada em normas universais, entendidas como antídoto a todos os problemas atuais que envolvem a família e como regra de vida para todos os fiéis de todos os lugares. Alguns bispos afirmaram de modo insistente que a Exortação não havia trazido nenhuma novidade, que a doutrina permanecia exatamente a mesma. A imensa maioria do clero permanece recolhida no silêncio, não faz ecoar a boa notícia da família contida no Documento. De fato, de modo geral a recepção dos ensinamentos de Francisco por parte da hierarquia tem sido pautada pela indiferença (forma disfarçada de oposição), quando muito por uma leitura seletiva que enquadra a novidade dentro das velhas molduras da doutrina. A novidade do Documento é que, na verdade, deve ser repassada ao povo de Deus, novidade que preserva o que o cristianismo tem de mais original – o dom e amor e a postura de misericórdia – e avança na busca da coerência na vida eclesial em cada espaço específico: com seus apelos concretos a serem discernidos e assumidos.

Um novo modo de semear

A convocação e realização dos Sínodos da família em 2014 e 2015 já explicitaram as diferentes reações às convocações de Francisco para que fossem renovadas as atitudes e as orientações da Igreja em relação às famílias no mundo de hoje. Evidentemente, o Papa falava antes de tudo em renovação de posturas da parte da Igreja, especialmente da parte do clero em relação às famílias ditas irregulares. De fato, tratava-se – e tratava-se – de uma chamada antes de tudo pastoral, que exige renovação das práticas e de mentalidades. Mais uma das exigências de conversão pastoral postas pela programática de pontificado de Francisco (EG 27). Contudo, essa renovação que soa como apelo insistente vem acompanhada de uma nova perspectiva doutrinal que a fundamenta. A renovação pastoral exige uma mudança de olhar sobre o significado da doutrina e da norma sobre

¹ Cf. PASSOS, J. D. *A Igreja em saída e a casa comum*, p. 138-144; 173-178.

a família. Nesse âmbito, o Papa não recua, mas, ao contrário, avança para novas formas de interpretar e expor a doutrina moral sobre a família. O conjunto da Exortação pretende fazer isso em seu método, em sua estrutura geral e, por conseguinte, em seu conteúdo.

O método fundamental do Concílio Vaticano II

O Vaticano II é a referência imediata das posturas renovadoras do Papa Francisco. Como se sabe, o Concílio não adotou um único método em suas reflexões e orientações que resultaram nos documentos oficiais. Entretanto, é possível perceber em seu modo de pensar e expressar uma postura metodológica fundamental: a referência às fontes bíblicas e a referência à realidade atual. A circularidade entre essas duas realidades dá o dinamismo das reflexões em todos os Documentos e constitui a novidade em relação ao método escolástico utilizado pelos documentos eclesiais até então. O Papa João XXIII já havia convidado os padres e toda a Igreja a fazerem um *aggiornamento*. Havia tocado também nas consequências doutrinárias dessa chamada, ao distinguir a substância da doutrina de sua formulação (*Discurso de Abertura do Vaticano II*). O Concílio seguiu essa orientação. Colocou a Igreja (e toda a tradição doutrinal que a fundamenta) em contato direto com a realidade de então (buscando entendê-la analiticamente e acolhê-la solidariamente). A reforma conciliar foi feita a partir dessa postura básica que preservou a tradição, renovando-a a partir dos fundamentos bíblicos e dos apelos da realidade presente.

Francisco dá continuidade a essa postura metodológica em todos os seus pronunciamentos. No discurso de Abertura do Sínodo ordinário em outubro de 2015 a deixou clara: os padres sinodais deveriam articular o *depósito da fé* com o *depósito da vida*, ao enfrentarem as problemáticas concretas da família.² A Exortação adota de modo coerente e construtivo esse método, quando:

- segue os passos clássicos do método ver–julgar–agir, que faz interagir os desafios da realidade com a luz da Palavra, a reflexão e a ação, o olhar sociológico com a vivência espiritual;
- adota os textos bíblicos como fonte principal de onde se retira a referência para interpretar a tradição, e não o contrário, como se pode observar nos Capítulos I, III, IV e V;

² Cf. <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_2015005_padri-sinodali.html>.

- apresenta a realidade concreta das famílias como um desafio a ser desvendado (Capítulo II), como uma tarefa de ação pastoral (Capítulo VI) e como um dado ambíguo que deve ser discernido, acolhido e integrado pelas comunidades eclesiais (Capítulo VIII);
- adota como postura básica e transversal a misericórdia que antecede toda postura normativa universal e puramente legal.

A Exortação é um convite ao discernimento e à prática renovada da Igreja em relação às famílias concretas que, longe de serem perfeitas, estão marcadas por angústias e ambiguidades, por dores e por esperanças. As comunidades eclesiais devem renovar de agora em diante suas posturas e metodologias pastorais. As normas morais tradicionais da Igreja devem ser confrontadas com cada situação, com cada caso concreto, superando pressões soluções fixas e universais. A misericórdia que o *nome de Deus* prega deve ser a regra de vida da comunidade eclesial.

O método para pensar e praticar a vivência familiar

A recepção coerente da Exortação deverá acontecer, antes de tudo, como mudança de postura e de método em relação à compreensão das famílias nos dias de hoje e como busca dos meios de inserção na comunidade eclesial. Acolher orientações de Francisco exige conversão de visão e de prática, após um longo tempo de uma doutrina e de uma prática consolidadas que, por essa razão, se tornaram naturais e habituais na Igreja e não contribuíram com a solução dos problemas concretos das comunidades eclesiais (36–38). Mudar de mentalidade e de prática é sempre uma tarefa exigente de adesão e decisão em relação ao novo. As posturas pastorais em relação às famílias parecem resumir-se basicamente em duas: uma que se agarra à norma moral estrita sem fazer concessões aos casos irregulares e outra que faz vistas grossas sem qualquer preocupação com a norma oficial. A primeira dispensa o discernimento, uma vez que a norma resolve todos os casos, bem como dispensa a reflexão por entender que ela funda-se em uma doutrina inquestionável e pronta para ser aplicada. A segunda dispensa a reflexão por entendê-la incoerente e ineficaz e opta por uma espécie de anistia geral. Na verdade, ambas dispensam o discernimento das realidades particulares e o assumir maduro da comunidade de fé das famílias concretas, com todas as suas ambiguidades.

O método do discernimento exige o confronto da doutrina com a realidade, seja no sentido de repensar a formulação da doutrina perante os apelos da realidade, seja no sentido de mudar a prática iluminada pela doutrina.

Os sentidos de fé e de realidade abrem necessariamente uma circularidade entre as duas dimensões da vida cristã e possibilita a criação de situações eclesiais mais coerentes com a lei fundamental da misericórdia. É nesse sentido que o Papa Francisco lança o desafio de que a reflexão continue após os Sínodos buscando aprofundar a questão da família:

... a complexidade dos temas tratados mostrou-nos a necessidade de continuar a aprofundar, com liberdade, algumas questões doutrinárias, morais, espirituais e pastorais. A reflexão dos pastores e teólogos – se for fiel à Igreja, honesta, realista e criativa – ajudar-nos-á a alcançar maior clareza (2).

A Exortação não oferece uma doutrina pronta e universal que venha resolver todos os problemas concretos das experiências familiares (300). Essa é a novidade e o desafio mais fundamental para todos os sujeitos eclesiais: discernir as realidades particulares a partir da fé. Esse discernimento é um convite a toda comunidade eclesial a assumir a realidade atual das famílias. A questão mostrava-se até então como solucionada; não constituía propriamente um problema para as comunidades eclesiais, na medida em que estava delegada à decisão das autoridades eclesiais já munidas de uma doutrina pronta a ser aplicada a todos os casos, ou, então, ignorada por todos no anonimato corriqueiro da vida paroquial, onde prevalece o comportamento de massa sob as relações diretas. Os bispos, os párocos e os agentes leigos deverão, de agora em diante, assumir com maior autonomia as situações concretas das famílias e vivenciar de forma madura e responsável a convivência comunitária entre os mais frágeis e os mais estáveis, entre os mais coerentes e os menos coerentes em relação às “normas morais”. A *Amoris Laetitia* inaugura, desse modo, uma nova etapa de discernimento e aprendizagem para toda a Igreja. Mais que uma doutrina renovada sobre a família, ela é um convite ao crescimento mútuo na fé, o início de um caminho novo para a Igreja na busca de diálogo e acolhimento dos distintos modelos de vida familiar vivenciados pelos cristãos no seio da comunidade de fé. A esse respeito vale citar todo o número 3 da Exortação, uma pérola de renovação metodológica extraída do âmago mais profundo da tradição cristã:

Recordando que o tempo é superior ao espaço, quero reiterar que nem todas as discussões, morais ou pastorais, devem ser resolvidas através de intervenções magisteriais. Naturalmente, na Igreja, é necessária a unidade de doutrina e prática, mas isto não impede que existam maneiras diferentes de interpretar alguns aspectos da doutrina ou algumas consequências que decorrem dela. Assim há de acontecer até que o Espírito nos conduza à verdade completa (Jo 16,13), isto é,

quando nos introduzir perfeitamente no mistério de Cristo e pudermos ver tudo com o seu olhar. Além disso, em cada país ou região, é possível buscar soluções mais inculturadas, atentas às tradições e aos desafios locais. De fato, “as culturas são muito diferentes entre si e cada princípio geral (...), se quiser ser observado e aplicado, precisa de ser inculturado” (3).

As exigências dessa nova orientação são grandes. Solicitam consciência e responsabilidade dos sujeitos eclesiais; pressupõem comunidades maduras que superem as relações anônimas e indiferentes entre os seus membros; convidam para a superação de receituários morais e conclamam para a prática da misericórdia como motivação e fim da vida cristã. Essa práxis eclesial deverá ser construída, ainda não existe. A Igreja deverá passar por uma conversão em suas relações e em sua mentalidade moral.

Uma nova semente

As perguntas pela preservação e pela inovação trazidas pela Exortação têm sido feitas por muitos, mas não são novas. Elas já se fizeram presentes no processo de realização dos Sínodos, marcando de modo muito nítido os noticiários, mas, para o bem da verdade, a relação do Papa com os padres sinodais. A retomada da prática da sinodalidade é um dos frutos do Vaticano II que buscou formas mais colegiadas de exercício do ministério petrino. Francisco a exerceu plenamente na condição de Papa. Ficaram nítidas as distintas posições: as posições dos padres sinodais e a do Pontífice em relação a certos problemas das famílias atuais. Basta ler os Discursos de abertura e encerramento pronunciados pelo Papa.³ A Exortação está posicionada nessa busca de consenso entre o relatório final (*Relatio finalis*) e as convicções de Francisco, como ele mesmo deixa claro na Introdução (2-5). Um Documento pós-sinodal carrega necessariamente os limites e as possibilidades da construção do consenso. Por meio dele o Pontífice não fala sozinho, como no caso de uma Encíclica, mas fala explicitamente como representante do colégio dos bispos. Nesse caso, pode-se dizer que se trata de um Documento construído sobre o possível e não sobre o desejado pelo Papa. Francisco soube relacionar magistralmente com as distintas posições dos padres sinodais no concurso dos Sínodos. Não furtou manifestar suas posições pessoais, ao mesmo tempo em que respeitou as divergências de um modo exemplar, não lançando mão de suas prerrogativas de autoridade papal na condução das reflexões. Acolheu imediatamente o Relatório final

³ Cf. *Relatório final*, p. 121-140.

determinando sua publicação imediata e aceitou elaborar a própria Exortação. Se o processo sinodal revelou de modo claro posições distintas entre o Papa reformador e o episcopado de maioria conservadora, revelou igualmente a capacidade de Francisco de conviver com as diferenças e oposições e buscar em meio a elas as possibilidades efetivas de unidade eclesial.

Contudo, o Papa deixa claro que é preciso inovar os modos de interpretar e aplicar a doutrina quando afirma:

- O *princípio da realidade* que supere as abstrações e excessivas idealizações sobre a família que não contribuem com o crescimento do casal na acolhida da graça do amor (36).
- O *princípio da inculturação* da doutrina moral em cada realidade particular, como caminho que supera a norma fixa e universal (3).
- O *princípio da processualidade* na vida a dois, o que exige ir além de uma visão do ato do matrimônio como momento final e definitivo do relacionamento amoroso (133, 134, 220, 221).
- O *princípio da misericórdia* como postura fundamental, anterior à norma enquanto tal.
- O *princípio do amor* na vida matrimonial que supera visões biológicas fixistas que dispensam as vivências concretas e que se coloca como fundamento da procriação (36, 166, 305).
- O *princípio da autonomia* que coloca a consciência do casal como instância primária da decisão moral, anterior, superior e posterior à norma moral objetiva (37, 222).
- O *primado da graça* em relação à doutrina e à lei, quando confrontadas com as pessoas em situações “irregulares” (49-305).
- O *princípio do acolhimento e da integração* de diferentes modelos e vivências familiares na vida comunitária, sem prejuízo do ideal familiar cristão (293, 307, 310);

A Exortação recoloca a doutrina sobre a família nos horizontes do Evangelho e da vida. Situada entre essas duas realidades, ela adquire, de fato, um novo dinamismo e, sem dúvidas, um novo significado. Essas renovações podem ser soterradas pelas velhas visões e práticas há muito estabelecidas na Igreja e que, de fato, se orientam pela lei da preservação e da inércia. Ademais, uma cultura da conservação ainda hoje hegemônica na Igreja tende a reproduzir o antigo e em sua moldura acolher seletivamente as novidades – as boas notícias do amor em família – oferecidas pela Exortação. Será necessário promover uma recepção ampla das orientações do Papa

Francisco para que as sementes por ele lançadas possam germinar novos tempos na Igreja e na sociedade. A misericórdia é um modo de vida e não uma doutrina que resolve todos os problemas; é tarefa de construção e não um estado de espírito; é uma meta permanente e não um estado de vida definitivamente alcançado.

Cuidar da semente...

A *Amoris Laetitia* sai da zona de conforto da solução doutrinal e legal da norma instituída e acabada e chama para o discernimento permanente nas situações concretas. Francisco avança na proposição de uma nova compreensão da função (e da natureza) da doutrina na vida da Igreja, como já havia ensinado em sua Exortação programática (EG 35-39). Todos estão convocados para essa missão que exige conversão e ação. Os pastores e teólogos (2) e as comunidades eclesiais (100) devem aprender a discernir a realidade das famílias à luz do Evangelho. Os casais são convidados a fazerem a experiência primordial do amor em suas vivências erótica, familiar, espiritual e educacional.

As orientações de Francisco passam de uma moral objetiva centrada na lei natural e aplicada em todas as situações para o Evangelho da família que oferece o remédio da misericórdia e chama para o discernimento e a integração. A boa-nova da família está centrada no amor. É o amor que fundamenta a vida familiar na relação de seus membros, desde a relação erótica até as relações de perdão entre os seus membros, desde o *sim* do matrimônio até o envelhecimento do casal, desde a vivência do ideal cristão até as “vivências irregulares”. O nome concreto da vivência do amor por parte dos seguidores de Jesus Cristo é a misericórdia. Na misericórdia as comunidades cristãs podem tecer um novo modo de pensar e relacionar com todas as famílias.

A boa notícia da família oferecida por Francisco rompe com velhos padrões. A luz do Evangelho e os apelos da realidade pedem renovações concretas na comunidade de fé. A compreensão da família e as práticas eclesiais em relação à família deverão entrar, agora, em uma nova fase. Todos são chamados à conversão, à revisão de conceitos estabelecidos, dos velhos métodos pastorais e dos modos de convivência comunitária. Será necessário aprender de novo o significado da família na comunidade de fé e organizar de modo diferente todas as ações pastorais a ela destinadas. Será urgente promover a recepção intensa das orientações da Exortação em todos os segmentos da Igreja, de modo particular entre os leigos que

vivem imersos diretamente nas questões expostas pelo Documento. O que não for verdadeiramente conhecido, não será de modo algum praticado. As novas práticas que poderão ocorrer nas bases não somente acolherão as orientações papais, mas contribuirão com o avanço dos caminhos abertos pelo Sínodo e darão um passo adiante na construção de novos rumos para a compreensão cristã da família (199). Essa é a novidade e a tarefa para todos.

Referências bibliográficas

- FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- _____. Exortação Apostólica Pós-sinodal *Amoris Laetitia*. São Paulo: Paulinas, 2016.
- PASSOS, J. Décio. *A Igreja em saída e a casa comum*. São Paulo: Paulinas, 2016.
- SÍNODO DOS BISPOS. *Vôcação e missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo*. Relatório final. São Paulo: Paulinas, 2016.
- <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_2015005_padri-sinodali.html>.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Que novidades essenciais traz a Exortação do Papa para as famílias?
2. Por que em todos os subtítulos o autor se refere à “semente”?
3. Qual o papel da misericórdia no novo modo de pensar e relacionar com todas as famílias?

A educação nas escolas católicas

CLEMENTE IVO JULIATTO*

Introdução

O presente artigo aborda aspectos relativos à educação oferecida nas escolas católicas, a maior parte delas mantidas por congregações religiosas. Relembra o que se entende por educação e observa algumas características das escolas. Fala sobre o carisma cristão na educação confessional católica e sobre as intenções que orientaram a fundação dessas escolas no passado. Trata de aspectos da espiritualidade, ou do cultivo do espírito, que as congregações ainda acham válidos e que não podem ser descuidados na educação que oferecem. Finalmente, aborda aspectos relativos à qualidade da educação e dos estabelecimentos educacionais.

Em que consiste a educação

Por educação entende-se o processo de desenvolver os talentos e as habilidades da pessoa. Concorde-se aqui com o psicólogo Erich Fromm, o qual considera que educar é ajudar o estudante a realizar suas potencialidades.

Desde a antiguidade até os dias de hoje, esse tema foi bastante pensado e falado. Entre os gregos, já Platão, no século IV a. C., chegou à conclusão de que o objetivo da educação é a virtude e o desejo de converter-se

* **Clemente Ivo Juliatto** e pós-doutor pela Universidade de Harvard (USA), como Fulbright Scholar, e pela Universidade de Londres; doutor em Organização e Administração de Universidades (Columbia University – NY); mestre em Ensino Superior e em Educação (Columbia University – NY); tem especialização em Planejamento Universitário (PUCRio); graduado em Matemática (UEPG) e Pedagogia – Administração Escolar (PUCRS); provedor da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba; e reitor da PUCPR (1998-2013).

num bom cidadão. Depois dele, porém na mesma linha, Plutarco afirmava que as verdadeiras raízes da honestidade e da virtude repousam na boa educação.

Entre os romanos, nos começos da era cristã, Plotino insistia que toda a pessoa não devia cessar de “esculpir a própria estátua” ou descuidar de seu próprio desenvolvimento. Assim, ele já antevia a educação como uma obrigação pessoal de autoaperfeiçoamento por toda a vida. Aliás, todo pedagogo sabe muito bem que educar é desenvolver o desejo de aprender. E que isso perdura pela vida inteira e também com os alunos em qualquer sala de aula.

Mais próximo de nós, o líder negro dos direitos humanos, por todos admirado, Martin Luther King Jr., afirmava que inteligência mais caráter são os objetivos da verdadeira educação.

A educação católica

Paulo Freire, considerado nosso grande pensador em assuntos de educação, escreveu:

Se a nossa opção é progressista, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, dos direitos e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não com a sua negação, não temos outro caminho senão viver plenamente a nossa opção. Encarná-la, diminuindo assim a distância entre o que dizemos e o que fazemos (FREIRE, 2000, p. 67).

Para o educador acima mencionado, educar consiste fundamentalmente em formar. Esse é também o propósito e a razão de ser das escolas católicas, só que direcionado para a aquisição de alguns valores específicos. Essas foram criadas para formar boas pessoas para a sociedade, ou seja, bons cidadãos e bons cristãos, cumpridores de seus deveres próprios. Aliás, com a finalidade de formar bons cidadãos é que a escola foi criada pela sociedade. Ela foi pensada exatamente para esse fim. A escola existe porque foi a melhor maneira inventada pela sociedade para preparar bem os seus cidadãos.

Ora, percebemos facilmente que a sociedade não precisa apenas de profissionais capazes de executar com proficiência os variados trabalhos que nela são operados. Ela necessita igualmente de bons cidadãos, cumpridores de seus deveres cívicos e também de boas famílias e de gente que presta. De ladrões e bandidos, embora igualmente cidadãos – porém de segunda

e péssima categoria –, qualquer sociedade procura tomar distância e se ver livre.

Educar para os valores

Educar para os valores sociais, morais, espirituais e outros é, pois, a razão de ser das escolas religiosas. Para isso elas foram fundadas e continuam a existir. E que valores são esses? Resumidamente, são os bons propósitos que devem nortear a vida de cada ser humano. Os *valores sociais* são aqueles desejados e apreciados pela sociedade. Entre eles, pode-se mencionar: a prática consciente da cidadania, o pagamento em dia dos impostos devidos, o cumprimento dos deveres cívicos, a obediência às leis estabelecidas, o afastamento dos vícios (drogas, bebidas, jogos de azar e outros) etc. Os *valores éticos ou morais* são aqueles que constituem o caráter e a integridade de vida da pessoa e que trazem a paz de consciência àqueles que os praticam. Entre alguns, convém citar: a honestidade nos comportamentos, o falar sempre a verdade, o agir com boa intenção, as boas maneiras no trato com as pessoas, a boa educação dos filhos, a prática da virtude e do bom exemplo, a colaboração com os outros, sobretudo com os mais carentes etc. Os *valores espirituais e religiosos* podem ser entendidos como aqueles que integram uma sadia espiritualidade e a prática consciente de uma religião e que distinguem as pessoas que os praticam. Entre os valores cristãos, podem ser incluídos: o cumprimento das obrigações religiosas propostas pela Igreja Católica, a prática do amor a Deus e ao próximo, o cumprimento dos mandamentos da lei divina, a prática da oração pessoal e comunitária etc. Os valores estéticos são os relativos ao bom gosto e à estética que devem nortear a vida de qualquer pessoa bem-educada. Os valores profissionais referem-se aos compromissos assumidos na área do trabalho.

A educação para os valores é, pois, uma característica e uma meta de todos os educandários católicos. Então, seguir as orientações do Evangelho, buscar a melhoria da sociedade, formar bons cidadãos e virtuosos cristãos torna-se a obrigação básica de todos eles. Recentemente, as escolas católicas foram lembradas pelo Papa Francisco, no lançamento de sua carta encíclica *Laudato Si'*, ao afirmar que elas também não podem deixar de lado o tema do respeito à natureza que nos cerca.

O cientista e pensador Pascal observa e lamenta que em nossas escolas não se ensine aos homens a serem honestos, mas que se ensine tudo o mais. Coloca-se, então, uma pergunta básica para toda escola católica: ela deve simplesmente instruir ou principalmente educar? O que é mais importante

garantir aos estudantes? Sabe-se que por *instrução* entende-se a transmissão de noções, de conteúdos e de competências específicas. Já a *educação* inclui a transmissão de valores, de posturas e de condutas comportamentais. Trata-se, no entanto, de uma separação meramente fictícia. Sobre esse ponto, o educador Paulo Freire afirma, categórico, que transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo, que é o seu caráter formativo.

A educação, no mais das vezes, é limitada à mente. É costume das escolas, mesmo das confessionais, e até uma exigência social, insistir-se sobretudo na aquisição de conteúdos. É por isso que também em nossos educandários premia-se os alunos que mais sabem as lições passadas, publica-se os resultados obtidos no ENEM e festeja-se os terceiranistas do Ensino Médio que passaram no vestibular. Entretanto, a aquisição de conteúdos não passa da metade da formação do aluno. E a outra metade como fica? Vale aqui lembrar o pensamento do filósofo inglês John Locke, que afirma ser a instrução a parte menor da educação. Procura-se encher a cabeça dos alunos de muitos conhecimentos, quando, na realidade, todo homem sensato apenas afirma: “preciso saber como viver”, lembra o escritor russo Tolstói (2011, p. 127).

As Nações Unidas, pelo seu órgão de educação (Unesco), mencionam as exigências da educação para o século XXI. Elas são: aprender a ser, aprender a conhecer, aprender a conviver e aprender a aprender. Percebe-se claramente que, na escola, é preciso ir além da formação da mente e também cuidar de outros aspectos considerados importantes.

Pergunta-se, então: que sociedade queremos? Que cidadãos queremos? E, em consequência, que escola queremos? A serviço de quem estamos? De poucos? De todos? Das pessoas ou das coisas? Deixamos as respostas a estas perguntas por conta do leitor. Como ajuda, trazemos a resposta a uma delas dada por Tolstói: “Se Deus existe, então isso (estar a serviço de poucos) não pode e não deve acontecer... Uma organização de vida assim é um absurdo porque não é vantajosa para todos” (TOLSTÓI, 2011, p. 149 e 150). Essa frase dá muito o que pensar!

Nossas escolas católicas

Nossos fundadores não pensaram diferentemente. Cito São Marcelino Champagnat, iniciador da obra marista. Ele estabeleceu um grupo de

Irmãos educadores para “formar bons cristãos e virtuosos cidadãos”. Isso aconteceu logo depois da caótica situação educacional deixada pela Revolução Francesa. São João Bosco e tantos outros fundadores de instituições educacionais tiveram a intenção de formar gente boa, livre de defeitos, enfim, gente que prestasse para o bom convívio social.

Percebemos, então, que a verdadeira educação não consiste tanto em *encher* cabeças, quanto em *formar* boas cabeças e bons corações. Consiste, pois, em ensinar a pensar e a agir corretamente. O pensador François Montaigne sacramentou esse pensamento dizendo que mais vale uma cabeça benfeita do que uma cabeça cheia.

Aristóteles, por todos considerado um grande filósofo, dizia que uma pessoa educada ao lado de uma deseducada pode ser comparada a um vivo próximo de um morto. É, pois, notório que a educação pode nos tornar pessoas melhores, que sabem como agir, e até mais felizes porque agem corretamente. É verdade que se a educação sozinha não consegue transformar a sociedade, como bem observa Paulo Freire, sem ela tampouco qualquer sociedade haverá de mudar.

Em minha vida de estudante e de profissional me deparei com muitas definições de escolas e de universidades. A melhor que encontrei, no entanto, foi uma definição medieval de universidade, escrita pelo Papa da época, na bula de reconhecimento da Universidade de Paris (Sorbonne), e que pode ser aplicada às escolas de qualquer nível. Define-se a universidade como uma “comunidade de mestres e discípulos irmanados na busca da verdade”. O termo comunidade vem da união das palavras “comum + unidade”. A expressão “mestres e discípulos” refere-se, na linguagem daquele tempo, a professores e alunos. Busca da verdade é o propósito maior de qualquer escola. Note-se que se fala de busca; conclui-se, então, que a verdade só é buscada, porque ainda não foi totalmente encontrada por todos.

Não poucos pais de alunos que procuram nossas escolas foram também alunos de nossos educandários. Eles querem uma boa educação para os filhos e desejam para seus pupilos o mesmo tipo de educação que tiveram; exatamente por isso os entregam a nossa responsabilidade. É evidente que não podemos decepcioná-los.

A busca da qualidade

Do que dissemos acima, resulta ser uma evidente preocupação das escolas católicas a busca da qualidade nos serviços educacionais que oferecem.

Naturalmente, elas precisam demonstrar um tratamento diferenciado para com a qualidade. Por um lado, elas sentem a obrigação de ser melhores do que as escolas públicas, pela simples razão do Estado brasileiro ser laico e, assim, as escolas estatais não poderem dar preferência a nenhuma religião. As escolas confessionais percebem que podem atingir uma boa qualificação, pela simples razão da existente “mediocridade geral da nação”... E que isso não só podem, como devem! Por outro lado, temos de concordar que elas devem ser eficientes no que fazem.

Elas precisam demonstrar uma dupla preocupação com referência à qualidade: a) necessidade de mostrar excelência nos conteúdos que ensinam e no que praticam e b) necessidade de serem fiéis à própria orientação religiosa de sua congregação e de promoverem a Igreja Católica. Claramente, isso implica uma administração diferenciada; o que significa estar atento em seguir as orientações da Igreja sobre educação, cuidar com carinho de todas as atividades educacionais do estabelecimento e estar em contato permanente com a autoridade eclesiástica.

Sabe-se que o grau de qualidade da educação e das escolas depende principalmente do grau de preparação dos responsáveis (gestores, coordenadores, professores e colaboradores), da vontade do aluno em aprender, das condições do ambiente escolar e do grau de eficiência da gestão. Basicamente, uma boa escola sempre foi aquela que possui bons professores e bons alunos, desde que disponha, é claro, das condições necessárias ao ambiente escolar.

A seguir, são mencionadas as características principais da educação de qualidade, condições que funcionam como um decálogo da qualidade da educação:

- 1) é complementar à educação da família (os pais são os verdadeiros educadores dos filhos);
- 2) é abrangente no currículo (é oportuno lembrar de que o currículo é tudo o que se faz na escola);
- 3) é atualizada (e, se possível, vanguardeira);
- 4) é voltada ao essencial (trata da preparação para a vida material e espiritual);
- 5) é voltada mais para a aprendizagem do que para o ensino (de todos, é claro, e não apenas dos bons alunos!...);
- 6) está muito próxima do estudante (o aluno vê amigos nos gestores, professores e orientadores);

- 7) é empenhativa no que propõe (o aluno participa quando percebe que algo é para o seu bem);
- 8) é espiritualizada (mão indiferente ou materialista);
- 9) é acompanhada do bom exemplo dos professores, gestores e funcionários (isso é condição essencial!);
- 10) é avaliada periodicamente (a avaliação é o meio de melhorar).

São mencionadas também, a seguir, algumas características da boa escola:

- 1) é bem organizada e bem orientada (possui equilíbrio entre democracia e disciplina);
- 2) possui educadores competentes e bem preparados (é bom lembrar-se de que na escola todos são educadores!...);
- 3) prepara seus educadores (realiza reuniões pedagógicas, cursos, palestras etc.);
- 4) valoriza a educação, o ensino, o estudo e o progresso de todos (oferece prêmios aos melhores desempenhos);
- 5) é exigente com seus gestores, professores e alunos (nos horários, tarefas, limpeza etc.);
- 6) é voltada à inovação e à variedade de atividades (promove múltiplos talentos e oferece múltiplas alternativas);
- 7) é aberta à sociedade e à comunidade (é voltada para a cidadania, promove atividades no bairro);
- 8) promove e educa para valores (ensina e exige ordem, disciplina, esforço, em sala de aula e fora dela);
- 9) ajuda os menos favorecidos (tem programas de ajuda em todos os sentidos e promove atividades em bairros carentes);
- 10) é preocupada com a formação moral e espiritual de toda a comunidade escolar (oferece aulas sistemáticas, programas diversos, atividades variadas, grupos etc.).

Compromissos da escola católica

Percebe-se, então, que a escola católica tem várias obrigações, por sua condição de confessional. Em particular: ser uma escola de qualidade, cuidar da pastoral, marcar presença na comunidade onde está inserida, oferecer à sua comunidade escolar a participação em variadas experiências.

O cultivo da espiritualidade ou do carisma da escola católica consiste, em outras palavras, na ênfase que ela dá a experiências oferecidas à comunidade escolar, ressaltando sempre os valores que a caracterizam. É de notar que essas experiências marcam profundamente quem delas participa, sejam professores, alunos ou funcionários, ou mesmo pessoas externas. Também elas se constituem numa oportunidade ímpar de contribuir para melhorar a situação das populações-alvo, no caso de serem atividades comunitárias ou sociais.

Vemos claramente que numa escola católica é preciso proporcionar aos estudantes matriculados lições de ciência (currículo de matérias ditas profanas) e também lições de vida (currículo de matérias ditas como religiosas, experiências diversas, ambiente escolar, respeito à natureza).

Uma escola católica precisa também cuidar da qualidade. Para isso, cuidar bem dos seus professores, pois sabe que a qualidade do estabelecimento depende sobretudo da qualidade do seu corpo docente e também do seu corpo discente. Estes serão os primeiros promotores do que a escola consegue concretizar de seus propósitos e iniciativas.

Para que a qualidade aconteça, a escola precisa cuidar também de sua gestão. Os gestores e coordenadores são os responsáveis pelo que acontece dentro do estabelecimento. Eles respondem pela orientação dos professores e pelo desempenho dos estudantes, afinal, por tudo o que aí sucede. É da visão dos gestores, da ideia que possuem sobre a educação e sobre a escola e do que eles consideram importante que depende praticamente tudo o que acontece no estabelecimento. Cabe claramente a eles a gestão de tudo o que precisa ser feito na escola, sempre com os olhos voltados, é lógico, para a missão do estabelecimento.

Portanto, não basta que as coisas sejam feitas; na gestão da escola católica, é preciso conseguir que seja feito em cada ação administrativa, financeira, pastoral, educacional e pedagógica o que é de acordo com o Reino de Deus, com a mais alta qualidade profissional (BALBINOT, 2015, p. 163).

Desejo, entretanto, insistir numa questão particular: é preciso estar consciente e alerta para o que está acontecendo neste momento em muitas escolas particulares do Brasil. Percebe-se claramente a presença de uma forte tendência no sentido de apresentar nossas escolas com todas as características de verdadeiras empresas. É sabido que a administração de empresas é uma coisa e a boa administração de uma escola é outra. Aquela é uma ciência e esta também o é. É bem verdade que ambas zelam por algumas

questões comuns, mas nem todas são coincidentes. A escola, por sua própria natureza, não pode ser uma instituição lucrativa como uma empresa o é. Sem dúvida, ela precisa cuidar de certos aspectos que implicam gastos, mas tem a obrigação de investir no desenvolvimento das pessoas, o que não preocupa tanto as empresas, cujo objetivo maior é o lucro financeiro.

Os administradores das escolas católicas precisam igualmente estar atentos aos contínuos desafios da educação contemporânea, sobretudo nos aspectos de gestão e de currículo. Também precisam acompanhar as tendências de futuro da sociedade e as implicações que elas trazem para a educação dos seus alunos.

Finalmente, os responsáveis pelo trabalho escolar, principalmente gestores e professores – é claro que os funcionários também – têm de dar bom exemplo aos estudantes. É sabido que mais vale o que fazem do que aquilo que dizem. Aliás, neste ponto, o educador suíço Pestalozzi é muito feliz ao afirmar que educação consiste em exemplo e amor, nada mais. Sobretudo, não pode faltar o exemplo de cultivo pessoal constante (material e espiritual). Os estudantes precisam acreditar que Cícero tinha razão em aconselhar a todos a *instruir-se sempre*, uma vez que esse é o verdadeiro alimento do espírito. Eles precisam ver isso também praticado pelos seus mestres.

Os verdadeiros educadores de uma escola católica procuram transformar o estabelecimento onde atuam num verdadeiro templo de sabedoria. Eles têm presente a recomendação bíblica do livro dos Provérbios (9,1) que diz que a sabedoria edificou para si uma casa. Surge, então, uma pergunta pertinente: será que essa casa não deveria ser a escola católica? Os educadores católicos precisam ter presente que seus alunos um dia crescerão e irão lembrar-se deles e do que com eles aprenderam. Então, que procedam de tal maneira com seus estudantes que estes, no futuro, ao pensarem em pessoas honestas, modelares e imitáveis, lembrem-se dos mestres que tiveram. O educador americano Parker J. Palmer lembra isso ao afirmar que o bom ensino não pode ser reduzido a mera técnica, mas procede da identidade e da integridade do professor.

É um engano grave pensar que a obrigação da escola católica se restringe a dar a seus estudantes somente uma formação intelectual e profissional. É preciso também formar cidadãos honestos, éticos, cooperativos, solidários e conscientes dos seus deveres. O psicólogo Carl Rogers lembra que os educadores precisam compreender que ajudar as pessoas a se tornarem realmente pessoas é bem mais importante do que ajudá-las a tornarem-se matemáticas, políglotas ou coisa que o valha. Evidentemente, antes de se

tornarem profissionais de qualquer tipo, os nossos alunos são primeiramente pessoas. Se fizermos deles pessoas capazes e sensatas, eles se transformarão por si mesmos em profissionais capazes e sensatos.

Desafios e oportunidades

Quero fazer uma última consideração: sem dúvida, hoje, a manutenção de boas escolas católicas apresenta alguns desafios para as congregações religiosas que as sustentam. Isso acontece até porque nelas a presença de religiosos está ficando cada vez menos frequente, enquanto aumenta a presença do laicato, que precisa ser preparado, principalmente no exercício espiritual de suas funções. Esse e outros desafios colocados pela sociedade contemporânea batem às portas de nossas escolas e são sentidos pelos seus responsáveis. Ao lado desses desafios, porém, apresentam-se também oportunidades. A educação da juventude sempre foi para muitos que a ela se dedicam uma verdadeira paixão. É preciso que esta paixão não morra, mas se renove com novas motivações e novo interesse.

Em finais de 2015, foi realizado em Roma, no Vaticano, um Congresso mundial da educação católica, com o título *Educar hoje e amanhã: uma paixão que se renova*, em comemoração ao 50º aniversário da Declaração conciliar *Gravissimum educationis* e do 25º aniversário da Constituição Apóstolica *Ex Corde Ecclesiae*, sobre as universidades católicas. Neste congresso, estavam representados vários países e mais de 2000 educandários católicos de todos os níveis. Foi muito reconfortante ver a força e a animação da educação católica hoje na Igreja.

Continua valendo a pena manter as escolas católicas funcionando, apesar das dificuldades hoje sentidas. Elas sempre produziram e continuam produzindo bons efeitos na sociedade onde estão inseridas. E não será diferente no futuro. É uma pena saber que anualmente são fechadas uma média de três escolas católicas no Brasil, conforme levantamento da ANEC (Associação Nacional da Educação Católica). As associações existentes e as redes das escolas confessionais que estão surgindo serão benéficas e poderão trazer alguma ajuda aos estabelecimentos católicos que desejam trabalhar em conjunto, que passam por dificuldades para permanecerem abertos ou que não estão seguros de seu direcionamento. Sabe-se que é a união que faz a força.

Acima de tudo, precisamos ser honestos, verdadeiros e responsáveis ao pensar que, como educadores católicos, podemos fazer uma grande diferença na sociedade!

Referências bibliográficas

- BALBINOT, Rodinei. *Gerir a escola católica com espiritualidade*. São Paulo: FTD, 2015.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Unesp, 2000.
- TOLSTÓI, Liev. *Os últimos dias*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Em que consiste a educação católica, segundo o autor?
2. Quais as características principais da educação de qualidade?
3. Quais os compromissos da educação católica?

“E todos vocês são irmãos” (Mt 23,8) Alguns destaques de um importante documento

IRMÃO IGNÁCIO LÚCIO WESCHENFELDER*

Ao preparar uma assessoria sobre o Documento da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica: *Identidade e Missão do Religioso Irmão na Igreja*, “E todos vocês são irmãos” (Mt 23,8), selecionei alguns destaques para facilitar a leitura, compreensão e colocação em prática das ricas e abrangentes orientações. *Mutatis mutandis*, a mensagem é válida também para as Religiosas Irmãs e do interesse dos sacerdotes e leigos em geral.

Uma leitura atenta deste documento permite identificar valores expressos com clareza sobre a Vida Consagrada de Irmãos. Esses valores desvendam a identidade do Irmão como leigo e membro profundamente integrado na vida da Igreja. Nele se manifesta e expressa, da maneira mais genuína, o seguimento de Jesus Cristo. Seguem alguns destaques, nesta linha de pensamento, e depois as citações do documento que os fundamentam.

* **Irmão Ignácio Lúcio Weschenfelder, FSC**, é graduado em Letras Novilatinas pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Sagrado Coração de Jesus, de Bauru, hoje USC; pós-graduado em Gestão Escolar, pela Universidade Gama Filho – RJ; mestre em Educação pela UDELMAR de Viña Del Mar, Chile. Participou de cursos e encontros de formação do Instituto Lassalista, em Roma e Cochabamba (Bolívia), e de semanas de formação na Colômbia, no Canadá, em Cuba, nos Estados Unidos, no Chile, na Argentina e na Guatemala. Atuou como professor e diretor em colégios lassalistas dos estados de São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro; neste estado, foi diretor e reitor do Centro Universitário La Salle-RJ, de Niterói, de 2006 a 2014. Foi professor e coordenador pedagógico na Escola João XXIII da cidade de Beira, Moçambique, provincial da Província Lassalista de São Paulo e diretor de comunidades religiosas. Atualmente, é diretor da Sede da Associação Brasileira de Educadores Lassalistas, em São Paulo-SP.

Destaques da Introdução

A Vida Consagrada tem origem “prevalentemente laica”. Seu objetivo: “viver o Evangelho com radicalidade”. Quando se recomenda que a Igreja se inspire em suas origens, esse objetivo ressalta a excelência da Vida Consagrada do(a) Irmão(ã).

O sentido de irmão/irmã constrói-se na verticalidade enraizada na filiação divina e, como efeito dessa mesma verticalidade, amplia-se, horizontalmente, pelo comprometimento solidário e pela “fraternidade universal em Cristo”. A identidade do(a) Irmão(ã) consagrado(a) realiza-se, como condição, somente pela integração dessa verticalidade e dessa horizontalidade. Na ausência do diálogo harmonioso dessa integração, frustra-se o sentido de consagração.

A consagração de si mesmo, como “dom total a Deus” e como testemunho permanente desse dom para memória do povo cristão, nunca perde seu sentido de atualidade.

Todos os segmentos da Igreja são destinatários do documento, e não apenas os Irmãos Religiosos, pois em todas as instâncias de ministérios e de serviços deve ser “apreciada e promovida a vocação do Religioso Irmão”.

A exortação apostólica *Vita Consecrata*, de 1996, é a principal fonte que inspirou a elaboração de *Identidade e Missão do Religioso Irmão na Igreja*, “E todos vocês são irmãos” (Mt 23,8).

O Religioso Irmão assume, como profissão de fé, as características dos cristãos em geral e se torna para eles testemunho sensível, próximo e contagiante.

A identidade do Irmão se revela pelas relações de fraternidade, pela entrega de sua vida em forma de partilha do ser e do ter com o próximo, em espírito de total gratuidade a serviço da missão.

Da Introdução

Seguem citações do documento para cada destaque acima expresso. Coloquei em destaque as expressões mais significativas dos textos citados:

“A partir dos primeiros séculos do Cristianismo, a *Vida Consagrada foi prevalentemente laica, expressão do desejo ardente de homens e mulheres de viver o Evangelho com a radicalidade* que ele propõe a todos os seguidores de Jesus” (p. 5).

“O nome de irmão/irmã ressalta a dignidade fundamental de todos os que creem, filhos no Filho do mesmo Pai celestial (cf. Mt 5,45), chamados a formar uma *fraternidade universal em Cristo*, o primogênito de muitos irmãos” (cf. Rm 8,29) (p. 6).

“O Religioso Irmão e as Religiosas, com a sua participação no mistério salvador de Cristo e da Igreja, são *memória permanente para todo o povo cristão da importância do dom total de si mesmo a Deus...*” (p. 6).

Os destinatários: “Este documento é dirigido também aos *leigos, aos sacerdotes religiosos, aos sacerdotes diocesanos, aos bispos* e a todos aqueles que desejam conhecer, apreciar e *promover a vocação do Religioso Irmão na Igreja*” (p. 7).

Marco de referência deste documento: “*Vita consecrata*” (p. 7).

“Os religiosos hoje têm o desafio de reconhecer que, embora sendo comum a todos, eles as vivem (*as características do tesouro comum da Igreja propostas a todos os fiéis*) de um modo particular, tornando-se, assim, um sinal para todos” (p. 8).

“Tríplice perspectiva da identidade do Irmão: a *fraternidade*, como dom que recebe (*mistério*), dom que compartilha (*comunhão*) e dom que entrega (*missão*)” (p. 8 e 9).

Destaques do Capítulo I

Observação: após a série de destaques, seguem as citações originais do documento, de acordo com a numeração.

1. Uma questão de fé: Na origem da vocação do(a) Religioso(a) Irmão(ã) está o chamado de Deus. Ele escolhe cada pessoa para um serviço. Então, é essencial que o(a) candidato(a) a Irmão(ã) acredite firmemente nessa escolha e se comprometa com a aliança que Deus faz com ele(a), e sinta que não pode fugir desse laço, como aconteceu com os Profetas. Inclui-se, nesta reflexão, a ideia de que o chamado a ser Irmão(ã) subentende que ele(a) nem aspire ao sacerdócio ordenado.

2. Esse mistério (da escolha de Deus para alguém se tornar ou ser Irmão(ã)), enraíza-se na Trindade com o objetivo de expressar a íntima “comunhão do Pai e do Filho, como dom do Espírito Santo”. Somente expressando essa comunhão e manifestando esse dom realiza-se a consagração religiosa. Deste mistério emanam os sentidos de verticalidade e de horizontalidade da consagração religiosa, conteúdo apontado no destaque n. 2 da introdução. Conclui-se que, na formação de Irmãos(ãs), esse é o tema principal, com todo seu conteúdo, para a boa formação que deverá

tornar-se substância espiritual e de convicção humana de quem se apresenta a um Instituto de Vida Consagrada leiga.

3. A resposta de fidelidade do(a) religioso(a) Irmão(ã) não se restringe como aliança dele(a) com Deus. Tem que haver um sentido de originalidade, já que todo batizado cristão é objeto e sujeito dessa aliança. A originalidade da Vida Consagrada está no ensinamento do “Servo de Javé” como se apresenta em Isaías, isto é, servidor junto ao povo. A serviço da aliança de Deus com o povo, o(a) consagrado(a) adquire sua identidade. Pode-se afirmar, ainda que de forma não absoluta, que o sacerdote tem seu coração no altar e o coração do(a) Religioso(a) Irmão(ã) está com o povo. Inserir aqui a expressão “de forma não absoluta”, pois o Papa Francisco insiste que, também, os sacerdotes abram a igreja e saiam ao encontro do povo, por motivo de solidariedade.

4. Dessa forma e com esse serviço, o(a) Irmão(a) contribui para a santificação do povo de batizados e vive, com radicalidade especial, sua consagração batismal.

5. “Todos somos irmãos” revela uma das grandes novidades dos ensinamentos de Cristo. E, como o mundo está longe de viver essa novidade, os chamados de Irmãos, integrantes da Vida Consagrada, são ou têm que ser especialistas, peritos, exemplos de fraternidade. É um projeto de vida que se torna tanto mais excelente quanto mais e melhor os Irmãos são vistos e sentidos pelos menores, pelos mais pequenos do povo, pelos excluídos, pelos pobres... É surpreendente e emocionante que estes possam chamar alguém de “irmão” graças ao espírito de solidariedade. Pode-se afirmar, assim, que o Irmão é alguém de fora tornado bem próximo de quem precisa de fraternidade e que é todo coração neste mundo de tantas necessidades sociais, psíquicas e espirituais.

6. O exercício da fraternidade, no caso dos Irmãos, não se limita a um simples humanismo que muitas pessoas, felizmente, exercem sem pertencerem à Vida Consagrada. Porém, os Irmãos exercem a fraternidade como ministério que revela “os valores fundamentais do Evangelho” e a ação de Jesus Cristo, hoje, no meio do povo.

7. O efeito dessa fraternidade, com essas características e manifestações, gera espírito de comunhão das pessoas entre si, das pessoas com os Irmãos, como membros da mesma Igreja, bem como na área ecumênica. É oportuno lembrar, aqui, que a fraternidade dos consagrados produz, também, espírito de comunhão inter-religioso, como em países de maioria muçulmana, budista...

8. O profetismo do Religioso Irmão se manifesta pelo serviço a todo o povo de Deus, sempre motivado pelo Evangelho e despertando esperança. Faz-se oportuno recordar a logomarca do Ano da Vida Consagrada: *Evangelho, Profecia, Esperança*.

9. O Religioso Irmão faz profissão de “conformar-se com Cristo em seu modo de viver virgem, pobre e obediente”. O fato de o sacerdócio ordenado exigir, por disciplina da Igreja, essa mesma conformação, pode tornar-se uma tentação de Irmãos aspirarem ao sacerdócio ordenado. Devemos considerar que isso nem sempre é uma tentação. Mas seria triste caso essa aspiração se inspirasse no poder e no prestígio.

10. Felizmente, o documento exalta a excelência da consagração do Irmão e o incentiva a ser fiel ao compromisso de integral dedicação à “função original” desse estado de vida, considerada como “tesouro comum”.

11. A concomitante condição de viver a laicidade e a sacralidade é esse “tesouro comum”. O religioso Irmão encontra-se nessa condição privilegiada pela qual suscita, na comunidade, a consciência da presença de Deus no meio dela. Por sua fraternidade, condição de irmão de todos, cria eficácia, como sacramental.

12. A vida fraterna não é invenção dos fundadores de Institutos de Irmãos. Origina-se dos ensinamentos, práticas e exemplos do próprio Cristo. Ele fundou a primeira fraternidade pelo seu discipulado. O grupo dos discípulos de Jesus foi visto e considerado, desde a origem do cristianismo, como uma comunidade de irmãos. Porém, foi necessário que os fundadores reavivassem esse espírito de comunhão entre os cristãos, pois essa *pérola* preciosa do amor cristão corria risco de perder-se.

13. A fraternidade vivida pelos Irmãos religiosos torna-se, necessariamente, dinâmica. Ela é uma energia fantástica a explodir em missão que, por sua vez, graças a sua visibilidade, suscita fraternidade na comunidade.

14. O nome “irmão”, como designação dos consagrados não sacerdotes, encerra o sentido de sua missão, independentemente do trabalho apostólico que exercem: testemunhar a fraternidade como Jesus, “o primogênito do Pai entre muitos irmãos”, a viveu e ensinou.

Capítulo I – Os Religiosos Irmãos na Igreja-comunhão

Seguem as citações do documento para ilustrar cada destaque apontado, com numeração correspondente:

1. “Eu te escolhi como aliança do povo” (Is 42,6).

2. “A fonte deste mistério (de comunhão e da salvação) não está, portanto, na Igreja em si, mas na *Trindade, na comunhão do Filho com o Pai, no dom do Espírito Santo*. Essa comunhão é o *modelo, fonte e meta* da comunhão dos cristãos com Cristo; e dela nasce a comunhão dos cristãos entre si” (*Christifidelis laici*, 8, e *Vita consecrata*, 41) (p. 11).

3. “A Vida Consagrada, que ‘está no coração da Igreja como *um elemento decisivo para a sua missão*’ (*Vita consecrata*), deve olhar para este coração a fim de encontrar-se e compreender a si mesma.” (...) Esta contemplação é iluminada pela figura do Servo de Javé, descrito por Isaías, a quem Deus disse: “Eu te escolhi e coloquei como aliança do povo” (Is 42,6) (p. 12).

4. Do povo de batizados, “onde todos têm uma vocação comum à santidade... nasce e se insere a Vida Consagrada e, dentro dela, a Vida Religiosa laica com uma nova e especial consagração que desenvolve e aprofunda a consagração batismal” (p. 13).

5. “A vocação do Irmão é parte da resposta que Deus dá ao vazio de fraternidade” (p. 14). Isso envolve *solidariedade*; lembra a *saça ardente*; *Deus que convoca para libertar da opressão; sensibilidade por tudo o que afeta os menores e os que estão à margem da história*” (p. 14).

6. O 1º ministério dos Irmãos: “manter viva, nos batizados, a consciência dos valores fundamentais do Evangelho” – “A fraternidade dos Religiosos Irmãos é um estímulo para toda a Igreja, porque torna presente o valor evangélico das relações fraternas *horizontais* diante da tentação do domínio, da busca do primeiro lugar, do exercício da autoridade como poder: “Quanto a vocês, nunca se deixem chamar de mestre, pois um só é o Mestre de vocês, e todos vocês são irmãos” (p. 14, 15 e 16).

7. “Os Irmãos fazem sua urgência, que a própria Igreja se coloca a si mesma, *de implantar e promover a espiritualidade de comunhão*” (cf. *Vita Consecrata* e *Novo millennio ineunte*, 43) (p. 16).

8. O Religioso Irmão “é chamado a viver plenamente e de modo profético o mistério de Cristo e da Igreja, a partir da Vida Consagrada, como um serviço a todo o povo de Deus” (p. 17).

9. “No decorrer dos séculos, este objetivo (*de conformação com Cristo em seu modo de viver virgem, pobre e obediente*), tão essencial à Vida Consagrada, tem corrido o risco de passar para o segundo lugar na Vida Religiosa masculina, em favor das funções sacerdotais” (17 e 18) – O documento lembra Fundadores que destacaram o caráter laico de suas fundações: São Bento, São Francisco, São João de Deus, São João Batista de La Salle, Sta. Ângela Merici, Mary Ward... (p. 18).

Observação: É oportuno acrescentar, aqui, também o nome de S. Marcelino Champagnat.

10. O documento incentiva os Religiosos Irmãos a “reafirmar, com renovado empenho, esta função original da Vida Consagrada” (de desenvolver o tesouro comum, dos serviços e ministérios, de guias especializados da vida espiritual) (p. 19).

11. “Alguns aspectos do tesouro comum: vida sacramental; pertença ao povo de Deus; integração pessoal de laicidade e sacralidade; sinal da presença de Deus nas realidades seculares, assumindo os ministérios eclesiais comunitariamente; vida fraterna em comunidade; um carisma compartilhado” (p. 19 a 21).¹

12. “Irmão: uma experiência cristã das origens”. Não apenas origem do seu Instituto, mas do Evangelho, e experiência não apenas dos consagrados, mas de todos os cristãos: “Se vocês tiverem amor uns para com os outros, todos reconhecerão que vocês são meus discípulos” (Jo 13,35) (p. 22).

“A fraternidade se destaca, com lugar especial, no conjunto do tesouro comum dos cristãos”. “E é pérola que os Religiosos Irmãos cultivam com um cuidado especial (...) como memória profética de sua origem” (p. 22).

13. “*A fraternidade e a missão se requerem mutuamente*, e ambas são desenvolvidas por impulso ou exigência do Espírito. Este é o dinamismo que se estabelece: o cultivo da fraternidade cria maior consciência da missão e o desenvolvimento da missão produz fraternidade” (p. 23).²

14. “O nome de ‘irmãos’ designa positivamente o que tais religiosos assumem como missão fundamental de sua vida: ‘Estes religiosos são chamados a ser irmãos de Cristo, profundamente unidos a ele, primogênito entre muitos irmãos’ (Rm 8,29) (p. 24).

Do Capítulo II – Identidade do Religioso Irmão

Um mistério de comunhão para a missão

Observação: Para os capítulos II e III não relacionei destaques, já que as citações expressam a maioria dos relacionados à Introdução e ao Capítulo I.

¹ No parágrafo “Um carisma partilhado”, o texto ressalta apenas essa partilha com outros cristãos, o que se denomina de ecumenismo. É possível ampliar essa partilha com outras religiões, com o diálogo inter-religioso. Assim, há comunidades educativas, mantidas por irmãos consagrados, onde muçulmanos, budistas... são a maioria e eles vivem o carisma, a espiritualidade do Santo Fundador na ação escolar...

² Esse “requerer-se mutuamente” exige especial aprofundamento em nossa reflexão. O que significa, em que implica e que amplitude sugere? Em suma, condena a dicotomia e a possível duplicidade de vida dos irmãos.

1. “Memória do amor de Cristo: ‘O mesmo devem fazer vocês...’ (Jo 13, 14-15) – Fazer o quê? – *Lavar os pés...*; *Amar até o fim* (Jo 13,1); continuar a obra de salvação; *contar as maravilhas* que se operam por Jesus: os cegos recuperam a vista, os paralíticos andam...” (p. 25).

2. “*A Igreja sente-se, portanto, constituída em povo ministerial* por mandato de Jesus” – “... o próprio Espírito Santo reanima, entre os fiéis, a lembrança de Jesus na atitude do servidor e na urgência de seu mandato: [...] e todos reconhecerão que vocês são meus discípulos” (Jo 13,35) (p. 26 e 27).

3. “... para que os cegos vejam, os coxos andem, os prisioneiros sejam libertados; e para educar a juventude, cuidar dos doentes, atender os idosos [...] *muitos desses serviços são reconhecidos como ministérios eclesiais*” (*Vita consecrata*, 60; *Novo millennio ineunte*, 46) (p. 27).³

4. “*A vocação e a identidade do Religioso Irmão* adquirem significado nessa dinâmica, que é ao mesmo tempo integradora e complementar para os diversos ministérios, mas também necessitada e promotora de sinais proféticos” (p. 27).

5. “*A fraternidade, dom que recebemos.*” Essa fraternidade tem sua fonte “no amor que Deus tem por nós...” (1Jo, 4,16). Dessa fonte nasce o sentido do “encontro com um acontecimento, com uma pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, através dele, uma orientação decisiva” (Bento XVI, em *Deus caritas est*) (p. 28).

6. A vocação do Irmão se insere “no *projeto de comunhão* que Deus tem sobre a humanidade e que se fundamenta na *comunhão trinitária*. Tal projeto, o mistério que foi revelado a nós em Cristo, visa estabelecer uma *relação horizontal entre Deus e a humanidade*, no interior da própria humanidade, ali onde Deus quis habitar” (p. 29).

7. Das “*relações de filiação*” nascem as “*relações de fraternidade*”. “Por isso que dizer ‘irmão’ é o mesmo que dizer ‘mediador do amor de Deus’, do Deus que ‘amou de tal forma o mundo que entregou o seu Filho único para que todos os que creem nele tenham a vida eterna’” (Jo 3,16) (p. 29).

8. “*Nada há de maior que a consagração batismal.* ‘O Batismo nos regenera à vida dos filhos de Deus; nos une a Jesus Cristo e seu Corpo que é a Igreja;

³ São João Batista de La Salle (1651-1719), fundador dos Irmãos das Escolas Cristãs, escreveu, com abundância de referências, há trezentos anos, que educar a infância e a juventude cristãmente é um Ministério na Igreja. Os educadores cristãos são ministros de Jesus, seus embaixadores, seus representantes, insistia ele. “*Já que Deus, em sua misericórdia, vos confiou tal ministério, não aduldereis a sua Palavra. [...] Considerai-vos nisso como ministros de Deus e dispensadores de seus mistérios*” (São João Batista de La Salle, *Obras Completas*, volume II b, página 435, Editora Unilasalle, Canoas, 2012).

nos unge no Espírito Santo, tornando-nos templos espirituais” (*Christifideles Laici*, 10) (p. 30).

9. “O Espírito do Senhor está sobre mim; ele me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-me para proclamar a libertação aos cativos e a recuperação da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos e para proclamar um ano da graça do Senhor” (Lc 4,18-19) (p. 31).

10. “A comunidade é um espaço teológico onde Jesus se faz presente no meio dos irmãos (cf. Mt 18,20)” (p. 34). “Nele se experiencia o mistério de Jesus Ressuscitado como anúncio e envio” (p. 34).

11. “O Religioso Irmão, como o leigo comprometido na sociedade secular, vive o sacerdócio universal segundo diferentes modalidades.” “O Irmão recorda ao leigo comprometido na sociedade secular que o progresso na terra não é o objetivo final...” (p. 35).

12. “Os votos expressam, portanto, o compromisso do Irmão de viver o mistério de Deus, do qual foi constituído, juntamente com seus irmãos, sinal e profecia para a comunidade eclesial e para o mundo: (*Vita consecrata*) mistério de amor, de aliança, de fraternidade” (p. 37).

13. “Os Religiosos Irmãos conciliam a oração oficial da Igreja com a dimensão do serviço que caracteriza sua Vida Consagrada. Eles cultivam uma atitude contemplativa capaz de vislumbrar a presença de Jesus em sua história, na vida cotidiana, em seus afazeres e compromissos, para com ele poder exclamar: ‘Eu te bendigo, Pai... porque revelaste estas coisas aos simples...’” (Lc 10,21). (p. 39).

14. “O alicerce que mantém a comunidade religiosa é, acima de tudo, o dom da fraternidade que foi recebido antes mesmo do empenho ou da generosidade de seus membros ou da tarefa que realizam.” “Ela não se apoia em laços naturais, mas sobre a força do Espírito Santo...” (p. 41).

15. “Construída sobre a base da fé, a comunidade exerce o ministério de revelar o amor de Deus Trindade através da comunhão que nela reina” (p. 42).

16. “A comunidade dos Irmãos é em si mesma uma manifestação privilegiada do sacerdócio batismal” (p. 42).

17. “Os Irmãos constroem a comunidade a partir do dom alegre de si mesmos.” “Nessa celebração da vida não pode faltar o perdão entre os irmãos...” (p. 43).

18. “A comunhão representa, por sua vez, a fonte e o fruto da missão.” “A comunidade é sempre uma fraternidade para a missão” (p. 43).

19. “A aprovação dos Institutos de Irmãos, por parte da Igreja, comporta, em primeiro lugar, o compromisso da missão que é realizada a partir de seu próprio carisma. Em segundo lugar, o reconhecimento de que o seu compromisso com as diversas situações humanas em que estão envolvidos não é algo acidental ou externo à sua vida religiosa, mas sim uma parte essencial de sua identidade e de sua consagração” (p. 44).

20. “O ministério não é identificado com uma tarefa específica. É o conjunto da comunidade que a realiza através dos vários serviços de seus membros, incluindo o da oração, da oferta do sofrimento por parte dos enfermos, da atitude solidária de uns com os outros... A comunidade inteira é responsável pela missão que a Igreja lhe confiou” (p. 45).

21. “O amor mútuo é o distintivo dos cristãos (cf. Jo 13,35), e este é o sinal que os Irmãos oferecem” (p. 46). “A partir desse eixo (‘um só coração e uma só alma’ – At 4,32) os Irmãos organizam sua ação apostólica conscientes de que esta consiste em transmitir o que os Irmãos previamente vivem em comunidade” (p. 47).

22. “... a obediência, pela qual todos se unem em torno de um projeto comum, ‘num mesmo testemunho e numa mesma missão, respeitando a própria individualidade e a diversidade de dons’” (*Vita consecrata*, 92) (p. 47).

23. “Essa vivência profética (de contestação aos contravalores do mundo, por seu estilo de vida segundo o Evangelho, se opõe ao que o mundo promove...) requer uma ruptura inicial com o lugar de origem, com a família, com os amigos e com o povo... para depois recuperá-los, a partir do enraizamento na nova família, no novo quadro referencial da fraternidade universal” (p. 47 e 48).

24. “Em todo o Evangelho é notável a preocupação de Jesus por aliviar o sofrimento e satisfazer as necessidades das pessoas... ‘Entre evangelização e promoção humana – desenvolvimento, libertação – existem de fato laços muito fortes’” (*Evangelii nuntiandi*, 31) (p. 51).

25. “Os Religiosos Irmãos desempenham diversos e valiosos serviços dentro e fora da comunidade, participando assim na missão de proclamar o Evangelho e dar testemunho dele com a caridade no cotidiano da vida. Com efeito, alguns desses serviços podem ser considerados ministérios eclesiais, confiados pela autoridade legítima” (*Vita consecrata*, 60; p. 52).

26. “As atividades que o Irmão realiza, mesmo as mais apostólicas, podem variar ou desaparecer por causa de doença ou de idade avançada, mas ele está sempre em missão” (p. 54).

27. “Os Irmãos são chamados, portanto, como comunidade, a convidar à oração, a compartilhar a busca e a experiência de Deus, a facilitar a leitura das Escrituras e aprofundar o diálogo entre fé e cultura...” (p. 55).

28. “Hoje, onde estão os confins do mundo? Já não coincidem com os lugares distantes, mas com situações de marginalização, nas periferias do nosso mundo” (p. 57).

29. “Muitos Religiosos Irmãos realizam sua missão exercendo uma profissão secular, seja no serviço de saúde, seja na educação, na assistência aos imigrantes, no acompanhamento de crianças e adolescentes em situação de risco etc.” (p. 58).

Do Capítulo III – Ser Irmãos hoje: uma narração da graça “Permaneçam no meu amor!” (Jo 15,9)

1. “Uma narração que seja história de salvação” “A Vida Consagrada sempre foi uma história de graça na Igreja e para o mundo: ‘um dom de Deus Pai à sua Igreja através do Espírito’, que orienta o olhar dos fiéis ‘para o mistério do Reino de Deus, que já atua na história, mas espera sua realização plena no céu’” (*Vita Consecrata*) (p. 61 e 62).

2. “A vida dos Irmãos é uma história, uma história de salvação a seus contemporâneos [...], porém há um sinal que jamais deve faltar: a opção pelos últimos, por aqueles que a sociedade descarta e rejeita” (*Evangelii gaudium*).

3. “Quem é meu irmão? (...) Para quem ou de quem nós nos tornamos irmãos? A resposta para os Religiosos Irmãos é clara: de preferência, daqueles que mais necessitam de sua solidariedade e são indicados no seu carisma fundacional” (p. 62).

4. “A história do Irmão, hoje, começa a ser construída a partir da formação inicial: nela o vocacionado a este estilo de vida toma consciência da experiência do Servo. ‘O Senhor me chamou desde o seio materno, desde as entranhas da minha mãe pronunciou o meu nome. [...] Sou precioso para o Senhor, e em Deus está a minha força’ (Is 49,1.5). O jovem formando vai crescendo no sentimento de pertença ao povo de Deus, dentro do qual e para o qual foi escolhido” (p. 64).

5. “Profetas para o nosso tempo: A profecia da hospitalidade na abertura e acolhida do outro, ao estrangeiro, aos de religião, raça ou cultura diferente” (p. 67).⁴

⁴ Exemplo moderno dessa abertura e acolhimento é a comunidade formada por lassalistas e maristas no Líbano, para dar acolhimento às crianças exiladas. Este é apenas um exemplo de outros que ocorrem neste mundo de milhões de refugiados.

6. “A profecia do sentido da vida: a profecia da afirmação dos valores femininos na história da humanidade; a profecia do cuidado e da defesa da vida, da integridade da criação; – a profecia do sábio uso de novas tecnologias para colocá-las a serviço da comunicação...” (p. 68).

Considerações finais

1. *Nossos sentimentos*: A leitura do documento *Identidade e Missão do Religioso Irmão na Igreja* desperta, em nós religiosos consagrados leigos, ânimo renovado que nos impulsiona à missão evangelizadora. O sentimento de fraternidade fala alto no meio em que estamos inseridos. Seremos chamados de *irmãos* deve mexer com nossa afetividade. Por este nome, que nos identifica e pelo qual somos chamados, numerosas pessoas, principalmente crianças e jovens, excluídos de um convívio familiar sadio, encontram em nós aqueles irmãos de que são carentes em suas famílias. Façamos questão de sermos chamados de *irmãos*. Não podemos dispensar a palavra “irmão” acrescentada ao nosso nome.

2. *Gratidão*: Agradecemos à Igreja, particularmente a D. João Braz de Aviz, Prefeito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, pela iniciativa de produzir um documento especial sobre nossa identidade. Com razão reclamávamos da falta de valorização da Vida Consagrada masculina leiga. Nosso espaço, frequentemente, era esquecido ou desconsiderado em muitas instâncias eclesiais. Tantas vezes ouvimos autoridades da Igreja, em solenidades, saudar os sacerdotes e as religiosas. E nós, Irmãos, nos sentíamos como que excluídos. Éramos ilustres desconhecidos. Porém, ao lado disso, não devíamos nem devemos reclamar, porque somos servidores da Igreja e do povo de Deus e nem sempre fizemos jus a essa condição. A Vida Religiosa Consagrada leiga é mais semelhante a Jesus Cristo, que veio não para ser servido, mas para servir.

3. *Fé*: O documento *Identidade e Missão do Religioso Irmão na Igreja* encerra uma forte mensagem de fé no valor de nossa vida de Irmãos. Dessa forma, fortalece nossa vocação e, como consequência, devemos crescer em fidelidade ao chamado do Senhor. Ante muitas deserções de colegas Irmãos, podemos aproveitar textos do documento para orar em favor da fidelidade vocacional.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Como correspondemos à confiança da Igreja, que, através do documento *Identidade e Missão do Religioso Irmão na Igreja*, valoriza nossa vocação?
2. Sentimos, através da leitura do documento, os apelos de Jesus Cristo para que nos sintamos e sejamos, verdadeiramente, Irmãos da humanidade necessitada de servidores humildes, atentos e sempre mais próximos dos carentes de fraternidade?
3. Que espaço de reflexão mereceu o documento, em nossas reuniões comunitárias, eventos, assembleias, encontros...?